

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



Salomão Rovedo  
*Chiara, Klara, Clarinha*  
Romance



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Salomão Rovedo



*Chiara, Klara, Clarinha*



Romance

---

*Da Edição de 2014 do autor, a quem pertence os Direitos Autorais.*

**Salomão Rovedo  
(1942)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 694**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2015  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como esta, do escritor brasileiro Salomão Rovedo: “*Chiara, Klara, Clarinha*”.

É isso!

*Iba Mendes*  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# ÍNDICE

<b>UM</b>	2
1 - <i>A praia de onde viemos</i>	
2 - <i>A vida começa com um dente de leite</i>	
3 - <i>Em Petrópolis, entre as árvores</i>	
4 - <i>Imagine</i>	
5 - <i>Cartas da minha cidade</i>	
<b>DOIS</b>	17
1 - <i>E ao pé voltarás...</i>	
2 - <i>Klara se lembrava</i>	
3 - <i>Quando se debate a vida</i>	
4 - <i>Um Pinot Noir amargo</i>	
5 - <i>Cartas da minha cidade</i>	
<b>TRÊS</b>	30
1 - <i>No cemitério São João Baptista</i>	
2 - <i>Crianças lambuzadas de areia</i>	
3 - <i>As três amigas</i>	
4 - <i>Antes da névoa densa</i>	
4 - <i>Cartas da minha cidade</i>	
<b>QUATRO</b>	46
1 - <i>Cartas são beijos e abraços</i>	
2 - <i>O boi Espalha Merda</i>	
3 - <i>Crônica sobre o Destino de Klara</i>	
4 - <i>O silêncio das maritacas</i>	
5 - <i>Cartas da minha cidade</i>	
<b>CINCO</b>	60
1 - <i>Entre papéis ainda legíveis</i>	
2 - <i>O espelho negro</i>	
3 - <i>Por que o ruim acontece</i>	
4 - <i>Pão com manteiga e açúcar</i>	
5 - <i>Cartas da minha cidade</i>	
<b>SEIS</b>	73
1 - <i>Submersa no pântano</i>	
2 - <i>Manual de sobrevivência para quimoviciados</i>	
3 - <i>Os meninos ciganos</i>	

4 - *A chama inesperada do amor*

5 - *Cartas da minha cidade*

**SETE**

91

1 - *O mesmo em outra intermitência*

2 - *O cheiro da manga - rosa*

3 - *Chá e fogão de linha*

4 - *Eis o mistério da fé*

5 - *Cartas da minha cidade*

**OITO**

105

1 - *Touradas em Madri*

2 - *Coisa nenhuma é por acaso*

3 - *Tão somente uma dedada*

4 - *Tio Zequinha, adeus*

5 - *Cartas da minha cidade*

**NOVE**

123

1 - *Dentro do ventre da noite*

2 - *Enquanto seu lobo não vem*

3 - *Uma clareira na mata atlântica*

4 - *A sós com ninguém que conheça*

5 - *Cartas da minha cidade*

**ANEXO**

136

*O caderno de Klara*

# CHIARA KLARA CLARINHA

ROMANCE



*Em lembrança da minha mana Clarinha (1944-2007). Para o primo-ermão Joaquim Quincas Itapary. Para as amigas de Clara. Para a turma de casa: tios, tias, irmãos, irmãs, primos, primas, filhos, filhas, sobrinhos, parentes, aderentes e afins + Yasmim e Calian.*



*Não sendo matéria de memória, não sendo biografia, nem reportagem ou ensaio, não sendo verdade, nem mentira, nem lorota, esses fragmentos são o que serão, conforme cada qual quiser.*



*Não tendo beleza, nem sendo poesia, já que muitos nomes se poderia dar, por vício de leitura e escrevinhar, digo que é Romance – e Romance será.*



*Para compor este texto me vali das crônicas de Joaquim Itapary, da leitura do Livro de Jó e muitos estudos bíblicos (que não dá pra detalhar), da memória e de invencionices.*



*Salomão Rovedo*

# UM

## 1 - A PRAIA DE ONDE VIEMOS

O Rio de Janeiro continua o mesmo: a temperatura do verão fica aí por 39 a 40 graus; a praia ainda é o programa preferido do carioca; o trânsito caótico e lento; a temperatura na areia supera os 40°C! Ante esse panorama, o kit de sobrevivência inclui consumir muita fruta, sorvetes e guloseimas geladas, peixe-frito com salada, cebolas e tomates, beber muitos caldos, água de coco, muitos chopes, muitas cervejas, muitos refrigerantes, muitos sucos. Rio 40 graus: essa é a melhor definição para o verão carioca.

Praia, sol, calor, festa – não se pode é perder tempo. Praia Vermelha, Leme, Copacabana, Praia Brava, Arpoador, Ipanema, Leblon, São Conrado, Barra, Recreio, Macumba, Prainha, Grumari, nos esperam... lotadas. Antes que o serviço de meteorologia dê o aviso fatal: aí vem a chuva! Antes de chegar a ventania, atirar areia nas pernas, fazer voar as barracas, trazer nuvens revoltas, antes do tempo virar, porque aí vai chover, vai ter temporal, fim de praia. Mas, temporal vem, chuva vai e o calorão continua acima de 40 graus.

Agora estou indo para Botafogo, um pouco distante da praia, mas o movimento das pessoas é no rumo das praias e prevalece o traje de banho. Vou me aproximando do destino e já de longe dá para ver o mosaico emaranhado de tonalidades – um dia foram cores definidas: branco, musgo, cinzento, lodoso, negro –, formando as quadras dos sepulcros mais recentes, estendendo o cemitério até nos limites do morro de São João. Um último paredão, formado pelas gavetas que comportam um caixão cada, faz fronteira entre o morro e o cemitério. Estou a caminho do São João Batista, o cemitério e não das praias.

Entre a entrada principal, na Rua General Polidoro, e o centro do terreno, fica a maior parte dos túmulos famosos. Entre centenas de sepulcros, ali está o mausoléu dos pioneiros da aviação Augusto Severo e Alberto Santos-Dumont: uma grande pedra vermelha encimada com a estátua de Ícaro. Também na necrópole se reproduz as diferenças sociais da cidade: na periferia, favelas e morros vivem os pobres miseráveis; na Zona Norte e Centro – roteiro das praias – moram a classe média e os mais abastados. Na entrada estão os túmulos de famílias nobres, lá para os fundos, subindo o morro crescem os sepulcros verticais, destinados aos menos favorecidos, alugados por dois anos, no máximo.

Revido essa paisagem em torno da qual vivi durante muitos anos, o sol abrasador me faz lembrar as muitas vezes estive ali para acompanhar o enterro de parentes e amigos. Mas não pude comparecer àquele que seria o

mais importante: o enterro de Klara. E agora, cinco anos depois de seu falecimento, posso cumprir um desejo dela: ser cremada, vontade que por muitos motivos só poderá ser atendida *post-mortem*.

Estive ausente durante muito tempo, nem mesmo ao sepultamento pude assistir, agora, por destino, cabe-me o dever de realizar esse desejo que muitas vezes Klara manifestou diante dos amigos e parentes. Agora, para se vingar da minha falta, mandava ela o sol lanhar-me com faíscas de guasca a cabeça, os ombros, as costas. É assim, no verão carioca que deixa, dia e noite, tudo fervente e seco como os climas desérticos, que me vejo em pleno cemitério São João Batista cumprindo o que considero um dever, mas um dever – não diria agradável –, porém para mim é uma coisa que faço com amor.

Mesmo antes deste momento passei pelas atribuições da burocracia sem fim, quando tive que produzir prova de ser o único parente, de que a cremação era desejo expresso da falecida, cumprir prazo de publicação, além de pagar taxas e mais taxas, documentos com firma reconhecida e atestado cartorial. Cumpridas todas essas exigências, por fim, acompanhado de dois funcionários, estou a caminho do túmulo de Klara, pensando no pouco tempo que falta para cumprir o desejo dela. É uma longa caminhada – desde a entrada principal na Rua General Polidoro, onde fica a administração do São João Batista – até o local onde me aponta o empregado, já chegando à encosta do morro, ao lado do Túnel Velho.

Fustigado pelo calor e pelo péssimo preparo físico próprio dos sedentários, caminho mais lentamente que os empregados, que me seguem na mesma pisada, mesmo a contragosto, porque muitas vezes terão que fazer esse serviço durante o dia. Foi a migração forçada pelo emprego que me obrigou a viver a vida sedentária da cidade grande, além de me exprobrar com o fato de que estarei para sempre condenado, pois quando conseguirei recuperar esse tempo? Jamais. Isso me veio à lembrança agora, pisando velhos paralelepípedos, sentindo dor nos pés e a garganta seca.

Ao passo em que me distancio da parte principal do cemitério – onde estão os mausoléus antigos (aqueles que guardam os restos mortais de pessoas famosas), noto que há demasiado abandono, falta de conservação e de cuidados mínimos no local. É que, deixados os famosos para trás e seguindo a caminhada, chegamos aos lugares onde os enterros populares se realizam. Aqui os mausoléus dão vez aos jazigos simples, os becos estreitos pavimentados com concreto substituem as ruas calçadas de pedras, o cheiro das flores desaparece e lá, mais longe, se vê as sepulturas que sobem o morro, transformando-se em favelas tumulares.



No meio do caminho passamos por mais de um féretro, ora com várias pessoas, ora com poucos acompanhantes, todos na mesma marcha sonolenta e melancólica, que costuma servir de cortejo a tais cerimônias. Volta e meia, também cruzamos com muita gente (parentes, amigos, amores eternos), que toma a iniciativa de elas mesmas cuidarem do lugar onde estão os restos dos entes queridos, pelos quais sofreram, suportaram alegrias e tristezas, mesmo decorrido tanto tempo.

Eu mesmo me via como uma dessas pessoas, mas não tinha nenhum ânimo para digressão dessa natureza. Esse era um ritual daqueles que a gente encontra em qualquer lugar do universo. Uma cerimônia que se deve cumprir sem quaisquer tipos de questionamentos.

Antes que começasse a mergulhar numa divagação e para sorte do meu cansaço, um pouco antes das íngremes ladeiras, chegamos ao sepulcro de Klara, onde uma placa de mármore tinha gravados o número, o nome e a data da ocorrência. Tomamos outro rumo, próximo aos muros antigos de grades cobertas pelo musgo verde, com manchas de azinhavre e ferrugem da umidade.

Ao lado, distante apenas uma quadra, outra família enterrava um parente. Era um grupo de pouco mais de vinte pessoas, as senhoras mais idosas vestidas de negro oravam e choravam acompanhadas de esposos, irmãos, amigos – essa classe de gente que ainda consegue fazer do enterro uma despedida merecedora da quem parte. Algumas vozes acompanhavam a oração em surdina, murmúrios, acrescentando palavras mais incisivas ao texto, conforme o rito exigia.

De longe dava para notar a presença de outros parentes e amigos em trajés de trabalho, como se tivessem interrompido o cotidiano por exigência do trágico parêntese, para o qual – missão cumprida – logo voltariam. O calor era excessivo, o silêncio foi tomando conta do grupo. Só ficou o ruído da pá do pedreiro misturando o cimento e aplicando a massa nas frestas das lajes, para impedir a entrada desagradável de oxigênio e de insetos. Como que atraídos por um ímã, todos fixaram o olhar no trabalho que o pedreiro, com cuidado e dedicação, executava debaixo do sol quente.

Como terá sido o enterro de Klara? O ambiente me faz tentar lembrar se houve alguma particularidade, além do que a tradição durante séculos nos transmitiu. Acho que não. Parece que tudo se repete ali ao lado – o que vejo é como se fosse mesmo o féretro de Klara.

É provável que tivesse mais pessoas presentes porque Klara era muito querida, tinha muitos amigos. Por outro lado, sei que ela procurou o isolamento de tudo e de todos quando resolveu se desligar para ignorar a fealdade a que o destino

resolveu submetê-la com rigor excessivo. Mas tudo deve ter transcorrido com intensa comoção por parte das amigas e amigos mais ferrenhos. E havia, sim, muitos deles.

Quantas e quantas vezes aqueles mesmos gestos foram repetidos, cada qual diante de uma plateia diferente, com as emoções latentes, sentimentos de amor e ódio... E depois que a multidão de amigos se dispersasse – como ocorre agora mesmo com os vizinhos inesperados – restará a uma última alma a tarefa de recolher os ossos e liberar o palco onde o teatro da vida apresenta o seu último ato.

A mim foi destinado a cumprir essa última obrigação para com Klara. Imerso nesse pensamento repetitivo, recostei-me à laje de um túmulo abandonado enquanto assistia aos preparativos dos dois operários. O pedreiro antecipou-se para a sua cotidiana missão: com uma marreta começou a desprender a faixa de concreto que circundava a laje e era parte da vedação. O outro rapaz acendeu um cigarro e começou a dispor no chão o seu equipamento: uma pequena urna com alça, par de luvas, uma pequena pá, fita adesiva para lacre.

## **2 - A VIDA COMEÇA COM UM DENTE DE LEITE**

Klara criou o hábito de se socorrer a mim sempre que algo inusitado acontecia. Foi assim, me recordo, desde quando o primeiro dente de leite ficou mole e ela chorou com a dor que a mordida no pão tinha provocado. O dente, um molar frontal, já estava quase solto da gengiva, mas o medo da dor fazia com que ela impedisse qualquer um se aproximar ou examinar. Depois da mordida um pouco de sangue correu pelos lábios.

Ela saiu da mesa e correu chorando em minha direção. Mais uma vez ela veio cheia de dor, com lágrimas nos olhos. Eu disse, olha, vamos fazer o seguinte. Vou pegar essa toalhinha e massagear a gengiva, assim a dor diminui. Aí, eu peguei a toalhinha, umedei com um pouco de álcool e massageei a gengiva próxima ao dente, conversando sobre o fim da dor, coisas assim.

As lágrimas logo secaram, as mãos apertaram meu braço, enquanto eu seguia massageando a gengiva. Dentro de pouco tempo estava com o dentinho na mão. Bom, eu disse, ainda está doendo? Não, ela sorriu. Eu tinha preparado um copo com água e sal – como mamãe fazia – e pedi: então vai ao banheiro, bochecha duas vezes a água e cospe. Eu já estava sorrindo, prevendo o que ocorreria. Ela foi e voltou gritando e rindo: o dente caiu! O dente caiu! Nem doeu, não doeu!

Aos onze anos ela cochichou com a boca colada ao meu ouvido umas palavras que não compreendi. Não entendi, disse. Repeti que não tinha entendido mais uma vez, não sabia o que ela queria dizer. Ela pegou a minha mão e colocou-a sobre o seio. Algo havia mudado, agora, para surpresa dela, havia um pequeno botão intumescido que começava a saltar da blusa. O que é isso? Ela perguntou. Depois eu te falo, disse. Diz logo, diz logo! Depois eu te falo, depois, repeti, e ela se conformou.

Na primeira na ocasião que ficamos sós, ela logo cobrou a explicação. E vinha cobrando com o olhar e me mostrava os seios quando saía do banho. Falei sobre o crescimento dos seios, dei o exemplo das outras mulheres, aproveitando a deixa para falar dos pelos que iriam aparecer no púbis e nas axilas. Ela, mostrando nervosismo, deu um risinho e um olhar de jeito mais que curioso brilhou. Para não complicar mais, deixei para falar do mês-truo depois.

Nessa época, nos tempos de férias e feriados, coincidia estarmos reunidos, costumávamos dormir no mesmo quarto, dividíamos o tempo e os passeios. Já era comum a vizinhança nos ver unidos para todo lado. Banhos de rio, cinema, festas na igreja, aniversário, bailes, procissão, carnaval e festas juninas – a todo lugar íamos juntos.

Volta e meia fugíamos para as praias mais distantes, desertas, onde não se teria preocupação com a presença de ninguém. A gente chegava correndo na praia, ia largando as peças de roupa entre as passadas rápidas na areia e mergulhávamos nus nas águas mornas. Ao entardecer alguns pescadores começavam a estirar as redes para o arrastão noturno. Só então, quando o sol botava os raios lilases por cima das ondas bem lá longe, com o mesmo ritual da chegada, vestindo a roupa peça por peça, a gente voltava para casa.

De noite, cansados, tanto de nossas atividades conjuntas quanto dos afazeres domésticos e familiares, ela pulava para a minha cama. Era ocasião para se atualizar dos assuntos secretos, que ninguém mais podia ouvir. Ocasão para contar e matar a sede de saber, de tudo quanto novo acontecia comigo e com ela, namoricos, fofocas e a mutação alarmante de nossos corpos. Ela, curiosa ao extremo, estava bem formada, os seios crescidos, do volume da palma da mão, os pelos púbicos começando a se encrespar. Eu, um ano e pouco mais velho, tentava, sem sucesso, mostrar orgulho com os pelos que me apareciam no rosto.

Isso porque a bisbilhotice dela se concentrava em admirar de olhos arregalados como aquela coisa pendurada em minha virilha crescia ao menor toque de suas mãos ou ao roçar de nossos corpos. E como eu também não tinha explicação, ficamos muito à vontade, livres para as brincadeiras inconsequentes, algumas sem riso, sem peso na consciência, outras que deixavam os músculos latejantes.

Numa dessas vezes, estávamos tomando banho, na algazarra normal de adolescentes, quando de repente o sangue começou a fluir entre suas pernas. Tive que acalmá-la, fazer cessar os gritos alarmados e também conter o derrame de sangue com uma pequena toalha. E foi assim, nua com a toalha enfiada entre as pernas, que tive de explicar imediatamente o significado, a temporalidade, as aparições sazonais da menstruação. Logo ela se acalmou e, fazendo caretas ridículas para mim, caiu no sono pesado, cansada da correria diária.

Agora, já adultos, quando Klara me convocou para uma conversa fiquei imaginando o que seria de tão importante.

Mas não era tão terrível assim: apenas envolvia sexo, virgindade, casamento e amor. Como sempre, para o bem ou para o mal, eu era o escolhido para tratar do assunto. Foi nesse tempo que ela conheceu Toni. E ficou de marcar um almoço para que nos conhecêssemos.

### **3 - EM PETRÓPOLIS, ENTRE AS ÁRVORES**

Veja bem esta foto, repare que ainda é em preto e branco, já mostra que ficamos bem crescidos. Estamos sentados num banco à beira do parque. Atrás de nós, um bosque com muitas árvores e arbustos floridos nas margens. Estou com as pernas cruzadas e com um cigarro entre os dedos da mão esquerda, repousada sobre a coxa. Klara está com as pernas juntas, o busto pequeno, encostada no espaldar ereto. O retrato não tem data, mas calculo que eu estava com uns 18 e ela com 16 anos, pois quase dois anos separavam nosso aniversário.

A cidade de Petrópolis – que viria a se transformar numa paixão para Klara – nasceu vila e teve origem nas primeiras sesmarias do século 18. Aproveitando a facilidade de acesso trazida pela abertura do Caminho do Garcia, aberto por bandeirantes, se transformou em via segura para transitar carga e pedras preciosas garimpadas no interior. Por isso Klara me fez memorizar toda a história de Petrópolis, não só para contar às amigas, visitantes, amigos e parentes, como para contar para ela própria, quando seu rosto espargia-se de felicidade.

O antigo Caminho Velho, de trajeto vicioso, sujeito a perigos, assaltos, roubos, assassinatos, rota de fuga para escravos, se tornava intransitável certas épocas devido às chuvas. O Caminho do Garcia se transformou em estrada de inúmeros interesses – principalmente monetário – pois dava meios de proteger as remessas de ouro, prata, diamante e pedras preciosas para o Reino de Portugal.

Com acesso facilitado e mais seguro, a Vila de Petrópolis cresceu e se derramou nos vales formados pela Serra dos Órgãos, banhados pelos rios Quitandinha, Piabanha e afluentes. Ali nasceram várias fazendas: Corrêa, Samambaia, Quitandinha, Morro Queimado, Velasco, Itamarati e Córrego Seco. Por isso, de forma natural foram surgindo os pequenos negócios – armazéns, ferradores, tropeiros, guias armados, que ajudaram a fundar a cidade: em 16 de março de 1843 com o Decreto Imperial 155, Dom Pedro II criou a Vila de Petrópolis.

O Imperador mostrou que era definitivo o seu interesse pela região, quando intensificou a transferência da sede governo para Petrópolis, até então limitada a ser refúgio do cáustico verão. Não somente o Rio de Janeiro se tornava foco de doenças, como era também lugar de crescente teor de criminalidade: sequestros, assassinatos, atentados, roubos e crimes menores. Por outro lado, a distância física do Imperador reduzia pressões políticas e reclamações sociais, que aumentavam com o crescimento da Capital. No caso particular de Petrópolis existe um elemento secreto: a vida amorosa de Pedro II. Mas nenhum historiador teria coragem de afirmar que foram os encontros com as amantes do Imperador que deram origem à cidade.

Desde que um dia eu li essa narrativa para Klara, ela sempre a repetia a todos, invertendo um fato aqui e ali, mas com muita fidelidade histórica.

No fim da tarde de domingo os céus de Itaipava se escureciam lentamente, não só por causa da noite que chegava, mas também pelas nuvens carregadas de chuva. Os clarões começaram a desenhar figuras por detrás das serras, os raios deram demonstração da força da natureza riscando os telhados das casas e as copas das araucárias. Os pássaros silenciaram de vez o alvoroço da hora do recolhimento. Em pouco tempo começou a chover e os pingos de água eram tão grossos que as feições dos moradores ficaram sérias demais. O medo das enchentes que antigas tinham provocado estava sempre latente.

A região serrana, fugindo dos padrões das cidadezinhas de veraneio, agora crescia subindo apressada e irregular pelos morros, encostas, vales. A construção de ruas pavimentadas reduzia os locais de absorção da chuva, a terra dos morros e sopés fendia como peles velhas maltratadas. Esse perigo era mais visível aos moradores: eles já sofreram a violência das águas mais de uma vez, se ressentiram um dia do turbilhão que cresce nos rios, que transforma a aparência frágil dos riachos em ondas destruidoras, que arriam das faldas raízes, troncos, pedras. Isso é motivo de franzir cenhos, deixar o sorriso de lado.

A Pousada das Araucárias fica no acesso de Corrêa, na entrada à esquerda da Estrada União e Indústria. Aproveitando as antigas instalações, um casal de portugueses resolveu descansar a aposentadoria dirigindo a pousada. Para

chegar à pousada, segue-se até a rotatória perto de Itaipava, retorna, entra e sobe o acesso íngreme, mas segura, espremida entre pés de araucárias, pinheiros e eucaliptos. Respire a mistura aromática, mais o odor das espécies nativas, verá que o ar fresco das médias altitudes penetra na gente de modo inexorável.

Quando cheguei às dez horas da manhã, as mesas do refeitório já estavam vazias, mas gentilmente me serviram o café. Claro que aproveitei bem, pois nestes dias de hoje quem é louco de recusar café *com aroma de café*, leite fervido com gosto de leite, tudo acompanhado da tradicional broa, de maciez e sabor angelicais? E mais: queijo fresco úmido de soro que se desmancha no ar, cavaca de milho, bem leve de açúcar, salpicada de erva-doce e aquela manteiga batida da nata que, se eu demorar um pouco mais contando tudo isso, ela logo vai ficar ardida? E tudo feito em casa ou nas redondezas? Quem é louco, me responda? Não eu...

Pois está dito meu amigo, a pousada é como se fosse extensão da nossa casa, de preferência daquela casa calorosa e antiga dos nossos pais e avós, que hoje só resiste nos retratos amarelados, na memória embotada pelo tempo. Além de tudo é uma casa com boa vizinhança, com hóspedes que se ajudam, fazem amizade, se cumprimentam diariamente. E saiba que, se calhar de alguém adoecer ou ter algum problema, jamais se verá tamanho poder de mobilização, de total confraternização, de ajuda mútua, compreensão e apoio. E isso os hotéis, com sua frieza polar, estão cada vez mais longe, muito longe de ser.

Repeti o café, mas não as guloseimas, depois fui até à cozinha agradecer e louvar tão santa refeição, com merecidos elogios a todo pessoal. Foi a atitude correta porque os rostos se abriram em sorrisos que avisavam a mim que não só havia ganho o dia, como toda a estada! Eis o que vale dizer um simples “muito obrigado”...

Depois de vários dias de chuva intermitente, até mesmo Itaipava, que em dias de sol resplende as cores da natureza, do verde musgo ao céu azulinho, que na claridade ecoa todos os sons dos cantos dos pássaros, até mesmo Itaipava, se mostra carrancuda. A vila se fecha em copas, sobreceño enrugado, como a velha e anciã que reclama das dores nas articulações, dos achaques da idade.

– *Que dia lindo!*

Ninguém se furta à exclamação quando, em dia claro, abre as janelas de par em par, contempla o sol brilhando no horizonte, prometendo luz e calor. No entanto não é sempre assim. Tem dias que certa gente acorda e vê o tempo fechado em nuvens morenas, gordas como mulheres grávidas, despejando em

gotas grossas toda a água que um dia bebeu e refinou desta boa terra – e não hesita em exclamar:

– *Que dia lindo!*

Porque depende da hora e do dia, do lugar e do espaço, quando se deve repetir – Que dia lindo! – já que tanto o sol quanto a chuva há de nos castigar cá embaixo se não tratamos bem a terra mãe. Você gasta o tempo devastando o chão, porque em vez de plantar alimento vive plantando dinheiro, porque para usar a madeira devasta toda a floresta, na ganância de ver os cofres cada vez mais abarrotados.

Aí, meu amigo, não tem mais jeito: haverá de pagar o erro, não com as mãos postas aos céus em reza desesperada, nem pedindo verba para o governo, porque dinheiro não traz chuva, nem com procissão – se procissão fizesse chover o nordeste era um oceano de água doce! – tem sim de se curvar de joelhos de frente para si mesmo, em contrito *mea culpa*, reconhecer o erro e tentar consertar tudo. Ainda é tempo de você deixar para os filhos algum pedaço de terra habitável, sim senhor.

No caso da região serrana as chuvas intermitentes são uma preocupação constante, porque as cidades crescem com a população desrespeitando a geografia por ignorância ou não, porque os dirigentes só se preocupam em fazer a política da reeleição eterna para consagrar os cargos. Neste caso, mesmo aqui no pedaço do paraíso chamado Itaipava, ninguém ousaria abrir as janelas para exclamar:

– *Que dia lindo!* – mesmo porque a preocupação e a solidariedade são bem maiores...

Aqui na Pousada das Araucárias, só tem uma única alegria capaz de superar os rostos preocupados com o tempo chuvoso, uma ameaça permanente para a população das encostas, para os veículos que trafegam nas estradas escorregadias, sujeitas a ameaças de desmoronamento.

É percorrer a exposição das telas nos corredores que constituem a belíssima coleção A natureza em arte – A pintura naturalista da família Demonte. Pelo folder de apresentação sou informado dos currículos de André, Ludmyla, Rodrigo, Rosália e Yvonne, porque todos carregam consigo a responsabilidade de ter exposições em casas internacionais e trabalhos publicados pelas melhores editoras de arte dos EUA e Europa.

Coleção maravilhosa, voltada para representação da natureza, fauna e flora e tanto os pássaros quanto os animais, notadamente nossos felinos, merecem dos

artistas um tratamento especial, delicado e cuidadosamente detalhado na maneira harmônica com que cada exemplar seja alocado no ambiente idêntico ao habitat primitivo. Para coroar a surpresa, somente agora sei que são de Yvonne Demonte as ilustrações do famoso livro Pássaros do Brasil, do não menos famoso Augusto Ruschi, fato que me passou despercebido então, diante da qualidade excepcional do texto do naturalista capixaba.

Cai a tarde. O sol começava a percorrer os cocurutos dos morros lá para as bandas do Distrito de Secretária, deixando o rastro arroxeadado entre as últimas nuvens. Todo dia é a mesma coisa: enorme alarido corta o entardecer, um bando de maritacas vara os montes e as árvores, de passagem para aquele bosque lá adiante produzindo algazarra sem fim. Na verdade estão fazendo o caminho de volta: ao amanhecer todo o bando parte em busca de alimento, água, novos ninhos. Atravessa a rodovia e já do outro lado se dirige àquela mata aonde ainda existe algumas araucárias. Seu alimento é a pinha, quando é tempo, o coquinho das palmeiras, frutinhas silvestres. Ainda tem muita baba-de-boi, açai, tucum. À tarde voltam a casa, ou melhor, aos ninhos.

Entre as atividades da Pousada das Araucárias havia a moda inglesa da hora do chá. As salas se enchiam de aromas leves, na mesa brotavam as travessas com biscoitos, torradas, completados com potes de patês, vidros de geleias de várias espécies. Logo me dei conta do bem que fiz em vir sozinho, sem compromissos posteriores. Hotéis, hotéis. Vivi muito em hotéis, quando ainda não tinha alcançado status suficiente para me fixar. Ainda bem que este lugar, escondido entre as serras e de mata abundante, demorou a ser povoado...

Mas nada se compara à pousada. É uma alegria ser recebido de maneira assim, com essas comidinhas saborosas, porque me trazem a lembrança de minha querida mamãe – que Deus a tenha! Mamãe herdou o hábito dos avós, que era recepcionar visitas à moda de Cascaes, origem da nossa família. Estar à mesa significava sempre alegria, união, felicidade, confraternização.

*– Deixe a tristeza lá fora – ela dizia – que ela procura outro rumo, não aqui.*

Quando o servente começou a retirar a mesa, dona natureza me convidou para sentar lá fora, no alpendre, de onde a vista descortina o desenho do vale e os montes, malhados entre arvoredo e pastagem. Descendo os degraus da casa havia a varanda com muitas cadeiras, um sofá de vime já um tanto velho, mas forrado com grandes e confortáveis almofadas de lã.

#### 4 - IMAGINE



Imagine você bonita, alegre, feliz... De repente, o dia seguinte, um dia sinistro, tudo morre ao mesmo tempo: você fica feia, você perde a alegria de viver, fica triste, infeliz, muito infeliz.

*Imagine there's no countries  
It isn't hard to do  
Nothing to kill or die for  
And no religion too  
Imagine all the people  
Living life in peace.*

Imagine você bem colocada na vida, batalhou para ter o que desejava: bens para usar, casa para morar, carro à disposição, apartamento na praia, casa na serra... De repente, de uma hora para outra, tudo acontece muito rápido: no meio de uma crise de saúde, você perde tudo, deixa de gozar os bens que havia lutado para conseguir, fica com as mãos abandonadas, falta saúde para usufruir a vida.

*Imagine que não há países  
Não é tão difícil imaginar  
Nada por matar ou morrer  
E nenhuma fé para acreditar  
Imagine todas as pessoas  
Vivendo a vida em paz.*

Imagine que você tivesse uma empregada a seu serviço, parentes, amigos e colegas de trabalho a seu lado. De repente, num átimo, todos se afastam de você, como se fosse um leproso, alguém com chagas, doença contagiante de outrora: olha para os lados e vê que não tem mais ninguém. Ninguém, nem mesmo os bichos de estimação.

*Imagine there's no heaven  
It's easy if you try  
No hell below us  
Above us only sky  
Imagine all the people  
Living for today.*

Imagine que você é bastante saudável, boa saúde, pratica esporte, mas num dia trágico você se levanta de manhã e percebe que está sofrendo de enfermidade muito grave: câncer (haverá outra mais terrível?). O seu corpo se transforma, é outra pessoa da cabeça aos pés, irreconhecível ao espelho. Desesperada, começa a raspar as feridas, olear-se com todas as essências, mas continua

cheirando mal, sua pele resseca, seu olhos afundam nas pálpebras roxas, você está como um caco de telha velho e coberto de musgo.

Imagine que não há paraíso É fácil, se você tentar, Nem inferno abaixo de nós  
Acima de nós apenas o ar Imagine todas as pessoas Vivendo o dia de hoje.

Imagine que você é uma pessoa conhecida, querida, viajada, bem relacionada na sociedade, amada, bem nos negócios e sem explicação plausível, de repente, você perde tudo, todos os amigos desaparecem, os conhecidos não telefonam mais, alguns fingem não vê-la. Você esconde os olhos sob óculos escuros, usa perucas para ocultar a calvície química, lenços e véus recobrem toda a cabeça, na mente só uma pergunta:

– Por quê?

*You may say  
I'm a dreamer  
But I'm not the only one  
I hope some day  
You'll join us  
And the world will be as one.*

Imagine que no meio dessa tragédia nada mais resta da vida, tudo se transforma em angústia e provação, num acesso de mau humor você se diz:

“Por que ainda sou justa e religiosa? Por que não amaldiçoo a Deus, aos santos, a tudo no mundo?”

Você lembra que sempre foi honesta nos negócios pessoais, nada deve aos bancos, nem a pessoas ou empresas, foi fiel às amizades, manteve o caráter íntegro, foi temente a Deus, foi às missas e frequenta a igreja de modo regular.

*Você poderá dizer  
Que sou um sonhador  
Mas eu não estou só  
Espero qualquer dia ver  
Você se juntar a nós  
E o mundo será um só.*

E na igreja você participava, colaborava, dirigia reuniões de oração e de estudos bíblicos. Você pensa: como isso foi acontecer comigo? O que fiz para que isso ocorresse comigo? Cometi alguma maldade? E então mandava a vida às favas e cometeria suicídio? Você se revoltaria, falaria mal dos santos e de Deus? Xingaria, falaria mal, blasfemaria, duvidaria da existência de qualquer deus e de

tudo o mais que considera divino? Que outra coisa no meio dessa provação você faria, que outras atitudes rebeldes você tomaria?

*Imagine no possessions  
I wonder if you can  
No need for greed or hunger  
A brotherhood of man  
Imagine all the people  
Sharing all the world.*

Muitas vezes, Deus permite que passemos por grandes provações. Mas, por que eu? Serei acaso filha de Jó? Será que isso terá um final? Poderei olhar para trás e prever que esses dias sombrios serão tempos de grande aprendizado espiritual? O que aprenderei com tantas adversidades, a não ser que o horror da vida jamais será um sinal do amor?

*Imagine não ter posses  
Pergunto se vocês conseguem  
Sem ganância e sem fome  
Uma Irmandade do Homem  
Imagine todas as pessoas  
Compartilhando o mundo.*

O sofrimento não é um tema popular que se ouça comentado por aí. Nossa sociedade é cheia de subterfúgios, fica de costas para a infelicidade, mas o câncer é parte real da vida. Por tudo isso que estou passando, tudo, sim, me diz que o sofrimento é real. Ainda recordo o primeiro dia em que recebi a notícia de diagnóstico benigno, tratei o aviso de modo especial, brindei com Toni com vinho *Pinot Noir*, tive a noção até do que é felicidade, toda a noite grudada ao corpo negro do amado.

A sirene da ambulância, que soa até de madrugada, me diz que o sofrimento é a realidade, mas não compra pão na padaria, nem come cachorro-quente na barraca da esquina. As lágrimas que correm pelo rosto na hora da dor, o silêncio pacificador que me abraça nas horas desesperadoras, a proximidade da morte, tudo me diz que o sofrimento é real – mas Deus cuidará de mim?...

*You may say  
I'm a dreamer  
But I'm not the only one  
I hope some day  
You'll join us  
And the world will live as one.*

Quando eu era menina e mamãe ainda não me tinha dado, quando por qualquer doença me sentia fraca, sentia a presença dela ao meu lado, com algum remédio caseiro e o carinho que me curava de fato. Depois aprendi que não mais minha mãe viria, mas que Deus, sim, estará no momento mais escuro da minha vida para ensinar que não dependo dessas circunstâncias dolorosas para viver.

*Você poderá dizer  
Que sou um sonhador  
Mas eu não estou só  
Espero qualquer dia ver  
Você se juntar a nós  
E o mundo será um só.*

Agora não sei mais se Ele irá mesmo me mostrar que está no controle das situações. Que o sofrimento é o anúncio de muitos milagres que estão para chegar. Portanto, enquanto estiver atravessando a privação de viver com a alma feliz e o corpo saudável, as atribulações da dor e do abandono, a dúvida sobre a fé, tentarei me lembrar de que Deus pode usar a tormenta para depois nos presentear com a mansidão da calma – como um prêmio.

Mas a lembrança que o som dessa música traz – quando cantada por Toni só para mim, entremeando-a da tradução em recital, me diz algo que não sei como exprimir. Liberta da lembrança do espelho, do sonho do quarto sombreado, da visão da janela que dava para o mato, livre até mesmo do som irritante do cricrilar do grilo, sinto-me no direito ao pouso desavergonhado e devasso do meu corpo no corpo negro de Toni. Sei que é o momento de aspirar o cheiro estranho do suor dele, de meter o nariz entre os pelos das axilas, passear a boca na virilha, deixar-me tocar e penetrar por ele.

Vingança, liberdade, ódio, libertação, me sentindo solta dos grilhões, das algemas, das torturas a que fui submetida desde a infância – só agora posso traduzir o que Toni quis me dizer com a tradução livre que improvisa sem licença de John Lennon.

*Limão.*

## **5 - CARTAS DA MINHA CIDADE**

*28 de outubro*

Klara.

No dia 7 de novembro os sãobentuenses comemorarão o bicentenário da criação da Freguesia de ocupação e colonização de terras firmes da Baixada Maranhense. Fato que redundaria, a 30 de março de 1905, na promoção da antiga Vila de São Bento dos Peris à categoria de Cidade. Que orgulho!

Morro de saudades de lá... E em lá chegando, gosto de ir ao Mercado Municipal para olhar a variedade dos alimentos, peixes chegados do mar, mariscos frescos e, com muitos desejos salivares, as frutas que só se encontra aqui, como o ingá-cipó. Gosto de levar as bagas à boca com as mãos, depois tomar vários sucos feitos na hora e, mais tarde, será a vez de saborear uma levíssima cerveja clara, conversando com velhos amigos, que te conheceram menina.

Então, é claro que também estarei lá nas comemorações! Como bom sãobentuense, mantenho, por indecifráveis sortilégios, permanente ligação com a pureza dos campos primitivos e selvagens. Sou íntimo do lugar, das aves, das florestas, dos rios, dos igarapés, das enseadas, das lagoas que se interligam como contas líquidas dos rosários. Pois, para pontuar os pastos de criação de São Bento dos Peris, sempre cheios de vida, verdes de esperanças – estarei lá! E se estivesse aqui irias comigo, relembando os velhos tempos.

Lembras que, aos sábados, passávamos o dia no mercado, encontrando amigos alegres, que me saúdam com os seus abraços, frases cheias de bromas, aquela doce linguagem temperada com o jargão característico dos interioranos.

Como tu bem sabes, antes do almoço eu beberico uma dose de tiquira – a original, não as azuladas com folhas de tangerina, vendidas aos que ignoram o segredo dessa aguardente.

Exijo as de Santa Quitéria, límpidas, puras, absolutamente imaculadas. Virgens, como a primeira visão do gaviãozinho ainda sob a proteção do ninho. Prefiro a marca PRR, garrafa envolta em palha de carnaúba, rótulo colorido e laço de fita encarnada no gargalo, que fustiga o copo e dá à visão uma aurora boreal de faíscas azuladas.

Enquanto eu, logo ao primeiro gole, antes que o agridoce sabor da tiquira fugisse do céu da boca, trincava um camarão seco, cheiroso, ainda regado pelos naturais humores, tu ficavas melando os dedos nas línguas de bacuri – lembras? Já meio zozzo e aturdido pelo prazer, nem espero o segundo gole para – junto com amigos – estalar a língua e dar viva ao pajé que inventou a tiquira, batizada de “vinho de Tupã”.

Beijos saudosos do Tio Zequinha.

## DOIS

### 1 - E AO PÓ VOLTARÁS...

Somente cinco anos após o seu falecimento pude cumprir o desejo de Klara de ser cremada *post-mortem*. Estive ausente durante muito tempo e nem mesmo ao sepultamento pude assistir. Agora, para se vingar da minha falta, mandava o sol lanhar-me com faíscas de guasca a cabeça, ombros, costas. É assim, no verão carioca que deixa, dia e noite, tudo fervente e seco como os climas desérticos, que me vejo em pleno cemitério São João Batista cumprindo o que considero um dever.

Mesmo antes deste momento passei pelas atribuições de uma burocracia sem fim, quando tive que produzir prova de ser o único parente, de que a cremação era desejo expresso da falecida, cumprir prazo de publicação, além de taxas e mais taxas, tudo com firma reconhecida e atestado cartorial.

Agora, cumpridas todas as exigências, acompanhado de dois funcionários, estou a caminho do túmulo de Klara, pensando no pouco tempo que falta para cumprir o seu desejo. É uma longa caminhada – desde a entrada principal na Rua General Polidoro, onde fica a administração do São João Batista – até o local onde me aponta o empregado, já chegando à encosta do morro, ao lado do Túnel Velho.

Fustigado pelo calor e pela falta de preparo físico, caminho mais lentamente que os dois empregados que me seguem na mesma pisada, mesmo a contragosto. Foi a migração forçada pelo emprego que me obrigou a viver a vida sedentária da cidade grande, além de me exprobrar com o fato de que estarei para sempre condenado, pois quando conseguirei recuperar esse tempo? Jamais.

Ao passo que me distancio da parte principal do cemitério – onde estão os mausoléus antigos e aqueles que guardam os restos mortais de pessoas famosas –, noto que há demasiado abandono, falta de conservação e de cuidados mínimos. É que, deixados os famosos para trás e seguindo a caminhada, chegamos aos locais onde os enterros populares se realizam. Aqui os mausoléus dão vez aos jazigos simples, os becos estreitos cobertos com concreto substituem as ruas calçadas e lá, mais longe, se vê que as sepulturas já sobem o morro, transformando-se em favelas tumulares.

No meio do caminho passamos por mais de um féretro, ora com várias pessoas, ora com poucos acompanhantes, todos na mesma marcha sonolenta e melancólica, que costuma servir de cortejo a tais cerimônias. Volta e meia,

também cruzamos por outras pessoas – parentes, amigos, amores eternos – que tomavam a iniciativa de elas mesmas cuidarem do lugar onde estão os restos de um ser pelo qual sofreram, suportaram alegrias e tristezas, mesmo decorrido tanto tempo.

Eu mesmo me via como uma dessas pessoas, mas não tinha nenhum ânimo para digressões dessa natureza. Esse era um ritual daqueles que a gente encontra em qualquer lugar do universo. Uma cerimônia que se deve cumprir sem quaisquer tipos de questionamentos. Antes que começasse a mergulhar numa divagação e para sorte do meu cansaço, um pouco antes das íngremes ladeiras, chegamos ao sepulcro de Klara, onde uma placa de mármore tinha gravados o número, o nome e a data da ocorrência.

Ao lado, distante apenas uma quadra, outra família enterrava um parente. Era um grupo de pouco mais de vinte pessoas, as senhoras mais idosas vestidas de negro oravam e choravam acompanhadas de esposos, irmãos, amigos – essa classe de gente que ainda consegue fazer do enterro uma despedida merecedora da quem parte. Algumas vozes acompanhavam a oração em surdina, acrescentando palavras mais incisivas ao texto, conforme o rito exigia. De longe dava para notar a presença de outros parentes e amigos em trajes de trabalho, como se tivessem interrompido o cotidiano por exigência do trágico parêntese e para o qual – missão cumprida – logo voltariam.

Como terá sido o enterro de Klara? O ambiente me faz tentar lembrar se houve alguma particularidade, além do que a tradição durante séculos nos transmitiu. Acho que não. Parece que tudo se repete ali ao lado – e o que vejo é como se fosse mesmo o féretro de Klara. É provável que tivesse mais pessoas presentes, porque Klara era muito querida. Por outro lado, sei que ela procurou se isolar de tudo e de todos quando resolveu se desligar para ignorar a fealdade a que o mundo resolveu submetê-la com rigor excessivo. Mas tudo deve ter transcorrido com intensa comoção por parte das amigas e amigos mais ferrenhos. E havia, sim, muitos deles.

O calor era excessivo, o silêncio foi tomando conta do grupo. Só ficou o ruído da pá do pedreiro misturando o cimento e aplicando a massa nas frestas das lajes, para impedir a entrada desagradável de oxigênio e de insetos. Como que atraídos por um ímã, todos fixaram o olhar no trabalho que o pedreiro, com cuidado e dedicação, executava debaixo do sol quente.

Quantas e quantas vezes aqueles mesmos gestos foram repetidos, cada qual diante de uma plateia diferente, com as emoções latentes, sentimentos de amor e ódio... E depois que a multidão de amigos se dispersasse – como ocorre agora mesmo com os vizinhos inesperados – restará a uma última alma a tarefa

de recolher os ossos e liberar o palco onde o teatro da vida apresenta o seu último ato. A mim coube cumprir esse último dever para com Klara.

E agora, ao atravessar o grande portão de granito com a tradicional inscrição dos cemitérios – És pó e ao pó voltarás – sinto-me aliviado, em paz por ver realizada a vontade de Klara.

## **2 - KLARA SE LEMBRAVA**

Klara se lembrava do tempo que ficava esperando, ansiosa, os amigos voltarem da escola. Ia recebê-los no portão, ajudava a carregar os livros, a tirar a mochila e ficava atenta ao relato dos acontecimentos do dia. Eles chegavam suados, com o uniforme azul e branco encardido de poeira, os sapatos desafivelados, cadarços soltos, mas sempre traziam um sorriso e uma história para Klara ouvir e perguntar mais um detalhe. Era uma conversa que só acabava quando o sono chegava.

Mal tiravam a roupa, corriam os três nus cruzando casa adentro para o banho no chuveiro que tinha no fundo do quintal. A água jorrava, eles se revezavam na bucha, untando o corpo com sabonete, esfregando com força, até ficar vermelho. Depois faziam fila os três para a mãe ou o Tio enxugar com a toalha, não sem antes verificar toda a limpeza, devolvendo um e outro para a água com sabão, até estarem todos limpos.

A fila seguia para o almoço, quando a mesa, de madeira crua, ficava pequena para toda a família. Ninguém se preocupava em comentar sobre a comida, nem ligavam se era boa ou ruim. Era o almoço em casa e só esse fato fazia com que todas as outras coisas fossem menos importantes. Comiam alegres, bebiam água na garrafa de coca-cola. Depois de breve descanso os três se reuniam no quarto para reler e limpar os erros da aula do dia e Klara, que não desgrudava deles, nem mesmo na hora de fazer o dever de casa, não perdia nem um lance...

Klara se lembrava... E se mostrava atenta a tudo, porque tinha a promessa de que no próximo ano começaria a estudar. Poderia então emparelhar o seu mundo ao mundo dos amigos e também ao mundo dos colegas e – por que não? – ao mundo da escola, da merenda, do recreio e dos livros. Conversava com os passarinhos contando todas essas novidades. E prevenia a aranha da sua janela que o vento iria desfazer as teias dela.

Klara cresceu rápido e foi arrebatada pelo Tio para o Rio de Janeiro onde iria estudar e logo arrumar um emprego, porque a cidade crescia e precisava de jovens inteligentes. Os amigos também no ano seguinte foram viver com um parente que progredia e tinha bom salário. E logo em seguida alugaram uma



casa, se separando do Tio e sua mãe foi chamada para se juntar a eles, a família crescia socialmente e precisava do apoio materno. O Tio – porque não podia perder o emprego que tinha – nem Klara – porque estava no meio do ano de estudo – ainda não podiam ir, mas seria questão de tempo.

Klara se lembrava, sim, que não ficou nem alegre nem triste com toda essa mudança, porque era questão de tempo e logo iriam se unir à família e tudo voltaria ao normal. Mas um buraco, um vazio, uma coisa oca se formava logo ali abaixo do umbigo e sempre a deixava um pouco desfeita de alegria. Não era a mesma coisa que antes, esse chegar à casa sozinha, tomar banho, cuidar da própria, arrumar tudo e deixar a comida do Tio pronta, na mesa que agora parecia tão grande.

Seu corpo também crescia. Seus seios estavam grandes, sua barriga lisa dividia-se dos quadris por uma cintura estreita, seus cabelos agora vinham até a cintura, lisos, negros. Estranhamente não tinha pelos nas axilas, como via nas colegas. Do colo para baixo todo o seu corpo era como se fosse uma praia deixada pelo rio. Areias vermelhas, águas claras, remanso. Klara se lembrava, sim, se lembrava de que achava isso muito lindo, por ser diferente das demais colegas também era mais bonita, mais formosa.

Enquanto Klara se desenvolvia o Tio perdeu o emprego e começou a chegar em casa com alguns amigos, para comer e beber. Nos dias seguintes era ele quem a recebia da escola, tirava a mochila e os livros, arrumava tudo e ia esperar ela sair do banho para enxugá-la. Demorava com a toalha, esfregava o corpo, membros, axilas, virilhas, enquanto murmurava uma canção qualquer que aprendeu na rua. Depois preparava a comida e quando Klara se recolhia ao quarto para reler a aula, estudar e fazer o dever de casa, ele ficava circulando, olhando o corpo de areia dela, porque, como de costume, ela só usava um pequeno saíote e nada mais...

Klara se sentia feliz, Klara se lembrava de que ainda era feliz, porque contava os dias que seus estudos aqui iriam acabar, contava os dias que faltavam para viajar para o Rio de Janeiro e encontrar a mãe, os amigos, ter novos companheiros, nova escola, novos professores e novos colegas. Enquanto estudava via seu Tio sair para encontrar os amigos, quando ele voltava, tarde da noite, ela estaria dormindo em sono profundo. Quando acordava não se lembrava senão dos sonhos, dos pássaros que pousavam em sua janela e das aranhas que cercavam espaços de teias para protegê-la.

Era uma coisa que dava mais força para ela. Tinha num canto do quarto uma maletinha sempre pronta para a viagem. Ali ela arrumou com cuidado as melhores roupas que tinha. Roupas limpas, passadas, perfumadas com um molhe de capim cheiroso. E todas as noites antes de dormir, ela dirigia um olhar

confidente para a maleta, como se dialogasse com ela, combinando as trampolinagens de uma viagem de ônibus.

Uma noite teve sonhos agitados, bichos, lesmas, algo desagradável corria pelo seu corpo em ondas, como talvez as ondas da praia, do mar, que ela não conhecia. Ondas ásperas... Ela acordou num susto. Entrava pelo quarto uma réstia do luar, o vento assoprava no quintal, a palmeira, o mamoeiro, tudo parecia pedir socorro, lançar acenos. Klara se lembrava dos amigos, da mãe, dos colegas de colégio – de todos que podiam socorrê-la naquele momento. No dia seguinte, lembrou-se de perguntar ao Tio: – Quando viajamos para Rio de Janeiro?

Os sonhos pareciam fazer parte da noite. Se sua mãe estivesse aqui correria para a cama dela. Encolhida ao lado dela, perderia o medo e não seria atacada pelas lesmas que lambiam seu corpo todo. Nas manhãs sentia o cheiro de suor, que não era o dela, sentia um gosto que não era o gosto dela. Gosto e cheiro que talvez lembrassem as bebidas que o Tio tomava com os amigos. Quem sabe o cheiro de bar? Quiçá o cheiro que recendeu quando a garrafa girou como um pião sobre a mesa, para afinal se espatifar, espalhando cachaça sobre o piso.

Klara se lembrava de contar o pesadelo para o Tio. E dele se oferecer para lhe fazer companhia, quando o medo chegasse. Mas a janela onde o passarinho seu amigo pousava ficava sempre aberta para defendê-la. Ele sempre trazia recados, trinos, e alegria. Então, qual seria o recado agora? Um aviso de que a hora de reencontrar os seus amigos, de beijar a sua mãe, de ir para o Rio de Janeiro estava chegando? Sim, era isso sim, era o mesmo recado de sempre, que a deixava tranquila para dormir o sono em que todo o seu corpo apagava e só despertaria no dia seguinte, com o sol varrendo as cortinas de palha.

Foi a noite de todos os pesadelos a última noite de Klara em casa. Primeiro sentiu centenas de lesmas percorrendo o seu corpo, vadiavam pelos seios, pelo pescoço, pelas axilas, por entre as pernas. Molhava-se sem suar, torcia-se sem acordar, remexia-se na cama querendo se livrar do acossamento. No sonho via o passarinho, via a aranha querer fazer uma teia entre suas pernas, mas ela as mantinha firmes, as coxas apertadas. Foi no momento, um segundo apenas, que as coxas cederam.

Klara se lembrava, sim, muitas lembranças, mas essa dor que ela sentiu era como se fosse uma agulhada. Pior, como se fosse um prego fincado na mão, que a fez lembrar o dia em que foi colher uma rosa para a mãe e de repente o espinho penetrou no seu dedo, de modo violento como nunca havia visto nem sentido. Uma dor fina, aguda, que correu todo o seu corpo com um arrepiro friorento, fazendo o sangue espirrar e se espalhar pelo lençol de chita, uma esponja, fios, rios.

Era uma sensação de navegar sem ter um porto à vista. Um vazio que não terminava nunca. Essa impressão – que viajava com ela como se fosse objeto de uso pessoal – só deixou de perturbá-la quando conheceu Toni. E não foi à primeira vista que ela teve a percepção de libertar-se do oceano em que singrava sem rumo, a caminho do desconhecido, de ondas altas, mortais, igual às mesmas que assistia nos filmes. A sensação de naufrágio só terminou quando sentiu que estava segura sob o aconchego dos braços de Toni.

Mais de uma vez sentiu que estava em segurança, que Toni entrou em sua vida para protegê-la de tudo e todos.

Assim é que Klara ia se desfazendo do excesso de peso que carregava na vida. Aos poucos ia se livrando de tudo aquilo que a oprimia, da carga que se transfigurava em cábula, e como se soltava do que era sobrecarga, podia navegar de corpo e alma livres, sabendo que em sua cama um porto seguro a esperava.

### **3 - QUANDO SE DEBATE A VIDA**

Sozinha com seus pensamentos Klara sente a cabeça ferver de tantas coisas que ouviu. Ouvir as três amigas foi o mesmo que apelar para a insignificância humana. Mesmo assim ela não deixa de exaltar a soberania da vida sobre as outras coisas. Acabou por concluir que a lei *Aqui se faz aqui se paga* (que no princípio a abalou), não se aplica a tudo: é falso dizer que o mal nunca terá punição. Às vezes a doença cura, outras vezes ela mata, às vezes o homem se safa do mal, outras não. No mundo ela viu lado a lado, justiça e injustiça, lógica e loucura, castigo e impunidade, Fé e descrença.

O dilema de Klara é resolver problemas, mas lhe faltam elementos – a vida é um quebra-cabeça sem todas as peças. Sua vida se esvai e ela nada sabe sobre o Destino, desconhece as forças que operam no mundo, atribui a Deus tudo que não tem explicação. Nossas ações não são uma prova de múltipla escolha; ocorrem coisas que não se aprova. Além disso, seu conhecimento sobre a vida além-túmulo, apenas beira a religiosidade. Para simplificar ela se atém ao materialismo: a justiça da vida termina do lado de fora do sepulcro. E assim ela consegue expandir a visão em admirável Fé, com vislumbres de eternidade.

O calvário e a morte de Cristo trouxeram nova visão sobre dor e sofrimento. O suplício e a morte de Cristo deram mais valor à vida. Também, em alguns casos, a morte sugere que se pode extrair alegria do acontecimento trágico. Existem coisas que não entendemos e outras que não serão reveladas. O que faltou a Klara? Fé. O sofrimento de Klara a levou para mais perto da vida e da morte.

Mas até onde a razão humana pode ir? Somos seres racionais e temos sede de respostas. Mas até que ponto a capacidade intelectual é a ferramenta adequada para os seres conseguirem desvendar mistérios sobrenaturais?

A simples pesquisa, o estudo acadêmico, a inteligência humana, a dedicação religiosa – são coisas que não garantem acesso à sabedoria. Procurar o conhecimento é como o bateio de pedras preciosas, como fazem os mineiros. Mas a coragem e a habilidade para achar diamantes, não são suficientes para garantir saber. A riqueza material não pode comprar erudição, não pode comprar sabedoria, porque a ciência é muita cara para ser adquirida com bens materiais. O dinheiro não soluciona o mistério:

*“Quem sou, de onde vim, para onde vou?”*

Nem sempre na vida se encontra a verdade, a sabedoria. Nem mesmo quem criou o universo e fundou suas leis possui o conhecimento. Para ter um mínimo de tudo é preciso ter uma relação íntima com o criador. Ele é a essência da sabedoria, exemplo de bom senso, modelo de santidade, arquétipo da ciência – não é resultado de testes de QI. A resposta que atormenta Klara poderá ser encontrada no íntimo do seu viver? A limitação humana, a sabedoria da vida, todas as coisas colaboram para o bem daqueles que amam a vida?

Então, jamais saberemos por que o a pessoas boas. Não se trata de afastar o ser humano da ambição, porque não importa se a pessoa merece o mal do qual sofre, se pecou ou não pecou, se tem Fé ou apenas veneração. A vida e a morte são arbitrárias – podem fazer o que quiser, no tempo que achar bem, sem qualquer interferência daquilo que se conheça. Portanto, Klara não tem nada a dizer a esse respeito, parou de lutar, declarou-se inocente, lançou-se ao destino, agora aguarda. Para ela se fez o silêncio, isso significa que seu raciocínio prevalece. Klara conseguiu calar o Destino, mas poderá calar também a Morte?

Em uma noite de pesadelo apareceu para Klara uma entidade que afirmava ter a resposta para o enigma do bem e do mal. O extraordinário fantasma não surgiu no sofrimento inicial, nem no estado terminal, como poderia pensar-se. Estava ali quando a esperança ainda se mantinha vívida. Suas feições não são familiares, a expressão é impassível, Klara tem certeza que não o conhece. Ascendência da família? Parentesco? Afinidade? Como ele tomou as rédeas da sua história? Ela não sabe. Mas no sonho ele proferia algumas respostas categóricas:

*– Coisas ruins acontecem a pessoas boas, porque é uma forma da vida ensinar algo.*

O espectro lamenta que as três amigas de Klara tenham se concentrado no aspecto da dor como punição: – *Deixar de lado o fato como ensinamento, muda o foco da vida.* No lugar de “por quê”, ele usa “para quê”. Na verdade o ente procura achar utilidade no sofrimento, mas a questão é:

– *Por que a dor e o sofrimento deveriam ensinar alguma coisa?*

O que não vem pelo amor, vem pela dor. Isso parece bonito e filosófico, em certo aspecto pode ser verdadeiro, mas não se emprega a todas as pessoas, como não se aplicava a Klara.

Assimilando a palestra das amigas, Klara esperava botar ordem e significado ao seu destino. Mas as palavras não são bem o aquilo que ela esperava escutar. A sabedoria de vida é extraordinária, quando não faz acusação, nem chega com um rol de pecados nas mãos e com punições letais. As três amigas de Klara insinuaram que havia uma lista de pecados e de punições. O fato da tal lista não aparecer no pesadelo, diz a Klara que as três amigas estavam sendo enganadoras, partes de um complô: o sofrimento de Klara não era punição por nenhum pecado.

Sobre a vida, não lhe abre os olhos alguma explicação, nem aquela conversa inicial sobre destino. Assim Klara não saberá o que acontece no mundo espiritual. Não saberá sobre as insinuações do bem e do mal, não sentirá confiança na atuação do destino pelo sofrimento. A vida não nos endereça a nenhum porto seguro, ao contrário, impõe mais reflexões, no lugar de oferecer resposta a quem vem sobrecarregada de perguntas. Klara apenas ouve, não pensa em comentar problemas morais, ela reza para o mundo natural: estrelas, ventos, cores, sons, plantas e animais.

O estranho expõe-se no devaneio com perfeição e equilíbrio, mostra-se de coração aberto. Klara ouve-se perguntar:

– *Você pode explicar como faz isso, para que eu possa aceitar minhas limitações?*

O diálogo se faz, o fantasma responde:

– *Quem não tem condições de entender a realidade material, como poderá entender coisas espirituais? Se não pode compreender o que vê, como poderá assimilar o que não vê?*

Como sempre, de forma amorosa Klara se repreende, se mortifica, culpa o Destino por reger o mundo de maneira inumana.

A criatura afirma que a Fé deu a Klara confiança inabalável, força de vontade e caráter, que sustentam a esperança. Ter Fé é mais que acreditar: é confiar, obedecer, prostrar-se e tais condições são imperiosas. Ao confrontar Klara com tal exigência, o espírito não pede que creia em algo absurdo, pois confia no seu caráter de crer na bondade, no desejo de servir, na capacidade de conviver com o desconhecido. Ao acreditar que coisas ruins acontecem a quem tem ódio, acostumada a associar o amor às coisas boas, Klara tenta se livrar de conclusões errôneas.

No momento em que Klara se viu na cruz, sofrendo seu próprio calvário, ele ponderou:

*– Se você confiou em Deus, ele virá libertá-la.*

Mas Klara conhece a história: o salvamento de Jesus mostra que ele era amado por Deus, mas como se sabe, Deus não salvou Cristo da cruz. O que aconteceu? Através da morte e da ressurreição, provocou a exaltação do homem, da paz e do amor, promoveu a redenção de todos, revolucionou o mundo. Mas, pela dor, Klara se colocou do lado oposto a essa liturgia.

*– Coisas ruins acontecem para bendizer a quem se ama.*

É o pesadelo que diz em sussurros. Se isso for verdade, sempre se pode tirar algo de bom das tragédias, pensa Klara. Mas no caso dela, a experiência no árido deserto da dor e do sofrimento proporcionará crescimento espiritual, ampliará a visão da existência? Ao final vemos que não: Klara se esforçou para alcançar a compreensão do propósito divino. Ela duvidou, levantou questões corajosas, jamais permaneceu em silêncio. Mas se calou em humildade quando a dor cruel se proclamou vitoriosa.

*– Klara, diz ele, em primeiro lugar vem o entendimento de comunhão com a vida. O sofrimento pelo qual você passou não indica pecado, nem indiferença.*

A vida e a vítima continuam a ser amigas e enfrentam a tragédia de modo mais tolerante. Klara descobriu que o seu viver não havia sido frustrado, quando Deus se propôs a abençoar a vida de Klara. Sua vida fez com que todas as coisas do destino, o absurdo da doença, a falta de sensibilidade das três amigas, concorressem para o seu bem.

Klara contesta, com a voz cheia de raiva:

*– Nenhum dos meus intentos pode ser frustrado. Eu é que sei os pensamentos que tenho: pensamentos de paz e amor, de esperança. Mas em quê?*

Klara sabe que foi longe demais nas especulações sobre a vida e a morte:

– *Descobri coisas muito profundas, que eu não conhecia.*

O fantasma desaparece, sem a censurar por fazer perguntas ou expressar emoções, mas não permite que isso a cegue para a realidade:

– *Uma coisa é questionar a vida, outra coisa bem diferente é julgar a vida.*

Após isso Klara não se recorda mais nada, a não ser que dormiu e que de manhã o espelho refletiria o mesmo rosto emaciado...

#### **4 - UM PINOT NOIR AMARGO**

– *O que estamos comemorando?*

Quando entrei em casa, Klara estava sozinha, recostada na pia da cozinha com uma taça próxima à boca. Tinha o olhar distraído, os pensamentos imersos em algum poço profundo, ela nem se deu conta da minha chegada. A cor arroxeada do vinho tinto tornava seus lábios mais encarnados do que o normal. Apoiava o cotovelo sobre o outro braço dobrado ao nível da cintura.

– *Uma biópsia negativa...*

Era noite. A luz do teto caía sobre os cabelos de Klara deixando os olhos em sombra, mas dava para ver que ainda assim brilhavam. Era esse mesmo brilho que alimentava um leve sorriso de satisfação, alegria de ver um perigo se dissipar.

– *Uma biopsia negativa – repeti. Ora, ora! Então mais do que nunca eu também tenho o quê comemorar.*

Enchi outra taça e trocamos um brinde levemente. Coloquei a taça contra a luz: o vinho tinha cor do sangue quando seca após um corte – coisa que só a variedade *pinot noir* consegue. Passei os braços ao redor da cintura fazendo um carinho, que Klara respondeu agradecida.

– *Também estou feliz pelo resultado, embora não soubesse de nada. O que houve?*

Botei um tom de aborrecimento na voz, pelo inusitado da notícia. Não era comum Klara me manter alheio em casos de doença, embora até então nenhum mal tenha tido tanta gravidade como a suspeita de câncer nos seios.

*– Foi assim, de repente, senti um carocinho ao tatear o meu seio esquerdo. Fui de imediato ao médico e hoje tive o resultado. Não quis alarmar a ninguém.*

*– Puxa! Não alarmar a ninguém! Que droga é essa? Estou aqui ao teu lado não só para as alegrias, mas para ser alarmado também! Logo às vésperas de minha viagem. Mas, enfim, com essa boa notícia, poderei viajar tranquilo.*

*– Bem, não quis mesmo era te deixar preocupado. O Antônio Carlos sempre soube e sempre me acompanhou nos exames, mesmo com o pouco tempo que as apresentações em TV, rádio, mais entrevistas, assinatura de contratos, empresário, parceiros de grupos, essa coisa toda.*

Antônio Carlos – ou Toni – era cantor, compositor, negro, baiano, cujas músicas estavam começando a ficar famosas e bem tocadas. Pertencia a um grupo de artistas que ficou imprensado entre a Bossa Nova e o lê-iê-iê, gente que compunha um samba de cadenciado lento, mais próximo ao samba-canção, com leve influência jazzística.

Era um negro bonito, sorridente, nariz afilado, lábios salientes, cabelo à moda black-power norte-americana, sempre solícito, educado nas maneiras e se expressava de maneira suave. Era bom cantor, tinha a tonalidade morna, aveludada, quase afeminada – como o velho Nat King Cole.

Para completar o quadro, ele exibia o olhar cansado, as olheiras, a expressão boêmia, que denunciavam o viver excessivo, as atividades intensas, que muitas vezes – sem agenda exata – destoavam do cotidiano, varando o dia noite adentro. Klara estava amando.

No dia seguinte eu começaria uma excursão de serviço, que iria me deixar longe de Klara por longo tempo. A empresa em que trabalhava resolveu me designar supervisor de vários fornecedores e assim virei viajante sem pouso, pulando de um lado para outro, o que me deixava sem tempo algum para voltar ao Rio de Janeiro.

*– Agora vou tomar um banho quente, gostoso. Bebe o vinho, te serve do que quiseres e me espera para jantarmos juntos. A casa é tua, sempre foi, sempre será, tu sabes...*

A empregada já tinha ido embora. Ficamos os dois arrumando a mesa e o jantar da maneira mais prática possível, mais econômica, que menos trabalho dá. Quando acabamos Klara retirou tudo da mesa e deixou na cozinha para limpeza no dia seguinte. Em seguida, preparei um café com o moca especial que Klara sempre trazia de Itaipava, quando dos passeios a Petrópolis.



A origem daquele café era um segredo que ela guardava trancado, tinha gosto de não revelar. Quando o servia aos que a visitavam, ouvia com orgulho os elogios, principalmente dos expertos, desconversava sobre sua fabricação. É que aquele café – de produção limitada – era extraído de cafezais remanescentes das plantações antigas, imperiais, que resistiram selvagens ao tempo.

Não se sabia o que era mais saboroso nesse café: o aroma que exalava no ambiente quando estava sendo preparado ou o sabor amargo, quando sorvido sem açúcar.

Depois de tomar o cafezinho em silêncio, nos sentamos no sofá grande da sala, tentando esvaziar aquele clima de despedida que nessas horas toma conta do ambiente. Eu continuei a tomar o vinho, enquanto Klara – que não era de beber – se deliciava dando pequenas bebericadas em minha própria taça.

Foi nesse clima que o sono nos pegou.

Menos de trinta dias depois, recebi uma carta de Klara, dando conta que tinha sofrido mastectomia na mama esquerda. Aquela mesma cuja biopsia serviu de motivo para deixar um bocadinho mais alegre as sempre tristes comemorações de despedida.

A partir de então, Klara passou a fazer parte da vergonhosa estatística de erros de biopsia, falso-negativos – tão perigosos quanto os falso-positivos – que sempre redundam em mutilação e morte. O que transformou o *Pinot Noir* num vinho amargo, muito amargo.

Procurei saber se Toni estava a par de tudo aquilo, talvez a presença dele sufocasse menos o dia-a-dia de Klara. Como ela não tinha contado nada a ele – queria poupá-lo ou tinha medo de perdê-lo – sugeri que ela colocasse as coisas pouco a pouco, o que ela aceitou. Essa atitude veio a transformá-lo num apoio que se mostraria imprescindível. E me deixaria mais tranquilo, sofrendo menos o peso da tragédia que apenas se vislumbrava.

## **5 - CARTAS DA MINHA CIDADE**

*7 de julho*

*Klara*

Estou aqui com um retrato antigo meu, na cadeira forrada de sola tingida de castanho, daquelas que abre e fecha para facilitar o transporte. É uma cadeira

baixa, de quase dois palmos, rente ao chão do quintal cheio de fruteiras viçosas da nossa casa em São Bento.

Estou vestindo calção e sandálias, os cabelos partidos ao meio e uso óculos de aros redondos, para corrigir minha incipiente miopia. Com os braços mal apoiados sobre as coxas, tenho nas mãos um livro aberto, que leio com ar compenetrado e imperturbável.

Aqueles óculos não são meus: naquele tempo tinha a vista pura e limpa como o ar diáfano dos campos de flores douradas da minha terra natal. Tanto que, mesmo vistos à distância, sempre distingui a alvura imaculada das garças e a negrura solene das graúnas. Alguém quis dar à minha infante figura o ar grave de gente grande, e os óculos de aros grossos se prestam bem a isso.

De mim eu sei bem o que o tempo fez. Sei também, de modo inequívoco, o que, deliberadamente ou não, não permiti que fosse feito. Mas aquele instante com o livro aberto ao colo parece que, por força da memória, todo dia se repete em minha vida: como bem sabes, durmo e acordo sempre com os olhos ocupados na leitura.

Sinto que transmiti o vício a ti, embora tua escolha tenha sido para ler nas histórias o lado doce da vida. Agora, vendo esse antigo retrato, noto que não há nada de errado com isso: são os lados doces da vida que mais enfeitam nossa existência...

Beijos e abraços do Tio Zequinha.

# TRÊS

## 1 - NO CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA

Quando cheguei ao cemitério para acertar a papelada e retirar a ossada de Klara, fui encaminhado ao setor administrativo. Em uma porta, debaixo da placa “Secretaria”, entrei na fila para ser atendido. Não tinham mais nada para exigir de mim, além de toda a burocracia e pagamentos que já havia feito anteriormente.

Apenas formalizaram a operação, instruindo-me com os últimos detalhes e me entregando a guia que deveria apresentar ao crematório quando fosse levar a ossada para cremação. Depois disso, soube, tinha que esperar mais trinta dias até que a urna com as cinzas me fosse entregue.

*– Não precisa se preocupar, você será avisado por telefone e só irá lá quando tudo estiver concluído. A fila está grande, mas o prazo não deve passar dos trinta dias.*

Disseram-me ao justificar a viagem de regresso que teria de fazer, depois de ter cumprido todo o ritual a que me havia imposto, em memória de Klara. Depois disso, fui apresentado aos dois funcionários que me acompanhariam. Ganhei também um folheto que contava a história do local e falava sobre as obras sociais da Santa Casa de Misericórdia. Enquanto os operários desmanchavam o túmulo, de vez em quando dava uma olhada no folheto. Nem tudo parecia “cultura inútil” – ou parecia mesmo – não sei.

Fiquei sabendo, por exemplo, que pelo decreto 482 de 1851, o terreno onde está o cemitério foi doado à Santa Casa de Misericórdia, que iria fundar e administrar os cemitérios da cidade. Mas na prática a inauguração só se deu em 1852 quando do enterro de *Rosaura, filha de Cândido Silva*, de apenas quatro anos.

O antigo Sítio Berquó, tem pela frente a Rua General Polidoro e se estende até o Morro de São João, na entrada do Túnel Velho. A portaria monumental, esculpida em granito, e os gradis de ferro fundido, foram projetados pelo engenheiro fluminense Bittencourt da Silva. O cemitério cresceu em importância depois do traslado dos restos mortais de Álvares de Azevedo e com a construção dos túmulos de políticos, pessoas famosas, ricas e nomes tradicionais.

O folheto diz, mostrando certo orgulho, que o São João Batista é um dos cemitérios mais ataviados do país: centenas de ricos mausoléus, sepulturas

artísticas, túmulos perpétuos de sociedades e famílias de condes, barões, verdadeiras obras de arte.

No centro antigo está a capela São João Batista. Bem perto da orada, está a quadra das Irmãs de Caridade da Ordem de São Vicente de Paula. Essas freiras assistiam os doentes e internos da Santa Casa. Lá também estão também os mausoléus da ABL, do Herói da II Guerra Mundial, do Aviador, do Marinheiro e dos Veteranos da FEB.

Aquela é a aleia principal – satirizada pelo carioca como Vieira Souto (alusão à famosa via da orla de Ipanema) – onde ficam os túmulos mais caros e mais visitados. Ali estão as personalidades famosas, os cantores, cantoras, compositores, pintores, artistas em geral. E também os túmulos ditos milagrosos, geralmente pessoas e *anjos*, crianças envolvidas em morte trágica, cujas sepulturas recebem todo tipo de manifestação, inclusive depósito de ex-votos, agradecidas imagens de cabeças, órgãos curados, etc.

Devido à excessiva quantidade de celebridades, o Cemitério São João Batista é conhecido como “Cemitério das Estrelas”. O folheto só não fala que o local está deteriorado, com má aparência (e odor pior ainda), áreas degradadas, vítima de vandalismo e abandono.

Cercando a área interna do cemitério, no mesmo bairro de Botafogo, fica a favela do Morro São João, que se estende descontrolada para o alto. Ali foi construído o paredão das Gavetas, sepulcros alugados por três anos, que cabem apenas um caixão. Descendo o paredão, na parte calçada com paralelepípedos, os túmulos são maiores e mais espaçosos, tanto quanto as posses do proprietário permitem.

Do outro lado do morro já é Copacabana, na encosta da Ladeira dos Tabajaras, onde as construções também se expandem. É fato consumado que, com o crescimento das comunidades, dentro em pouco estarão coladas a Ladeira dos Tabajaras, em Copacabana e o Morro São João, em Botafogo.

A leitura foi interrompida e finalizada com o início da retirada dos ossos. Larguei o folheto de lado para ver a laje da campa retirada e posta de lado. O reconhecimento do local fez surgir lá de dentro surgiu o caixão – ou o que sobrou dele – partes apodrecidas, apenas os metais tinham sido preservados pelo tempo. O resto – madeira, ornamentos, tecido, atavias – tudo estava podre, transformado em matéria orgânica.

Ao longe se avistava o Pão de Açúcar, aonde certos dias os aviões da Ponte Aérea faziam a manobra sinuosa que iria deixá-los de nariz apontado para a pista de pouso do Aeroporto Santos Dumont a cada trinta minutos. Ao ver um

dos aviões manobrando para aterrissar me levou logo à lembrança de Klara, porque, toda vez que a gente avistava as aeronaves se preparando para o pouso, de imediato vinha o grito em uníssono:

*– Olha lá! Os paulistas estão chegando! Os paulistas estão chegando, para gastar o dinheirinho no Recreio dos Bandeirantes!*

Droga, essas coisas vêm à cabeça quando menos se espera... Mas era exato assim desse jeito que Klara era. Não tinha como deixar passar um gracejo. Deixei de lado as lembranças para acompanhar o trabalho. Depositando a pequena urna de lado, o funcionário calçou as luvas para começar a retirada dos ossos.

A operação era cheia de detalhes – ele pegava os ossos um a um, sacudia para retirar qualquer sujeira, separava com cuidado as partes iguais, as articulações, os membros – e depositava tudo na urna numa ordem que só ele conhecia. O outro colega acendeu um cigarro e ficou ao lado, dando apoio, atendendo aos pedidos, recolhendo as sobras.

Por fim chegou a vez do crânio – que era a última peça a guardar. Foi só então que eu reconheci Klara. Sim, ela, era ela, seus restos, que estavam ali. O crânio redondo e bem formado, que tinha sido ornamentado um dia com vastos cabelos cacheados, como aqueles da fotografia, castanhos, molhados, encarapitados como uma coroa. Os dentes estavam perfeitos, e de novo me veio de volta à lembrança do sorriso, da gargalhada, todas aquelas expressões que demonstravam a alegria de viver, bem próprios dela.

Para surpresa, porém, lá no fim brilhou reluzente um queixal de ouro, que me era desconhecido. Não me incomodei quando senti, pelos gestos furtivos, que o operário retirava para si o dente de ouro. Não era uma lembrança que eu quisesse de Klara. Nem era lembrança a urna que ele me deu, embalada numa sacola plástica, pronta para ser levada ao crematório.

Antes de encerrar os trabalhos, antes de recolocar a laje no local, para que fosse limpo e renovado para novo sepultamento, o funcionário deu uma última e detalhada varredura no interior da tumba. Suas mãos voltaram bem lá do fundo com um objeto nas mãos:

*– Senhor, aqui tem alguma coisa – disse-me.*

Era um saco plástico preto, do tamanho de um envelope, e estava bem lacrado com fita adesiva. Ele me mostrou o que era e autorizei a retirar o conteúdo. Até disse em tom jocoso:

– *Quem sabe ela não deixou algum dinheirinho para mim?*

Mas nada. O que havia dentro do saco era outro envelope, de papel pardo plastificado, mais resistente, mas que não suportou as intempéries do tempo, deixando que a umidade tomasse conta da superfície e, decerto, do conteúdo. Liberei o grampo e dei uma olhada no conteúdo:

– *Papéis, papéis velhos e algumas fotografias...*

Não parei para pensar quem tinha tido a ideia de colocar algo assim tão insólito dentro do caixão. Provavelmente alguma amiga íntima? Alguém que havia guardado aquelas lembranças e queria enterrá-las para sempre? Não sei e nem saberei. Só sei que o destino não quis que fossem esquecidas para sempre, nem que fossem transformadas em cinza pelo fogo do crematório...

## **2 - CRIANÇAS LAMBUZADAS DE AREIA**

Naquela casa, que sempre foi estranha para mim, morava um primo que passei a gostar muito. Era bem mais velho que eu, mas me tratava de igual para igual, não como adulta, mas alguém que tinha inteligência e atitude. Além do mais me deixava chamá-lo de *Tio*.

Ele era diferente de todos os outros: usava barba, ainda que aparada – adorno reservado para poetas, escritores e jornalistas – óculos redondos de aros grossos e fumava charutinhos pequenos e finos, cujo fumo exalava o perfume doce de especiarias, misteriosas. Jamais calava diante dos muitos os assuntos tratados em casa e a sua voz era quase sempre discordante.

Fazia questão de me chamar de irmã, quando todos os outros me chamavam pelo nome ou com expressões como aquela ali, ela, a menina e outras mais. Ademais, ele tomava para si a tarefa de me defender de toda injustiça, das agressões físicas e verbais. Todos repararam a íntima atração e logo formamos um par: Tio Zequinha e Klara.

Ele era o único que não tinha horário determinado para isso ou para aquilo. Para chegar, para sair, para se alimentar. Quando se apresentava para as refeições era sempre muito cedo ou muito tarde, ou a mesma já estava de permeio, prestes a terminar. Nas conversas, durante as refeições ou na sala, ele jamais se omitia em expor sua própria opinião, mesmo sem ser instado a isso.

Na maioria das vezes o que expunha divergia do senso comum: sua voz era a voz do espelho avesso, que reflete uma imagem bem diversa daquela que estava à sua frente. Por isso era tratado como um renegado: diferente, excluído

e nunca o levavam a sério – embora eu notasse que o pai de todos nós, o dono da casa, de modo discreto largava o garfo a meio caminho da boca para refletir no que ouvira.

Eu olhava admirada para aquele meu *irmão*, o único adulto presente nessa fotografia em que crianças sujas de areia são as figuras principais: tinha-o como aliado, era como se fosse meu herói.

Éramos, também, como dois cúmplices no antro dos inimigos. Volta e meia – sabendo que eu me mantinha atenta às suas palavras e atitudes – trocávamos breves olhares e meios sorrisos. Ademais, esse primo-irmão sempre tirava um domingo do mês para me levar à praia. Ele ia em silêncio até meu quarto, me cutucava com os dedos ossudos e, como que gritava em surdina:

*– Praia! Praia! O Rei Netuno nos espera!*

Depois me ajudava com a tralha, alguns brinquedos, roupas de reserva, toalha, um grande chapéu de palha de abas largas, que cobria não só minha cabeça, como os ombros também. O dia ainda era uma criança que acordava.

Lá dentro as empregadas, avisadas de antemão, se esmeravam em preparar um lanche reforçado numa cesta grande de vime, acomodando nela refrescos, frutas, sanduíches, doces e outras guloseimas para crianças. Lá fora nos aguardava um velho Cadillac, pintado azul com para-lamas vermelhos, de capota arriada (pra falar a verdade, jamais vi a capota levantada e parece que não funcionava mais).

Para mim, pequenina ainda, o Cadillac era um carro amplo, confortável, um carrão! E lá saíamos primeiro só nós dois, mas depois ele passava em outras casas e recolhia minhas colegas, outros primos e meu irmão, uma turma que começava logo uma algazarra assim que se juntavam. A viagem até a praia não era longa, mas incluía tanta improvisação e paradas não programadas que demorava mais de hora até chegar.

Primeiro ele parava num depósito de carros velhos para espiar entre os mais antigos, guardados mais ao fundo e ver se tinha alguma novidade. Seguíamos a pé até onde ele ia e realmente a gente encontrava os carros mais antigos que jamais tínhamos visto, mas que ainda mostravam resquícios da beleza que já tiveram. Juntos repousavam restos mortais de um velho Cadillac, Rabo de Peixe, um Ford esquecido, um Buick negro, um Studebaker com pinta de foguete ou um Austin-Halley com fleuma e ares britânicos.

De repente, como num passe de mágica, a visita aquele museu ao ar livre terminava. Ouvia-se a buzina ao longe, agitando todo mundo porque era hora

de reiniciar o longo passeio, o piquenique e o esperado banho de mar. Alguns segundos depois, Tio Zequinha metia o pé no acelerador, os pneus arranhavam a estrada, a poeira levantava do chão. Tio Zequinha passava a primeira, a segunda marcha e arrancava derrapando os pneus na piçarra, sumindo na primeira curva, escondido no meio da poeira amarelada.

Era gritaria agitando a viagem toda. O bando de trás fazia careta através do vidro para os outros, mas eles nem ligavam, sorrindo alegres, os cabelos revoltos pelo vento, os olhinhos fechados para evitar a agressão da poeira.

A primeira parada era próximo ao Aeroporto. Se tivessem sorte, poderiam ver os aviões pousando ou decolando, mas o que contava mesmo era a correria pelo capinzal, adentrando no mato, numa caçada silenciosa, na esperança de achar algum bicho, mas com o pavor natural de cobras. Não demorava muito e lá vinha a ordem do Tio Zequinha para recomeçar o passeio. E lá íamos estrada afora, enquanto o Cadillac valente se aproximava da praia enfrentando a estrada de areia, deixando o rasto de poeira atrás.

Antes mesmo que nos sentíssemos cansados a estrada mudava de feição, entrando num túnel natural formado por árvores enfileiradas, tornando o ambiente sombreado e refrescante. Cajueiros, mangueiras, pequizeiros e cajazeiras, perfumavam a estrada com aromas de flores e frutos. Mais adiante era a vez dos jenipapeiros, pitombeiras, as ramas de maracujazeiros floridas e dos arbustos de ata formar uma misteriosa alameda.

Aí o Tio Zequinha fazia a segunda parada. Encostava o carro na beira da estrada e lá íamos todos nós, cada qual com o saco vazio na mão, catar frutas no chão de fartura. Era tempo de manga? O chão ficava coalhado de manga-comum, manga-espada e manga-rosa derribadas pelo vento.

Era tempo de cajazinho? O colchão de folhas secas cintilava, tingido pelo amarelo-ouro das frutas bicadas pelos passarinhos. Era tempo de caju? Os troncos rugosos dos cajueiros viravam trampolins para saltos dos saguis que vinham colher frutas. Quem encontrasse algum jenipapo espocado no chão, guardava para o Tio Zequinha, que mandava direitinho para as mãos da Loló para curtir e fabricar o seu famoso licor.

Mal saíamos do sítio, pegava-se o restante da estrada de areia, onde o Cadillac *dançava* uma imaginária valsa para um lado e outro. Superado aquele pequeno deserto de areia fina, mais um quilômetro depois, a mais rápida das paradas: o Rio Pimenta. Nem mesmo era um rio, não passava de riacho. Mas o Tio Zequinha conhecia um canto lá atrás que formava a lagoinha de água doce e alva. Essa parada não dava ânimo em nós, porque o local era muito fundo. Mas ninguém reclamava não. Aquela parada era a paixão do Tio Zequinha.



Eu bem via como Tio Zequinha, sofria com a degradação do seu Paraíso, entrava no carro sem dar o grito de guerra. O pessoal tentava animar o resto da viagem, mas o Tio Zequinha só voltava a sorrir mesmo depois da última colina, quando lá embaixo já despontava o areão da praia, a perder de vista e – por fim – o mar, o glorioso mar!

Na ladeira de acesso ao paraíso, Tio Zequinha botava o Cadillac em ponto morto e ele descia sacolejando, as molas rangendo, aço velho reclamando dos solavancos provocados pelos buracos. Mal chegava lá embaixo, puxava o freio de mão e já saía atirando num canto a camisa, os sapatos, as calças. Abria os braços para os lados querendo abarcar o mundo, respirava bem fundo a brisa do mar. As crianças há muito tinham iniciado a maratona pra ver quem chegava primeiro na água morna.

Aquilo era mar de piscina e qualquer criança podia brincar ali sem perigo. Outros já estavam arrumando os times, batendo bola na areia, dando bicicleta no ar, fazendo defesas espetaculares. Quem não brinca vai apanhar murici e depois descer a toda velocidade, rolando do alto das dunas.

Tio Zequinha ia lentamente por toda a extensão da praia, molhava o pé direito para sentir a temperatura da água. Entrava, dava um, dois mergulhos e aproveitava a onda que ia e vinha. Após essa imersão ritual, ele voltava para a beira do mar, aonde as ondas vinham com o marulho transformado em espuma. Sentava-se, ficava mirando o horizonte, lá longe, onde o céu se junta ao mar, deixando a areia molhada escorrer pelos dedos. Volta e meia alguém trazia cerveja, sanduíche, frutas, porque dali ele só sairia no fim da tarde para fazer a viagem de volta.

Então, o Cadillac ronronava tranquilo como um gato no sofá, como se tivesse conhecimento da sua carga valiosa ainda, porque, esfalfados da farrá a garotada dormia, jogados à vontade no banco, encostados uns aos outros, refletindo nos lábios cerrados a marca dos sorrisos de felicidade que gastaram nesse dia farto de coisas boas.

Agora estávamos todos ali na fotografia amarelada: crianças sujas de areia, o Tio Zequinha de chapéu de palha, a cigarrilha na boca e um copo de cerveja na mão. Todos sorrindo, todos sonhando como sonho agora com este e outros domingos, a sempre nova aventura oferecida por um homem doce, que tinha prazer de anunciar-se como o relâmpago, tocando a buzina do Cadillac, fazendo derrapar os pneus nas curvas, proclamando aos quatro ventos a alegria de viver...

### 3 - AS TRÊS AMIGAS

Naquele tempo a religiosidade de Klara começava a ficar instável. Porém o estigma que acompanha algumas etapas da vida tende a carregar a alma humana para longe da fé. A doença, a quimioterapia, a tragédia, a perda – tudo, enfim, causa intenso sofrimento e contamina a alma com dúvidas, semeia a crença com suspeitas. Com Klara, cuja natureza espiritual volúvel era carregada de elementos irracionais, não poderia ser diferente.

Combatalida pelo ataque virulento da medicação química, com o corpo e a alma vitimados pela cruel agressão, Klara deixou-se levar pelo fluxo, como um riacho que escorre pela força da gravidade. Pensando enfrentar a situação, ela procurou mobiliar-se de modo adequado, mas não pelo espiritual. Convocou um marceneiro amigo para montar um espaço físico onde pudesse juntar suas coisas importantes e necessárias num só lugar, bem à mão, sem incomodar a ninguém mais. Ali deixaria o corpo, mas, e a alma?

Quando a porta e a janela foram fechadas, o quarto todo ficou em lusco-fusco, aos poucos sua visão foi se acomodando, como se mirasse um espelho negro invisível. Mas foi somente com os olhos bem arregalados que Klara conseguiu divisar detalhes iguais ao quarto de sua infância: a janela envidraçada deixava à vista um céu com estrelas. O subconsciente funcionou como um trabalho de remissão, uma vida em regresso. Klara, ela mesma, determinou que fosse terminar sua vida no quatinho mágico que a fez trespassar toda a existência. Como tinha acontecido tudo isso? Era o mesmo quarto, a parte superior das janelas, quatro vidros coloridos, oito pedacinhos do céu, cheios de luzinhas multicores que piscavam sem parar.

Antes de se isolar de vez, ainda recebia as três amigas e, mais raro, uma e outra pessoa. Lembro bem das fotos que recebi registrando as reuniões: Klara sempre com um lenço vermelho com motivos híndi protegendo a cabeça calva e as sobancelhas sem nenhum pêlo. As olheiras – bem marcantes da sua ancestralidade – serviam de moldura para dois olhos negros naufragados em sofrimento. As três amigas ainda esboçavam um sorriso, mas as feições de Klara, os lábios ressecados em riste, já tinham assumido o rictus subjacente da viagem sem volta, o desígnio assumido.

Não foi surpresa que ela inventasse mais uma das reuniões, já com intenção de torná-la a última. As primeiras palavras de Klara eram de desabafo: não queria explicação das amigas, também não espera interpretação para o seu sofrimento. As amigas sentem obrigação de responder ao desabafo, de maneira mais gentil possível e respeitosamente pedem que Klara não fique zangada. É

que as três amigas ainda viam em Klara a companheira religiosa, cheia de fé e esperança, mas se surpreendem quando a mutação se faz clara aos seus olhos.

Quando a notícia do sofrimento de Klara correu, as três amigas se encontraram, combinaram ir juntas para visitar Klara e levar conforto a ela. Mas, quando viram Klara ao recebê-las, desfigurada, magra, sem cabelos, mal puderam acreditar e começaram a chorar. Muito aflitas com a situação, se aproximaram e sentaram ao lado de Klara, em silêncio. Não sabiam o que dizer: amigas de verdade elas pensavam provar lealdade com aquele silêncio constrangedor. As três amigas, religiosas, aprenderam com o dogma:

*– Quando estamos diante da pessoa aflita e torturada, o melhor a fazer é ficar quieta, como se quisesse sofrer juntos – e não o contrário, falar, falar, falar de modo atabalhado.*

É sempre mais fácil evitar o golpe dos que estão contra nós para conservar o inimigo à distância. E se durante anos, Klara tivesse vivido uma farsa, fazendo-a crer que era feliz quando na verdade a desgraça aguardava oportunidade para feri-la?

Quando se juntou às três amigas, Klara queria ser igual a elas para gozar a amizade, mas também a perseverança da fé em Deus. Agora que tinha acontecido a desgraça, por que Deus e todos ao redor a tinham abandonado? Por não entender a razão de tudo aquilo, o temor de perder o relacionamento com Deus também se evaporou.

*– Carinho e compreensão dizem mais que mil palavras: oferecer um sorriso, uma lágrima, um abraço, uma oração, mostrará a Klara que não está sozinha.*

Como uma represa que se rompe, a alma alquebrada deixa os sentimentos jorrarem vida abaixo. Com certeza foi o silêncio das três amigas que deram coragem a Klara para abrir o coração. Depois, será que ela se arrependeu? Aqui vemos Klara ainda expressando a emoção, o lamento, a dor e até o fato de estar vivendo – mas que jamais pensou em amaldiçoar o dia em que nasceu. Seu sofrimento é insuportável e isso faz desaparecer a alegria, que agora aparece tão distante, como se fosse uma ilusão. Mas, como a semente no deserto, subsiste no íntimo algum sentimento de fidelidade à vida. Klara conservara as três amigas e sabia que não estava sozinha, entregue à própria sorte. Sentia o relacionamento místico distante no momento, mas esperava receber bons eflúvios de amizade, a sincera compaixão, o anseio religioso – jamais o cálice da dor, a comiseração flébil, o pesar lacrimoso.

Mas em seguida as três amigas falam sobre *a desgraça dos incrédulos e a alegria dos justos*. Elas exigem de Klara *que espere em Deus a tempestade*

*passar, para o sol tornar a brilhar em sua vida. E dizem que Deus está repreendendo Klara por alguma falha, por isso ela deve controlar a precipitação, arrepender-se em confissão, perdoar-se dos erros, para somente então ser reiniciada, curada, libertada.*

Até então, Klara tinha a certeza de possuir um grupo de três amigas, mas despida de religiosidade através do sofrimento, essas palavras soaram de maneira diversa, refletindo na alma – como o espelho negro – a mais completa escuridão. Agora nem mesmo a lua cheia conseguia trazer luz ao seu espírito, nem o quartinho escuro, nem os vidros coloridos conseguiam suscitar a ressurreição de um novo dia. Klara resolveu assumir o destino que um dia guardou num envelope lacrado, que circulou por todo o mundo sem trazer um pingo de liberdade sequer.

Finalmente, para deteriorar tudo de uma vez por todas, as três amigas chegaram a uma conclusão que vai machucar Klara muito mais do que tudo o que lhe acontecera até o momento. Elas dizem em uníssono:

*– Klara, coisas ruins acontecem porque a pessoa faz por merecê-la!*

Depois de ser atingida por uma doença pavorosa e deformadora, após ser abandonada em sua fé, depois de passar semanas deitada num leito, Klara afinal renuncia a tudo. Agora temos a oportunidade de conhecê-la melhor. Podemos ver Klara não como a crente espiritual, que não se abala à toa, mas como uma mulher de carne e osso.

Ainda hoje tantos fazem o mesmo quando veem uma história similar à de Klara: pensando ajudar, procuram falhas para justificar o sofrimento; inventam toda sorte de acusações; dizem que sua religiosidade é só de aparência; que o medo de ficar pobre a estava atormentando; que Deus está pesando na punição. A verdade é que Klara não era perfeita, mas não havia cometido falta tão grave que justifique o sofrimento exagerado, nem mesmo à luz da religião. Ademais, nem todo sofrimento pode ser explicado como castigo de Deus.

Orgulhosas, as três amigas pensam que isso pode ter feito muito bem a Klara. Afinal, ela pôde contar com as três amigas fieis ao seu lado, em silêncio respeitando a sua dor. De modo ingênuo, transmitiram a Klara suas conclusões, sem pensar em magoá-la, mas foi tanta a ingerência em sua vida pessoal que o efeito foi hostil. As três amigas não alimentam esperanças com relação ao futuro. Pensando assim, pedem a Deus que faça justiça enquanto Klara estiver viva. Ora, para as três amigas, *todos são iguais após a morte, então, todos os atos devem ser punidos ou recompensados em vida aqui na terra.*

Assim, acreditam provar a sua lealdade acima de qualquer dúvida e levar solidariedade foi um ato positivo que fez muito bem a Klara. Vaidosas, acharam que era um privilégio para Klara poder contar com três amigas fiéis ao seu lado, observando um silêncio respeitoso diante da sua dor. Mas as coisas não pararam por aí, infelizmente. Durante o dia em que ficaram caladas, as três amigas de Klara começaram a refletir sobre tudo que estava ocorrendo. Colocando-se acima de Deus, geraram teorias próprias para explicar o sofrimento de Klara.

Quando se sabe que alguém deseja o mal, assumimos atitudes de defesa e ficamos atentos, mas quando três amigas nos ferem, somos pegos de surpresa. É sempre mais fácil evitar o golpe dos que estão contra nós para conservar o inimigo à distância. Quando o desengano de uma amizade agride de surpresa, deixa-nos vulneráveis à dor e o sentimento de perda é muito maior. Os piores sofrimentos são causados por falhas de pessoas queridas, justo o que aconteceu com Klara. A causa e efeito *três amigas*, redundou em piora psicológica e endurecimento quanto os desígnios da fé.

Também a alma de Klara ficou em lusco-fusco e sua visão acomodada com o espelho negro. Nem os olhos arregalados de Klara conseguiriam divisar mais os detalhes da sua vida: a janela envidraçada apagou o céu estrelado. O subconsciente adaptou-se a uma existência em regressão.

Determinada a terminar a vida num quarto mágico, que era pirâmide e esfinge, Klara delimitou o trespasse da última fase da existência. Ali poderia inventar consigo mesmo mil histórias para tentar saber como tinha acontecido tudo isso. Já não era o mesmo quarto, a menina perdida com uma maleta nas mãos, as janelas de quartzo, os vidros coloridos, oito reflexos cristalino de luzes multicores pulsando num universo em contração.

#### **4 - ANTES DA NÉVOA DENSA**

A paixão de Klara por Itaipava, porém, não se deu por causa do tom soturno do inverno nevoento. Antes, muito pelo contrário. Quando se decidiu comprar uma morada para passar as férias e se recolher na aposentadoria, Klara juntou uma agenda de endereços selecionados e, num sábado de verão, pegou o ônibus e subiu a serra.

É verdade que na época mais dramática de sua vida, o ambiente do seu esconderijo em Itaipava sofreu uma tremenda mutação, adaptando-se como uma luva às circunstâncias dolorosas de um tratamento quimioterápico de final imprevisível. É coisa para se pensar: como se a natureza, o ambiente, o local, os móveis, as árvores e todos os seres vivos se mostrem conhecedores de uma

tragédia, da qual suportam as consequências, participam, presenciam e passam a integrar.

Mas não foi assim desde o começo: o dia estava claro e sem nuvens, a paisagem verde refletia raios cintilantes no asfalto, os fios de água escorriam das nascentes pedregosas, tudo fazia com que a viagem pela estrada ondulante fosse tranquila e descansada.

Chegando à rodoviária Klara pegou um táxi e, para que a busca fosse produtiva, resolveu ajustar a busca programando-se com a ajuda do motorista. Foi assim que conheceu o Ferreira, que iria atendê-la sempre que fosse chamado. Explicou do que se tratava e, dando a sequência de endereços, deixou que ele pusesse em ordem.

A caçada pela casa começou debaixo de um sol forte e clima seco. Klara abasteceu-se de água mineral e botou o chapéu de palha de abas largas que costumava usar nas caminhadas do Leblon. Primeiro foram ao distrito de Corrêas, três endereços apenas.

Logo após fazer as visitas e inteirar-se da situação física do imóvel, custos monetários, condições de venda, qualidade das residências, Klara realizava uma série de notas na agenda, para leitura posterior.

Realizada essa primeira etapa, com uma pausa para lanche e descanso, a busca depois se concentrou em Itaipava onde, em segredo, Klara depositava as melhores esperanças e desejos. Ela partiu para as visitas com vontade e ânimo, determinada a concluir a busca e encontrar a casa dos sonhos.

A segunda metade, no entanto, se mostrou infrutífera e decepcionante. As melhores moradias estavam construídas nas margens dos rios ou então muito próximas das estradas, inconveniente que resulta em ruído excessivo, trânsito abundante de veículos, sequelas tais que provocam estresse e, por conseguinte, o imediato descarte do imóvel.

Andou, andou, sempre auxiliada pela boa vontade do taxista, mas nada se encaixava em seus desejos. Ainda seguiu algumas indicações dadas por Ferreira, que não tinham sido previstas, mas mesmo assim nada se encaixou com o que ela queria. O fim da tarde se aproximava, o vale começava a amornar as suas cores, um último fio de sol se deitava atrás das montanhas.

Dando por encerrada a pesquisa, chateada e frustrada, Klara resolveu descansar e recuperar as forças. Ferreira aceitou de bom grado tanto a parada, quanto o convite, porque também se preparava para encerrar a jornada diária. Escolheram uma pequena padaria e confeitaria que fica entre a Estrada União e

Indústria e a Rodovia Rio-Juiz de Fora, local aprazível e sombreado, às margens do Rio Piabanha.

Ali, afogueada pelo calor e cansada da caminhada, pediu um refresco de manga, uma cestinha de pão de queijo, que devorou faminta. Depois desejou comer uma fatia de queijo fresco, pão massa grossa, uma xícara de café com leite. À mesa ao lado estava sentada uma senhora que, afogueada, se abanava com uma revista, também sofrendo com o calor exagerado. Bastou apenas um olhar para que ambas sorrissem e, se apresentando, encetassem uma conversa amigável.

Klara e dona Hortência, pois, logo enfrentaram uma palestra tão calorosa quanto à temperatura ambiente. Pois é sabido que assunto puxa assunto e tudo foi se encaminhando de modo natural até chegar ao trabalho infrutífero que Klara teve na busca por uma casa que – àquela altura não tinha dúvidas – só existia na sua fantasia. Como imaginação era o que não faltava a Klara, ela pôde relatar com detalhes a sua quimera, como também a sua frustração, a desilusão em ter falhado.

*– Pois você nem imagina minha querida – os olhos de dona Hortência brilharam – porque a casa que você descreveu está a apenas 300 metros daqui. Para ser mais exata, é na mesma rua em que moro!*

E quando Klara pagou a conta, quando pediu a dona Hortência para acompanhá-la no táxi, quando pegou uma estradinha estreita e íngreme à direita da estrada, quando chegou bem em frente à casa – viu que ela estava com a razão: como se fosse o quadro de um artista, escondida por uma curva arborizada, se materializava a morada compatível com todos os seus sonhos.

E, sim, naquele momento se podia afirmar que ninguém iria imaginar que as flores iriam desaparecer daquela casa, nenhuma fotografia mostrava o ambiente soturno e fantasmagórico em que se converteu, quando em presença da doença e do mal. Não. Essa casa era bonita, sim, bem escondida debaixo de um arvoredado antigo, cujos cipós gotejantes desciam dos galhos até o chão.

Os raios de sol rompiam as frestas, varavam as árvores em réstias e penetravam na varanda, na saleta, nas janelas deixando as paredes com a claridade precisa, e transmitia ao ambiente um brilho luminoso de vida. Indescritível, sim, porque era aquela casa alegre, escondida na estradinha de pedras, escorregadia e lodosa, que Klara tinha desenhada na mente desde os tempos imemoriais.

Logo a imagem se desviou de rumo e tudo se resumiu num futuro em que outro carro chegaria quase em silêncio, trazendo a alegria e o prazer pelos quais Klara tinha desmontado toda a sua estrutura e recriado outro país para viver: Antônio

Carlos. Ele estaria de volta depois de excursão ao nordeste, apresentando shows de Salvador a Fortaleza e a promessa de uma semana de folga caiu como um presente dos céus.

Agora que tudo parecia cor-de-rosa, Klara reparou que fez muito bem em aceitar meu conselho, quando em conversa me falou:

*– Antônio Carlos vai fazer uma excursão e quer que eu vá com ele.*

Foi assim de repente, trazendo à notícia um ar de urgência. Seus olhos brilhavam de esperança sobre a minha reação. Ela estava por completar dois anos do cargo que ocupava em serviço público, após dias de estudos duros, sem diversão alguma, de dedicação completa. Passou com folga e foi chamada para assumir o cargo e agora teria que largar tudo e sair em aventura amorosa.

Tentei não dar ao assunto um aspecto trágico, o que funcionou logo e seus ânimos arrefeceram, desconversei antes de responder, para que eu mesmo botasse a cabeça no lugar. Que responsabilidade me caiu no colo! Logo a mim ela pede socorro, logo de quem obteve apoio para quase todas as iniciativas, ela indagava:

*– O que fazer?*

Depois de recuperar o fôlego, mesmo sem muito tempo para analisar a situação, procurei, primeiro, tirar o peso que ela carregava, aliviar uma alma apaixonada. Quando reparei que a ansiedade de Klara tinha amenizado, antes que ela perdesse as esperanças de ouvir de mim uma resposta, achei jeito de jogar a responsabilidade para o outro lado:

*– Você vai explicar a ele tudo sobre o seu trabalho, de como tinha programado assim se realizar, de como lutou para conseguir e da importância para o seu futuro. Se ele realmente amar você, irá compreender, aceitará a sua opção, saberá que você estará o esperando ao fim das excursões. Fale com convicção, mas com amor, firme, mas com delicadeza. Vai dar certo, vai dar certo...*

Depois que o ruído do motor silenciasse ainda haveria tempo para uma ducha, um lanche de queijos e vinhos, pão de cevada, as torradas que dona Hortência preparara.

## **5 - CARTAS DA MINHA CIDADE**

*20 de janeiro*



*Klara.*

Passei apenas quatro dias em São Bento. Mas foram quatro dias com o coração acarinhado pela gentileza de velhos amigos nascidos na região – que ainda retêm e representa de modo mais fidedigno –, o autêntico espírito maranhense.

É tempo suficiente para recompor o ânimo de quem já andava desiludido diante de tantas malas e baús de corrupção e desonra.

A episódica visita a Zé Caburé – te contei? – já com oitenta anos de vida pobre e honrada, morando numa casinha branca, à sombra de espesso arvoredado, escondida detrás da ermida de São Roque, depois da barragem do Alegre, é como puxar a ponta do novelo da vida.

Dez, quinze minutos de prosa, lá se vai um poderoso trator perfurando fundamente a memória, abrindo claraboias e deixando entrar luz no mais íntimo repositório de lembranças.

Num repente, ali estão os meninos da minha infância, todos sem falta, com chapéus de carnaúba enfeitados de fitas coloridas, peitorais e aventais de veludo brilhantes de canutilhos e miçangas na brincadeira do Boi de São João.

Tempos depois seria tua a imagem a vestir tais lembranças, pois gostavas de te fantasiar com vestido de chita, fita vermelha na cintura e chapéu de palha coberto de miçangas e vidrilhos. Para completar tua beleza – lembro bem – dois algodões de ruge na face e um pingo de batom carmim nos lábios...

São minutos de prosa, à porta da pequena e histórica ermida de São Roque, à sombra de idosa figueira, recebendo no rosto o vento selvagem dos dilatados campos de Peris, refrescado nas altas lanças do guarimã, com cheiro de jaçanãs, capim mascado e bosta de gado. Ventos que trazem mugidos e aboios, odor de lenhas e barros das olarias, de carões, cascudos, bagrinhos e jejus.

Caburé era o organizador do folguedo. Ele se encarregava de tudo: do boizinho, das toadas, dos maracás, das fogueiras e do cumprimento do roteiro do auto. Tudo era com ele. Até os fogos, carretilhas com chispas prateadas cortando a noite, foguetes de taboca, subindo até espocar no meio das estrelas penduradas sobre a cidade, besouros de fogo, salientes e desavergonhados, atraídos pelo mistério, imiscuídos na saia de algodão florido das meninas cheirosas. Quando o boi morre no meio das festividades singelas, Zé Caburé ia logo tratando do brinquedo para o ano seguinte.

Não penso noutra coisa a não ser voltar logo para São Bento. Vou de novo sentar num tamborete, na calçada da igreja, proseando entre o sabor do café

torrado, da fatia de queijo, da colherada de arroz-de-toucinho. Ouvir histórias da vida, sorver em pequenos goles o espesso e generoso vinho da memória, repor ordem no pensamento.

Tu te lembras do Caburé: velho, enrugado, com um olho só (perdeu o outro cortando taboca), cigarro esquecido no canto da boca. O que me gosta nele é a sua visão da vida, é uma aula de sabedoria, pois vê com nitidez o passado e olha com clarividência o futuro.

Desta vez quatro dias foi pouco tempo para tanta lembrança, tanta sentença, conceitos e princípios, nascidos da experiência de um homem simples, puro, bom, um sábio eremita de nosso tempo.

Voltarei – se Deus quiser – à Pasárgada maranhense, para deixar de ser, ainda que por quatro dias, apenas um solitário e dolorido habitante da cidade grande.

E, mesmo em sonho, guardo sempre um lugar para ti...

Beijos e abraços, saudosos do Tio Zequinha.

# QUATRO

## 1 - CARTAS SÃO BEIJOS E ABRAÇOS

Tio Zequinha é tio e amigo, maranhense de gema, do signo de Touro, que Vênus favoreceu com o dom da escrita, gênio tolerante e personalidade generosa. Nesse tempo indefinido vejo-o atravessar a rua em passos marcados, nas assíduas visitas a parentes.

Onde passa deixa lembranças terrenas, produtos do dia a dia, coisas feitas em casa e compradas com amor: uma dúzia de ovos, uma garrafa de vinho tinto, uma caixa de bombom, queijo minas curado, manteiga da fazenda, pães fresquinhos, beijus, canjica, queijo de São Bento.

Sempre que era preciso varrer as lembranças, o Tio Zequinha me leva à padaria do Seu Ramos que, ao ver meu semblante triste, traz logo com a cesta de bolachinha, a manteigueira de lado e um sorriso.

Logo depois, traz o café com leite, pão com manteiga e açúcar quente. O Tio, taurino apesado, distraído, extravagante nas emoções, trazia lágrimas aos olhos com facilidade.

Três ou quatro vezes por ano, o Tio Zequinha faz um passeio a São Bento e às vezes me convida. Vamos de carro, carregados de mantimentos e presentes. Atravessamos o canal de *ferry boat*, a bordo do qual uma sinhá vende apetitosos pastéis: camarão, queijo, carne; serve deliciosos gelados: cajazinho, coco e manga; copos de limonada, sorvete de coco e picolé de manga.

Lá o Tio mata todas as saudades acumuladas, revê amigos, bares e restaurantes, dialoga com casas, portas e janelas, escreve uma crônica e volta.

Nessas ocasiões seus olhos ganham um brilho extra, as coisas mais bobas trazem um sorriso aos seus lábios, era toda uma felicidade só.

Dava gosto ver como ele é querido: na cidade todos param para cumprimentá-lo, recebe muitos abraços, convites para almoços, jantares, agrados, comidinhas aqui e ali. O prefeito, o padre e o tabelião – que são as pessoas mais importantes da vila – assim que tivessem conhecimento da sua presença, logo o procuram para o abraço amigo.

Escrever carta é coisa que Tio Zequinha – em respeito e para manter a fama de caladão – não faz a ninguém (Klara é a exceção), por isso não foi com surpresa que Klara recebeu a correspondência dele. Não ficou só numa carta, não. Depois

muitas outras ele me escreveu, como se soubesse que elas eram o um salva-vidas.

Tio Zequinha sempre começa as cartas com uma frase que me repetia sempre: “Agora que você já é gente grande e independente” – era assim que costumava dizer sorrindo.

O bilhete era sobre pão com manteiga e açúcar, mas nas entrelinhas havia muito mais: tinha uma alma e um coração juntos, que vieram para dar o conforto que eu precisava.

As tempestades se aproximavam de mim, então esse gesto me deu certa segurança e apoio, para encarar melhor as maledicências da vida, a síndrome de Ci, quimioterapia, sonhos e pesadelos. Mas isso é coisa de um passado que se mistura ao liquidificador que está se transformando a memória de Klara, por força das drogas.

Hoje, as cartas e cartões postais acumulados sobre a mesa não ajudavam em nada. Antônio Carlos – via-se pelas datas e locais de origem – mantinha a promessa de escrever sempre. E procurava transmitir a Klara garra e força de vontade no tratamento contra o câncer.

Além disso, ele procurava detalhar em poucas palavras todos os locais programados para os shows, o meio ambiente em que estavam hospedados, os bairros, os tipos e locais típicos do lugar. Além do mais, Antônio Carlos contava o que fora a apresentação, mandava recortes de jornais com críticas e fotos, trechos das entrevistas, tudo isso com o explícito objetivo de mostrar o sucesso que estava alcançando, sucesso não só individual, mas de todo o grupo.

Não poderia imaginar o que se passava com Klara, atacada por todas as mazelas de quimioterapia, ainda mais quando se alternava com a radioterapia. Devido ao peso que trazem as muitas responsabilidades assumidas, Antônio Carlos não tinha tempo sequer de pensar em Klara, no dia-a-dia, nas particularidades, senão como a amada ausente.

Não tinha condições psicológicas de saber como a aparência física dela tinha se transformado, nem as alterações psíquicas, mentais e morais que essa metamorfose carregava consigo.

Como um hábito social Klara guardava para si toda a dor. Como se respondesse ao costureiro “como vai?”, suas palavras para Antônio Carlos eram de conforto – como se orgulhasse da obrigação de vedar ao seu amor a situação grave que vivenciava.

Não se considerava solitária. Klara sabia que no mundo muita gente suportava o tempo hostil que ela mesma tenta superar, que sua dor é muito comum ao destino de tantas almas: o impacto, o choque, a violência e agonia de um lado, confrontados com a alegria, o júbilo, o contentamento no sentido oposto. Dois tempos antagônicos de destinos conflitantes, direito e avesso, duas almas vivendo climas contrariados, verso e anverso.

## 2 - O BOI ESPALHA MERDA

Klara de vez em quando botava para fora forte doses de um sarcasmo ácido. Não sei de que veia ela tirou esse instinto, que não se confundia com nenhum tipo de discriminação: era crítica, autocensura, objeção, revolta às vezes, oposição. Foi assim, de modo instintivo como os bichos, que ela encontrou um jeito especial de demonstrar insatisfação.

Também não sei onde ela arranjou a letra de uma marchinha de carnaval, mais chegada ao escatológico que satírico, pelo jeito música bem antiga, o que não era fácil. Mas ela conseguiu, cantou, ensinou-me a fazer o dueto. Era a marcha do boi Espalha Merda:

*Chamaram meu boi de Espalha Merda  
A turma lá de casa protestou  
Me desculpe seu doutor Carlos Lacerda  
Espalha Merda é o cu-da-mãe de quem chamou.*

*Quando o meu boi entrou no picadeiro  
A turma da geral toda gritou:  
– Espalha Merda! Espalha Merda!  
Isto não se faz, mas onde já se viu,  
Espalha Merda é a puta-que-pariu!*

A marchinha era usada sempre em situações críticas, quando alguma coisa estava para explodir ou dá errado. Por exemplo: numa reunião típica de família, festinha entre amigos, festividades universais, colegas de colégio, justo nessas ocasiões em que os grupos se formam, aglutinando-se conforme seus interesses e idades.

Chegava num ponto em que, principalmente entre os jovens, a festa adormece, os temas explodem, o clima fica tenso, tudo colabora para estragar o ambiente.

Nessas horas Klara olhava para mim, piscava o olho e eu já sabia: lá vem a marchinha do Espalha Merda. Ela se levantava eu ia junto. Botava as mãos na cintura dela e começávamos a circundar o grupo cantando bem alto:

*Chamaram meu boi de Espalha Merda  
A turma lá de casa protestou  
Me desculpe seu doutor Carlos Lacerda  
Espalha Merda é o cu-da-mãe de quem chamou.*

*Quando o meu boi entrou no picadeiro  
A turma da geral toda gritou:  
– Espalha Merda! Espalha Merda!  
Isto não se faz, mas onde já se viu,  
Espalha Merda é a puta-que-pariu!*

Quase que de imediato a turma ia aderindo, um a um, como se estivesse também pressentindo que o ambiente estava ficando pesado, perigoso e chato, chegando naquele momento que muitos conhecem e poucos conseguem evitar. É daí que nasce a dissensão, por causa de uma briga boba, mas que é capaz de perdurar por longo tempo.

De repente estava o grupo todo dançando e cantando à viva voz a marcha do boi Espalha Merda, até que os corpos suados e cansados pedissem descanso, uma bebida gelada. Quando a conversa recomeçava de modo pacífico, animada entre risos e gritos, os namoros se reanimavam, renascia o amor e a paz entre os seres.

Nessas horas eu ficava olhando para Klara e bem que reparava como os olhos dela brilhavam, enxugando o suor com um lenço, arrumando os cabelos, acompanhando, por sua vez, a cada um de seus amigos, colegas, parentes e como eles chegaram por fim ao entendimento. Tudo por causa de uma marchinha boba sem pé nem cabeça.

Depois, já crescida, adulta, volta e meia flagrava Klara acompanhando os lazes e afazeres cantarolando a marchinha a boca miúda, como se relembresse aquele tempo. E ficava matutando cá comigo se não estava, dessa maneira, tentando apaziguar algum dissabor pessoal e evitar que os pensamentos íntimos se digladiassem a caminho do impasse.

Então eu dava um jeito de escapulir até ela só para mandar um olhar malicioso, uma piscadela, um sorriso cúmplice – de imediato assimilado em conluio. Essa colaboração espontânea para que seu espírito e pensamentos tornassem ao equilíbrio tinha a correspondência logo confirmada através de um largo sorriso. A paz voltara.

Relembrando tudo isso com um punhado de cinzas na mão e na alma, ainda me rói um pensamento: aonde Klara, carregando a leveza da adolescência nos ombros, foi encontrar essa marchinha, ainda escorreita nos dias de hoje?

Nesse instante em que recorro a todos os modernos meios de pesquisa são poucas as informações que consegui. No começo pensei que a referência ao boi levasse sua origem às danças de bumba-meu-boi, corrente em todo o nordeste, bem mais no Maranhão. Mas logo me afastei da ideia, porque se trata de uma marcha, o que a torna carnavalesca e nacional.

Descubro que em Goiás existe o Bloco Carnavalesco Espalha Merda; que o boi-bumbá Espalha Emoção, do Pará, é um ex-Espalha Merda; que a banda Mocotó, do Maranhão, tem como mascote o boi Espalha Merda; que Espalha Merda é um bloco do tradicionalíssimo carnaval de Olinda, PE. Descubro coisas assim e também que ocorre uma variada gama de plágios, adaptações e variantes moralizadas da marchinha Espalha Merda.

A informação mais interessante foi que o conjunto Titulares do Ritmo gravou a marcha em 1950, época em que tudo no país se comunicava através das ondas do rádio. Então – acho – foi assim que, dez anos depois, Klara ouviu na calada da noite, no quartinho onde a janela de vidros em cruz a levava em comunicação direta com as estrelas, a marcha do Boi Espalha Merda. Mas persigo ainda outras verdades. Qual o caminho percorrido até tudo se transformar numa marcha de carnaval?

No Rio de Janeiro me contaram uma história plausível, fato ocorrido na cidade de Cordeiro, onde acontece a tradicional e importante Exposição Agropecuária anual, onde pecuaristas e produtores aproveitavam para expor e vender produtos e criações. A festa, realizada no Parque Raul Veiga, tem tradição de 70 anos e recebe o apoio de vários municípios vizinhos, como Friburgo, Além Paraíba, Cantagalo, Macuco, Bom Jardim e outros da Região Serrana do Rio de Janeiro.

A então autoridade máxima do Estado – o governador Carlos Lacerda – estava presente no dia do encerramento dos festejos. Acorriam também políticos, criadores e produtores das regiões adjacentes, o que transformava a exposição agropecuária de Cordeiro, em importante feira de negócios, na qual o ápice se dava no dia do desfile dos bois e depois na procissão de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que encerrava entre foguetório e cantos religiosos a festa anual.

A criação local prima em espécimes de bois da raça nelore e zebu, admirados pelo porte, altivez e beleza, cujos pelos escovados eram lavados com xampu, herdeiros todos de uma origem pura, certificada, o que era garantia de serem

ótimos reprodutores. Por isso o seu valor alcançava altas cifras nos leilões que procediam ao desfile.

A arena profusamente iluminada recebia o desfile dos bois, encerrando com chave de ouro a programação diária. Seria assim até o último dia, quando haveria a escolha entre os dez bois melhores classificados, o Campeão dos Campeões! O Espalha Merda – que ainda não se chamava assim – participava das eliminatórias, até o penúltimo dia, quando se deu a tragédia.

As arquibancadas cheias reproduziam o murmurinho das torcidas, que se formava durante as várias etapas do desfile, cada qual carreando simpatia para determinado candidato. No lado oposto alinhavam-se os camarotes onde proprietários e arrematantes acomodavam-se, muitos deles acompanhados de toda a família.

O picadeiro reluzia, os holofotes se voltavam para o centro da arena onde os bois, arreados por um vaqueiro vestido com estilo, davam a volta completa e recebiam os aplausos. Uma fanfarra gravada ecoava pelo alto-falante anunciando o próximo candidato, e foi assim que o Espalha Merda adentrou ao recinto, sendo recebido de pé pelos proprietários, ouvindo-se os primeiros aplausos.

Aqui faço um necessário parêntese para registrar o fato de que nenhum dos que me contaram a história, em virtude da força da ocorrência e seu eco popular, se lembrava mais do nome original do boi Espalha Merda. Mas bem que poderia ter sido igual ao tradicional Boi Barroso, com um nome fulgurante e espalhafatoso, como Estrela de Aço, Força da Natureza ou outro qualquer de igual poder carnavalesco.

Ao que apurei, na verdade, o boi fora inscrito no concurso com o nome Brilhante Estela, uma referência que homenageia uma das filhas do criador. Bem, que seja! O Espalha Merda (ou Brilhante Estela) era um nelore de pelagem alva e brilhante, pernas poderosas e patas firmes, a corcova característica que torna a sua espécie dona de uma realeza sem par. Levado por um vaqueiro todo vestido de branco, cinto da mesma cor onde cintilava a fivela dourada, botas de couro branco e esporas de prata reluzente.

Ao adentrar na arena tirou o chapéu e, com as devidas vênias, cumprimentou o público, agradeceu os aplausos e, com a exigida nobreza, iniciou o desfile. Na primeira volta tudo correu entre aplausos e gritos. Mas, ao circundar a segunda metade da arena, que deveria passar à frente dos camarotes e seguir até o portão de saída, Espalha Merda foi atacado de mal súbito no intestino.



A partir de então, de surpresa, mas sem perder a nobreza, cada passada do Brilhante Estela era acompanhada do despejo de um bolo de excremento, que se espantava sonoro no chão. O estrado coberto de areia branca foi ficando todo salpicado de bolotas de bosta, que mais pareciam broas para assar no forno. O espetáculo inusitado arrancava da plateia gritos, risos, vaias, até que um espectador mais gaiato soltou o epíteto fatal:

*– Espalha Merda!*

Bastou dar o passo inicial e dentro em pouco o coro foi aumentando, até que toda a arquibancada gritava em uníssono:

*– Espalha Merda! Espalha Merda! Espalha Merda! Espalha Merda! Espalha Merda!*

É claro que o ódio subiu à cabeça dos proprietários e familiares, com o apoio dos demais camarotes, alguns modestos escondendo o riso, alimentando a réplica irada:

*– Espalha Merda é o cu da mãe de quem chamou!*

Mas a coisa não ficou por aí porque, malgrado o evento desastroso, o Espalha Merda (ou Brilhante Estela) conseguiu classificar-se, com mérito, entre as 10 melhores reses da temporada, ganhando direito a participar do desfile final. Mas aí já era tarde.

No domingo de gala do encerramento dos festejos e da exposição agropecuária, que se daria logo antes da procissão, aconteceu o rito de confirmação, que quase terminou em tragédia. Quando o boi entrou no picadeiro a turma toda gritou, sem ao menos aguardar o desfile:

*– Espalha Merda! Espalha Merda! Espalha Merda! Espalha Merda! Espalha Merda!*

Isto não se faz! No camarote do proprietário a revolta se materializou em ameaça com armas voltadas para o alto e também com gritos. Os familiares se levantaram amotinados, querendo, com insultos e ofensas graves, partir para o confronto:

*– Espalha Merda é a puta que pariu!*

Por outro lado, a confusão foi tanta que foi difícil aos organizadores controlar a plateia e por um triz o evento não se encerrava sem conhecer o campeão. Aliás,

nem vou contar mais nada, porque foi daí que surgiu a segunda parte da marchinha:

*Quando o meu boi entrou no picadeiro*

*A turma da geral toda gritou:*

*– Espalha Merda! Espalha Merda!*

*Isto não se faz, mas onde já se viu,*

*Espalha Merda é a puta-que-pariu!*

Três meses depois já era tempo de começar as festas pré-carnavalescas. Já se ouvia nas rádios locais as músicas lançadas no Rio de Janeiro e entre elas estava lá inteirinha, na gravação original do conjunto Titulares do Ritmo, a marcha Espalha Merda.

Sucesso absoluto desde a primeira reprodução, a marchinha se transformou logo em campeã de solicitações da Rádio PRK340 – Ondas Médias, Ondas Curtas e Frequência Modulada.

E por essas mesmas ondas de radiofrequência se espalhou pelos interiores e capitais, alcançando o auge de popularidade no Carnaval de 1963.

Após o primeiro susto, a censura tratou de proibi-la e só à força de liminar conseguiram com que fosse tocada, mas somente depois da meia-noite.

Meu pensamento está preso em outros dias, na amizade de Klara, os jovens nas festas, as explosões de alegria e riso, no clima tenso, horas em que Klara, jeito maroto, me piscava o olho.

Lá vinha ela à frente de uma turma cantando a marcha do Espalha Merda, alto e bom tom, eu corria junto, com as mãos na cintura dela, circular em volta do grupo:

*Chamaram meu boi de Espalha Merda*

*A turma lá de casa protestou*

*Me desculpe seu doutor Carlos Lacerda*

*Espalha Merda é o cu-da-mãe de quem chamou.*

*Quando o meu boi entrou no picadeiro*

*A turma da geral toda gritou:*

*– Espalha Merda! Espalha Merda!*

*Isto não se faz, mas onde já se viu,*

*Espalha Merda é a puta-que-pariu!*

A turma ia aderindo àquela figura catalisadora como pressentindo nela a liderança, de repente o grupo hipnotizado dançava e cantava à viva voz.

Depois os corpos suados e cansados pediam descanso, bebida fresca, a conversa voltava animada, de novo os risos e gritos, os namorados se isolavam, renascendo o amor e a paz entre os seres. Os olhos de Klara eram só brilho, o suor escorria pescoço abaixo, a face corada, afogueada, penteando os cabelos, feliz por ter trazido o entendimento ao ambiente. Tudo por causa de uma marchinha boba sem pé nem cabeça.

Muito tempo depois, na antessala do crematório, imaginava no tempo em que, já crescidos, eu flagrava Klara cantarolando a marchinha no banho e me trazia lembrança daquele tempo, matutando cá comigo qual dissabor ela tentava apaziguar, algo pessoal que lhe doía na alma, o sofrimento íntimo que se digladiava, os impasses da vida e Deus.

E como eu dava um jeito de mandar um olhar malicioso, uma piscadela, um sorriso cúmplice, correr para perto dela, fazer um carinho em seu corpo molhado e tentar, com essa coparticipação espontânea, fazer com que seu espírito recobrasse o equilíbrio, a paz necessária.

### **3 - CRÔNICA SOBRE O DESTINO DE KLARA**

*Fábula: No princípio Deus criou as aves sem asas. Elas sofriram muito para procurar alimento, saltando de um lado para outro, as pernas e o corpo se feriam nas pedras. Um dia as aves amanheceram com um peso nas costas, sem saber do que se tratava. Teve muita reclamação: frágeis, com as pernas e o corpo fracos. Agora Deus as fazia carregar um peso a mais nas costas. Que injustiça! Até que uma ave questionou: qual a finalidade disso? Ela abriu as asas e saltou. O começo foi difícil, mas não demorou e ela adquiriu habilidade. De repente, ante o olhar abismado das outras, a ave se ergueu, voou livre, deixou para trás a vida presa ao chão. Então todas entenderam: aquilo que parecia um peso na verdade era o instrumento de conquista das alturas e da liberdade.*

Klara é uma pessoa real, que enfrenta duras provações, mas não consegue vencê-las. Sua história jamais será contada na íntegra e nos séculos vindouros, de geração em geração, seu nome será apagado. Os detalhes dessa história se tornaram conhecidos, porque a autoria está inspirada por um sonho a relatou, acrescentando pormenores, concebeu assim o destino de Klara.

Os detalhes desta narrativa foram trazidos até nós pela inspiração, pela coincidência, o véu que cobre o mundo espiritual foi tirado para nos deixar ver o que se passa por detrás do cenário da dor e do sofrimento. Klara estava tendo

embates no plano natural e físico, mas eram lutas decorrentes de outra batalha no plano espiritual?

A questão do sofrimento ocupa um lugar central na narrativa e isso fará deste fado um destino polêmico, porque as pessoas religiosas não acreditam que os bons possam sofrer, pelo menos não por muito tempo. A crença, a fé, é que, sendo Deus perfeito, o mundo também terá de ser perfeito – e de acordo com esse pensamento, todas as ações boas ou más deveriam ser recompensadas.

Se alguém sofre doença ou infortúnio isso é sinal de pecados graves. Hoje essa forma de pensar da antiguidade se resume em “aqui se faz, aqui se paga” ou “o inferno é aqui mesmo”. Não sabemos de quem foi a autoria de o destino de Klara, mas sabemos que era uma mulher que tinha intimidade com as letras, que seguia e respeitava os ensinamentos cristãos, mas discordava da doutrina tradicional da retribuição.

A opinião da autoria de o destino de Klara é que associar dor e pecado é desumano. No destino, ela procura mostrar a sua opinião trazendo aos leitores esse caso. Toda a sociedade sabia que Klara era exemplo de honestidade, fé e virtude, mas mesmo assim, Klara havia passado por amarguras, o que era difícil de acreditar. A pergunta que todos se faziam era: como a doutrina da recompensa explica a tragédia?

A autora procurou não só a resposta mais exata para o sofrimento, mas também apresenta um novo ensino que é capaz de explicar a questão do padecimento. Se as tragédias não podem ser atribuídas a falhas humanas, como explicá-las então? Como entender um Deus bom e, ao mesmo tempo, ter de viver num mundo de tremenda desigualdade?

Se for verdade que o honesto e o bom sofrem, por que ele sofre, por que não vive num mar de felicidade? Então, logo em seguida se indaga: o que sobra a Deus, poder ou bondade? Klara acredita ter resposta para essas perguntas, ela se esforça corajosamente para encontrá-las. Klara não se conforma com respostas simples que a sociedade apresenta e, com todas as forças, mergulha em busca da verdade.

O que Klara queria? Ouvir a voz do Senhor, conversar com Deus? O destino de Klara é uma obra do universo, do criador para a criatura. Nele ficamos cara a cara com a agonia de um coração, um corpo e uma alma massacrados pela dor, pelo sofrimento e pelas dúvidas. Fatos ruins trazem aflição e questionamento. Coisas ruins forçam a refletir e põem em projeção a fé e a convicção religiosa.

Somos obrigados a enfrentar perguntas para as quais não encontramos resposta, que em situação de alegria e prazer não ousaríamos sequer imaginar.

O destino de Klara é o clamor da humanidade. Ainda hoje o sofrimento e a dor atormentam multidões. O que dizer das tragédias naturais, das guerras e mortes, das tragédias particulares, como a perda de entes queridos? Tsunamis, terremotos, erupções vulcânicas, enchentes: é o universo em choque, que põe a ser humano em sua dimensão natural.

É verdade que nem todos sofrem como Klara sofreu. Mas todos sofrem. Não há ninguém como ela que não conheça o gosto da dor. Para quem foi escrito o destino de Klara? Para todos nós... Ainda hoje, se acredita que os bons não podem sofrer, pelo menos, não por muito tempo. Se Deus é perfeito, o mundo tem de ser perfeito também. Mas, do mesmo modo que se é desafiado diariamente, todos os teoremas da fé são desmontados pelo sofrimento.

De acordo com um pensamento religioso, as ações boas ou más devem ser recompensadas nesta vida. Se alguém é vítima de enfermidade ou de falta de sorte, isso é visto como sinal de culpa grave. Essa forma de pensar, no passado, era conhecida como doutrina da retribuição. Ou: Aqui se faz, aqui se paga; Olho por olho, dente por dente. Vislumbramos em o destino de Klara sinais claros de que associar a dor ao pecado, o sofrimento à maldade, é demasiado humano e nem por isso verdadeiro.

Klara era conhecida como exemplo de bondade e virtude, dona de posses materiais, com muitas amizades, mas mesmo assim passa por aflições sem tamanho. Como explicar a nós mesmos esse paradoxo? A partir de o Destino de Klara, vamos descobrir que o sofrimento humano exige respostas mais concretas, menos espirituais. Assim, é preciso apresentar algumas perspectivas capazes de explicar a questão do sofrimento.

Se a tragédia não pode ser atribuída às falhas humanas, ao pecado do ser humano, à maldade, como explicá-la então? Como a ideia do Deus bom pode ser harmonizada com a realidade do mundo desigual? Como esquecer Aqui se faz, aqui se paga – Olho por olho, dente por dente e, ao mesmo tempo, lembrar a Santidade de Deus?

Sendo verdade que os bons sofrem, por que eles sofrem? O que falta a Deus? Poder ou bondade para tornar as coisas diferentes? O destino de Klara não deve trazer respostas a estas perguntas. Klara não se contenta com soluções simplistas, que as pessoas oferecem para essas questões. O sofrimento sempre parece coisa desprezível e má, assim tentamos, a todo custo, fugir dele.

É difícil suportar o sofrimento, a dor, mas no meio da tortura devemos perguntar: existe um sentido maior? Devemos ter coragem para as coisas desconhecidas, ainda que nem todos tenham? E os que aceitarem o desafio vão decifrar o enigma do Bem e do Mal?

#### 4 - O SILÊNCIO DAS MARITACAS

Caía a tarde. Sentada no velho sofá de almofadas macias, em companhia de dona Hortência, Klara esperou que um grupo de maritacas aos poucos fizesse silêncio, coisa relativamente difícil porque era hora delas se recolherem numa grasnaria comunicativa ruidosa e estridente. Era como se milhares de grilos cricrilassem simultaneamente. O jeito era esperar em silêncio, pois até a conversa era prejudicada.

– Todo dia é a mesma coisa. Esse grupo de maritacas passa para *aquele bosque lá adiante fazendo uma algazarra. Na verdade estão fazendo o caminho de volta: de manhã todas partem em busca de alimento, atravessam a rodovia e já do outro lado se dirigem àquela mata aonde ainda existem umas araucárias. Seu alimento é a pinha, quando é tempo, o coquinho das palmeiras. Ainda tem muita baba-de-boi, açai, tucum. Quando a tarde chega elas voltam para casa.*

– *Ainda bem – disse Klara – que a população aqui tem instinto rural, não é? Se não fosse assim poderiam atacá-las, provocando algum acidente ecológico.*

– *É verdade. Essas maritacas na verdade não eram daqui. Certo dia foram chegando aos poucos, ainda sem lugar de pouso, como se buscasse um local novo para se fixarem. Quando isso acontece é porque em seu local de origem alguma coisa errada aconteceu, desmatamento, queimada, algo assim...*

Aos poucos o grasnar das ararinhas foi se desmanchando no ar, à distância. Klara se lembrou de que era menina e as maracanãs, formando uma nuvem verde, passavam mais barulhentas ainda. Estava morando em um estado distante, onde não havia serra nem frio.

Justo agora que Toni, depois de passar uma semana inteira a sós ao lado de Klara, se despediu e voltou ao Rio de Janeiro para cuidar da viagem, prometendo contatos diários através da internet, pelos programas de mensagem com vídeo. Tinha surgido uma oportunidade para o grupo se apresentar na Europa e talvez Estados Unidos. A turnê deveria durar quatro meses, mas com certeza o conjunto teria que aceitar novos convites para shows – portanto, nunca se sabe quanto tempo a viagem duraria.

Seria uma longa separação. Klara tinha terminado a primeira fase do tratamento e estava mais alegre que nunca, tal a certeza que haviam incutido de que a cura estava próxima. As poucas vezes que falei com ela (o namoro com Toni trouxe a vantagem de torná-la menos dependente de mim), senti a voz alegre, de gente feliz, de pessoa que estava amando e sendo amada.

No entanto, jamais deixei de recomendar que mantivesse a continuidade do tratamento, com a mesma garra que tinha mostrado até então. Lembra-me que usei uma frase até meio grosseira para acentuar a importância de não dar trégua:

*– Klara, tu não estás com um simples resfriado, que pode ser tratado com chás e caldo de rã. O câncer tem cura, sim, mas é coisa séria. Cuida-te, cuida-te, cuida-te.*

Frisei muito as últimas palavras para mostrar a ela o quanto me preocupava o seu estado de saúde. Pedi a Antônio Carlos que reforçasse essa ideia, como estímulo ao tratamento.

Agora, ela iria ficar desamparada por muito tempo, teria apenas as lembranças e as maritacas como companhia. Eu estava ausente, Antônio Carlos estaria na Europa com o seu conjunto, incluído num grupo de músicos brasileiros e faria apresentações em vários festivais. Essa oportunidade, que todos os artistas esperam, o seu agente de pronto aceitou, tratando de resolver a agenda de espetáculos sob esse novo prisma. Que peso teria a ausência dele no tratamento, na própria doença? Pois dizem que o câncer também tem muito do caráter emocional pelo que o doente passa.

Ninguém sabe, nem mesmo as amigas de Klara saberão a quem dirigir preces. De novo cairá à tarde e Klara, estará sozinha, sem Dona Hortência, sem Antônio Carlos, sem mim. Imagino-a sentada no velho sofá de almofadas coloridas, espiando um último grupo de maritacas.

Aos poucos se fará um silêncio quase absoluto, que costuma invadir a serra logo depois de as aves diurnas se recolherem. Apenas a fímbria de névoa descerá sobre o bosque, fazendo-se de alvo lençol. Na verdade a névoa estará percorrendo o caminho de volta, pois de manhã as nuvens todas partirão para outras paragens, o céu estenderá o manto azul além do sol.

## **5 - CARTAS DA MINHA CIDADE**

*22 de março*

Klara, Só para atizar tua memória.

Caburé me contou...

Que a formosa cidade de São Bento fica bem ali do outro lado da baía de São Marcos, vila de tranquilidade e paz seculares situadas sobre uma feliz ponta de terra. No teu tempo, menina, São Bento não passava de um arruado com algumas vielas, em derredor casas de gente humilde, lavradores, pescadores, cujas mulheres são fazedoras de redes de fama.

Antigamente era coberta de altos matos, elevada apenas um pouco acima do nível da lâmina d'água que periodicamente nutre os campos gerais da Baixada, hoje é uma cidade de singularíssimas histórias. E tem as redes mais bonitas e macias do Maranhão!

Entre os costumes distintivos dos seus filhos há um excepcional e curioso: o de apelidar pessoas, de maneira tão contumaz, que estas praticamente perdem o nome de batismo. Incorporam apelidos ao nome de família e o transmitem de geração em geração.

Depois que não tem jeito de alguém lembrar-se do nome verdadeiro, o apelido é sacramentado nos cartórios. Lá, por exemplo, há famílias Pisa Ouro, Bate Banha, Peixe Frito, Afoga Gato e outras de nomes até mais exóticos. No entanto têm também os Pereiras, os Correias, os das Silvas, os Cascaes.

Na década de 1940 (tinhas apenas quatro anos), a segurança pública da cidade estava confiada ao honrado delegado de polícia Luís dos Reis, com casa de moradia ao lado da principal praça da cidade, que, por ser tatibitate, ficou mais conhecido pelo apelido de Luís Gago. A alcunha não lhe tirou a autoridade: ai do malfeitor que depois de preso caísse em suas mãos!

Seus ajudantes eram os recrutas Balbino, apelidado de Balbino Perna-dura e outro, conhecido por Taririnha, de quem o nome próprio até hoje ignoro. Balbino ganhou o apelido de "Perna-dura", em razão de que uma de suas pernas não se dobrava durante o caminhar.

E agora, contando tantas histórias, sei que hás de te lembrar um pouco da nossa cidade querida de São Bento. Além do mais tem ainda o leite mugido de búfala e o famoso queijo que, quando menina, gostavas de comer com bolachas.

Te mando, junto com esta, uns retratos tirados hoje em dia e verás que a cidade cresce: já tem prédios de quatro andares! Tem também uma rádio e as televisões pegam os programas de São Luís. Por enquanto teu Tio te contou isso...

Beijos e abraços, saudosos do Tio Zequinha.



# CINCO

## 1 - ENTRE PAPÉIS AINDA LEGÍVEIS

No meio daquela papelada, que ainda era possível entender o conteúdo, descobri algumas notas sobre alimentação e medicina natural, que transcrevo a seguir.

Dia 13/8 - As sete etapas do discernimento na alimentação saudável:

Evoluir a alimentação pessoal. Controlar a gula. Saber o que está comendo. Conhecer os efeitos do alimento no corpo. Proibir-se, por instinto, a ingestão de alimentos negativos.

Veja a seguir os tipos de alimentação que são os mais conhecidos:

1 - Alimentação Mecânica ou Cega – Ocorre com a alimentação dos doentes mentais, que se veem impedidos de analisar o que ingerem. Comem de tudo, sem se importar com valores ou sabores.

2 - Alimentação Emocional – É esse o tipo de alimentação que, em geral, leva à obesidade. Acontece por estresse ou razões sentimentais, no anseio de satisfazer a gula, sem se preocupar com o valor alimentício. Comer só porque gosta, pelo prazer.

3 - Alimentação Religiosa - As religiões que impõem dietas, proíbem certos alimentos, promovem jejuns sazonais, retiros religiosos com nutrição orgânica, etc. Como a dieta dos conventos, bem direcionada e voltada ao plano espiritual.

4 - Alimentação Racional – A que alimenta pensando nos alimentos que são bons para si, como indivíduo. É a dieta que os cientistas pensam, direcionando a cada idade geracional o exato componente do alimento, com objetivo de extrair ao máximo os seus benefícios.

5 - Alimentação Intelectual – É aquela nutrição que supera a razão dualística e se concentra em coisas imateriais. Promove a interação mental com a necessidade biológica de comer, desde que isso promova a ascensão intelectual.

6 - Alimentação Filosófica – É a que caminha na busca de um equilíbrio cósmico. Tem origem nas civilizações naturais, como as tribos indígenas, os incas, os maias. Resultou na filosofia hippie e suas inúmeras variantes, chegando até os dias de hoje.

7 - Alimentação Suprema – A que promove a libertação do indivíduo, o vínculo emocional entre o homem e a sua alimentação. Nesse caso, ele sabe exatamente o quê come e por que come. É a alimentação que leva ao Nirvana.

Lima da Pérsia – Tomar o suco puro de manhã e depois só se alimentar no almoço ao meio-dia. Fazer essa dieta por dez dias seguidos e depois parar. Voltar à alimentação de três em três horas.

Nabo Comprido – Ralado, comer em saladas. Fazer dez dias o chá da folha de nabo para banho de assento. Agasalhar bem os pés para não pegar friagem. Tomar o chá logo em seguida.

Sangue Ácido - Clorela (alga de água doce), em comprimidos: tomar 6 comprimidos, 3 x ao dia, durante as refeições. Depois de 2 ou 3 vidros, no máximo, parar.

Dia 11/8 - Homeopatia e alimentação

Ervas naturais:

- Poejo - para gripe (usar no verão).

- Cambará do Campo (para o inverno).

Gordura insaturada: (fácil digestão + leve + pura).

Pode consumir óleo de:

Mamona (que lá a gente chama de Carrapato).

Soja (exceção para a transgênica).

Milho (pamonha, manuê, canjica, cuscuz... pode?).

Arroz (de todo tipo, inclusive integral).

Gergelim (ótimo quando usado no tahine).

Oliva (bom para muitas coisas)

Peixe (só os de água salgada)

Gordura saturada: de difícil digestão; se depositada é o trambolho da alimentação. Tem origem:

Porco (embutidos e derivados).

Peixe (de água doce).

Vaca (alimentos e derivados).

Ovo de granja (hormônio para alimento de aves).

Manteiga (que ingratitude!).

Laticínios em geral (exceto queijo curado).

Margarina (não esquecer que também é gordura).

Comprar: talharim escuro, integral (o mesmo com as demais massas).

Benzopireno: é o maior cancerígeno conhecido.

Aparece como resíduo das frituras e das chapas de fritar.

Zinco: a falta de zinco no organismo é um dos fatores do nervosismo e do estresse.

O sangue deve ser alcalino; o sangue ácido é bom?

Espinheira-santa: chá para o estômago, bom para as células gástricas (estomatina), etc.

Não tomar nada continuamente; não usar, durante algum tempo, estimulantes (chá, café, mate, etc.).

Isso tudo estava datilografado, mas no final da página havia um texto escrito com a inconfundível letra de Klara:

Então, adeus melado de cana com farinha! Adeus jenipapo esbagaçado com açúcar! Adeus banana com goiabada!

Banana-passa pode?

## **2 - O ESPELHO NEGRO**

Aquela primeira noite que passei fora de casa ficou para sempre guardada na minha memória. É coisa que jamais esqueci, até que a sombra se fez em minhas retinas fatigadas, tornando aquele todo em apenas memória guardada numa caixa. Mas, todas as vezes que uma réstia se forma no pensamento, aquela noite entra e fica ali presente. Sempre a mesma memória, sempre a mesma. Até em sonhos, descobri, ela vem e se repete.

Quem mais, além de mim, tem sonhos que se repetem? Alguém mais tem sonho que faz uma pausa e depois reinicia e continua e para e reinicia de novo e de novo? Pois aquela noite, em especial – como os sonhos –, se repete no enredo, se repete no espaço, se repete na paisagem. Os dias passaram, os meses e os anos foram arrancados da folhinha e continua a mesma história, para mim reiterada a qualquer ocasião, sem que tenha sido chamada ao pensamento, a mesma história vem, fica comigo e me acompanhará para sempre.

Transformou-se em mim aquela noite como a mais memorável de todas. Desde o momento que entrei no quarto, pus a maleta no chão, separei nos cabides as poucas roupas, guardei o único sapato, calcei o único chinelo, vesti a camisola de algodão para dormir e me deitei pequenina na cama enorme – desde aí todos os detalhes se repetem imutáveis. Quando me deitei e cama ficou grande demais para meu corpo pequeno. Meus pés só alcançavam a metade do lençol.

A porta e a janela foram fechadas e o quarto todo caiu na semiescuridão. Aos poucos a visão foi se acostumando como um espelho negro invisível. Mas foi somente com os olhos bem arregalados que consegui divisar detalhes do quarto, o alto da janela envidraçada – bem à minha vista – um pedaço do céu e algumas estrelas.

A parte superior das duas janelas, formada de quatro molduras com vidros coloridos, que me traziam a visão de oito pedacinhos do céu cheios de luzinhas multicores que piscavam sem parar.

Puxei o lençol até o pescoço, comecei a contar e dar nome às estrelas. Descobri que nem mesmo a noite mais escura é suficiente silenciosa, sempre vem um ruído quase imperceptível, como a dizer que não há o silêncio absoluto.

Um grilo começou a cricrilar bem perto, em certo momento pensei ouvi-lo no parapeito do lado de fora e depois, antes de fechar os olhos de cansaço, já no batente de dentro. Talvez tenha sonhado que o grilo saltou para a cama, se aninhou nos meus cabelos e o silêncio se fez.

Não, não pude reter a lágrima que desceu logo que se fez dia e me vi naquele quarto desconhecido. O dia anterior cresceu de novo em minha mente e tudo retornou como se fosse um pesadelo imutável. Toda uma agitação se fez e logo descobri que havia uma nova vida para viver. Novas rotinas, novos parentes – irmãos, diziam – comprar roupas novas, sapatos novos, até o penteado mudou, os cabelos foram cortados quase rentes, caindo nos ombros. Até o almoço foi diferente, meio silencioso, mas que todos entabulavam conversa, menos eu.

Depois fui levada para uma escola na qual entraria de manhã e só sairia à noite. E quando chegava ao meu quarto descobri que nem mesmo a noite mais escura é tão negra que não se divise aquilo que se gosta. Sempre tem uma claridade que os olhos arregalados capturavam para si, os ruídos quase imperceptíveis se tornam comuns, confirmando que não há o silêncio absoluto.

Ademais havia ganhado um novo amigo: era aquele grilo que começou a cricrilar bem perto. Nas noites seguintes comparecia sem falta e deixava que eu o acariciasse aninhado em meus cabelos. Não sei quando ele voltava para seu terreno, sua casa, seu ninho. Só sei que desde aquele momento em que pensei ouvi-lo no parapeito, do lado de fora da janela, depois encontrá-lo já no batente de dentro e depois deixar que se recolhesse nos meus cabelos – quando o silêncio se fez – desde aquele momento se transformou na companhia perfeita.

E a janela com persianas embaixo e os vidros coloridos em cima, formando quatro quadriláteros de céu – é verdade que por alguns dias as estrelas sumiram por detrás das nuvens fanhosas, gritantes, que soltavam urros e trovões, relâmpagos e muita chuva que me embalava com leves respingos que furavam as frestas e salpicavam meu rosto alegre. Eu sorria de noite, na noite mais bravia, ou chorava e sorria se me vinha à lembrança tudo que ficou para trás.

Até mesmo quando a incompreensão de tudo me fazia muda era no quarto e nos vidros escuros das janelas que eu via refletida toda a incerteza do universo. Levantava no escuro e ia conversar com o espelho negro, cuja imagem refletida era mais negra ainda. Porque não via nada, ficava ali em frente ao espelho, quase colada a um reflexo invisível conversando comigo mesma, quando mil e uma perguntas se repetiam ao infinito. E nem a lua grande que clareava o quartinho como se fosse dia me trazia resposta para perguntas sem respostas:

*– Por que estou aqui? Por que fui dada? Por que não estou com minha mãe, meu pai, meu irmão? Por que me chamam irmã, por que me batem?*

E como nem a lua grande conseguiu clarear a minha alma, nem aquele o quartinho escuro, nem os vidros da janela conseguiram trazer-me um novo dia, resolvi que era aquele meu destino, que tudo estava e guardado num envelope selado pelos correios, que há de circular por todo o mundo sem ter nem um pingão de liberdade.

Foi assim, fingindo e suportando todas as agruras, como se tudo aquilo não estivesse ocorrendo comigo, que consegui crescer – como cresci muito e forte –, um dia do qual não me lembro de mais nada, quando peguei o trem para Nova Iguaçu e nunca mais retornei àquele quartinho escuro e negro, nem mais ouvi o cricrilar do grilo amigo, visitante noturno, inseparável.

Sim, não pensem que não reagi com calor um dia, quando me dei conta que os bicos dos seios começaram a arder e os pelos negros me invadiram toda virilha. Senti que o ventre respondia com arfar quando tocava de leve entre as pernas diante do espelho.

Sim, sim, lembro-me de que aquela cama ficou pequena demais, quando minhas pernas encompridaram, meus pés se esticaram para fora do lençol e pude finalmente retirar todas as minhas roupas do velho armário, os cabides parecendo esqueletos abandonados. O espelho do armário, no qual me espiava arrumada, as pernas finas e tortas, os dedos dos pés escondidos nas meias brancas e nos sapatos de verniz, aquele mesmo espelho no qual eu me espiava dentro da noite e que, como um buraco profundo, nada refletia...

E quando me preparei para sair e da porta lancei uma última espiada para dentro, para as janelas fechadas, esqueci por completo que um dia andei fazendo perguntas aos vidros coloridos, que se tornavam negros ao primeiro sinal de tempestade.

Tudo ali me parecia muito formal, como se fosse o reflexo daquele primeiro dia em que ali cheguei. Mas, que novos dias me esperavam? Qual era aquele meu novo destino? O que estaria guardado nesse novo envelope selado, que sairia

dos correios para circular por todo o mundo, agora almejando todas as liberdades?

Confio que naquele momento acabara de enterrar aquela primeira noite que passei fora de casa e extirpá-la da minha memória. É coisa que jamais lembrarei; até a sombra se refez em luzes coloridas, remoçando as minhas retinas fatigadas; nem um pouco de emoção guardei para seguir estrada e todas as vezes que uma réstia se forma no pensamento, não permito que aquela noite de novo entre.

Até mesmo – sabe? – aqueles sonhos que se repetiam *ad infinitum*? Aquele sonho raro que faz uma pausa, depois reinicia, continua, pára, reinicia de novo e de novo? Pois também aquela noite, como esses sonhos, jamais se repetirá no enredo, no espaço ou na paisagem. Para sempre será uma história para mim enterrada a qualquer custo, que jamais será outra vez chamada ao pensamento.

Mas quem assegura que não será sempre a mesma memória?

### **3 - POR QUE O RUIM ACONTECE?**

O destino de Klara sugere decifrar o enigma do bem e do mal: Deus e o Diabo se encontram e a discussão acaba em Klara. Os dois têm opiniões diferentes a respeito dela: para Deus ela é serva leal; para o Diabo, ela é pecadora. Para saber quem tem razão, sujeitam Klara a um teste e fazem isso arruinando sua vida.

A existência do mal é um problema para quem crê em Deus: o sofrimento, a dor traz inquietação e perplexidade. Estou surpreso neste mundo de sofrimento e dor, pelos que ainda acreditem no amor e na bondade. Dizem que os sofrimentos impelem o ser humano para a fé, mas a verdade é que também empurram para o mal.

Esse é o paradoxo: acreditar num Deus perfeito, bondoso, com poder ilimitado e apesar disso conviver com injustiças, desastres, tragédias e desgraças. O que a palavra de Deus diz sobre a dor e o sofrimento? As explicações são que as pessoas não sofrem do mesmo jeito e nem pelas mesmas razões.

Conheci a dor pelo pecado. Ouvi dizer que o sofrimento purifica a fé. Que há uma dor para se arrepender. O sofrimento que gera perseverança. Há o sofrimento para a disciplina. Li sobre o sofrimento que conduz à perfeição e o padecimento para salvar. A aflição que aproxima do sofredor e o desgosto para santificar. E, por fim, o calvário que iguala a Deus.

Dizem também que Deus não desmerece a dor e o sofrimento. Usa isso para propósitos mais elevados e que nas palavras encontramos todas as explicações. Mas sempre vem de dentro o clamor: por quê? É um desabafo, um apelo para que Deus escute, para que socorra, para vir sentar-se a nosso lado. Quero chamar a atenção dele, quero que se apresente, dê uma explicação. Faço isso porque quero continuar acreditando, como fez Klara...

A vida chocante levanta sérias dúvidas quanto ao destino de Klara e tem alimentado questões sobre o caráter de Deus, que se deixa levar pelas provocações de Diabo. Como pode ser alguém tão mesquinho que, para vencer uma disputa, jogue com a vida das pessoas como se fossem robôs? Como reverenciar e confiar nesse Deus?

Não é um espetáculo digno ver como tão rapidamente o Senhor abandonar a serviçal fiel e entregá-la ao espírito mau. E com que despreocupação e falta de cuidado deixa Klara cair no abismo do sofrimento, físico e moral. Vejo um Deus que joga com a vida de suas criaturas. Como se o destino de Klara fosse um jogo e como esse jogo terminaria.

Ainda que o Diabo arranque seus bens, a família, a reputação e a saúde – não consegue arrebatá-la, de todo, a fé. Ela se revolta em alguns momentos, reclama das calamidades, mas permanece fiel, prova que sua devoção é sincera. O destino de Klara não é uma aposta: algo muito mais sério acontece, precisamos sempre nos lembrar disso.

Para Klara tudo estava evidente. Ela conhece a integridade e sabe que nada tinha feito para merecer aquele sofrimento. Então sua conclusão é óbvia: os seres humanos estão por conta própria. A bondade não compensa. Deus não liga à mínima: *coisas ruins acontecem porque Deus não se importa*. Cabe a Klara dar um fim naquilo tudo. Por que continuar com a crença de que existe um Deus justo e bom se tudo indica o contrário?

Ela, no íntimo, esconde suas intenções de encontrar alívio emocional – não precisar mais procurar explicação para tudo; e alívio físico – a blasfêmia, embora leve, traria morte e descanso. Com isso ela quer discutir sobre o controle da vida.

A eutanásia – tirar a vida da pessoa para evitar o sofrimento; o suicídio – a pessoa tirar a própria vida. Klara quer superar o trauma pessoal e deixa claro que sua fé não estava condicionada a benefícios ou malefícios: o relacionamento entre ela e Deus não é uma transação, um negócio.

Como Klara reagiu a isso? Teria relembrado a razão de viver? Terá conservado amargura no coração e na alma? Não sei, porque neste ponto ela desaparece da

minha mente e da narrativa. Vira memória, lembrança de que pode existir uma Klara mesmo aqui dentro de mim e em qualquer um. Sempre que sou atingido por tragédias, a voz que acusa Deus se ergue dentro de mim. Por isso tenho o direito de perder a fé e me revoltar.

#### **4 - PÃO COM MANTEIGA E AÇÚCAR**

Klara parou diante do espelho, mas a escuridão da noite não refletia a mulher nua, magra em pele e osso, em cuja pele emaciada fulgurava uma série de varizes roxas.

Não havia iluminação suficiente para mostrar os braços compridos inúteis, caídos ao longo do corpo.

Ouvia-se apenas a voz sibilante, quase surda, que repetia a frase como se fosse um refrão, constante, firme, inflexível:

– *Pão com manteiga e açúcar!*

– *Pão com manteiga e açúcar!*

– *Pão com manteiga e açúcar!*

– *Você já comeu pão com manteiga e açúcar?*

Com essa pergunta, feita à queima-roupa, Klara costumava desconcertar aqueles que queriam se aproximar dela, puxando conversa para fazer amizade.

Todo mundo fica desconfiado quando tenta misturar sabores opostos, mas a falta de preconceito e a curiosidade natural fazem o caminho das aventuras gastronômicas que acompanha nossa juventude.

A mistura do salgado com o doce, a princípio provoca certa implicância e repugna ver esse contraste exibido até em recepções públicas. Canapé com presunto e cereja, pernil com abacaxi em calda, salame com ameixa – e tantas outras esquisitices! Onde já se viu? Mas, apesar de tudo, sal e doce até que se misturam bem.

Na mesinha ao lado da cama Klara guarda uma caderneta que contém anotações sobre várias comidas e travessuras cometidas na adolescência. Era esse bloco de notas que ela usa como parâmetro para peneirar os candidatos a amigos.



No mesmo caderno anota as receitas, notas e comentários recebidos dos colegas de escola.

– *Pão com manteiga e açúcar!*

– *Você já comeu pão com manteiga e açúcar?*

Ela lança a questão, olha para mim e ri. Pão com manteiga e açúcar é o lanche que a gente prepara quando nos deixavam a sós na casa e não tinha nada pronto para comer.

De preferência se usa o pão massa-fina (massa-grossa também serve), cortado ao meio, no qual se passa uma camada farta de manteiga, pulverizando bastante açúcar por cima.

A cada mordida o açúcar grudado na manteiga derretia e aquela mistura admirável se dissolvia na boca como uma colher de nuvem e mel.

Mas quando se deita sozinha na cama, de calcinha e camiseta, refletindo no espelho do guarda-roupa, as notas serviam também para relembrar uma época que o tempo distanciava cada vez mais. Era como se fosse um álbum de fotografias, só que descritivas, cuja imagem se forma na mente e depois tudo se desmancha e volta para uma gaveta de fantasia.

Esse caderninho Klara não dividia com ninguém. Não era um segredo como tantos outros: trata-se de um arcano, daqueles que ficam guardados, cuja fidelidade jamais é rompida.

Sim, isso existe – ou existia. Agora vejo que o segredo era também guardado em seu caderninho secreto. Nele constam inúmeras anotações sobre a receita de pão com manteiga e açúcar, inclusive bilhetes, cartas, várias opiniões de outras pessoas sobre o tema.

– *Pão com manteiga e açúcar!*

– *Pão com manteiga e açúcar!*

São muitas as variantes do pão com manteiga e açúcar: pão com manteiga e mel; pão com tahine e mel (árabe); pão com manteiga e geleia; pão com manteiga e creme de amendoim; pão com manteiga e melaço.

Na ausência do pão, pode-se substituir a base pelo pão francês (massa grossa) ou por bolacha, biscoito, pão integral, torrada, panqueca, pão árabe e até beiju – tudo salgado, para manter o contraste.

Mas a receita básica é pão ou francês (quentinho), manteiga (bem salgada e boa marca) e açúcar (branco, cristal ou mascavo).

Tem até um parágrafo com instruções para executar a tarefa:

*– Pegue o pão (abra com a mão), passe a manteiga por toda a superfície (sem excesso), polvilhe o açúcar sobre a manteiga (para que fique grudado – e não misturado), tudo na quantidade exata, para equilíbrio entre o doce e o salgado, depois é só deliciar-se com esta requintada guloseima, verdadeira obra-prima da culinária infantil!”*

E notas sobre o tempo:

*– Hoje quase não se acha mais aquele pão quentinho, saído direto do forno, que costumava comer na infância. Nem casas como aquela na esquina da Rua dos Afogados, onde estava a padaria do Seu Ramos, que fazia um pão quentinho e uma bolachinha sem igual! A gente pedia um sanduíche e o queijo já vinha se derretendo no calor do próprio pão! Quando o lanche chegava à mesa se botava o inevitável açúcar por cima...*

Pois uma das coisas que também eu tenho saudades da época da padaria do Seu Ramos era o lanche à tarde, não só pela companhia das colegas de escola, mas pelo conjunto da obra: o café e o leite eram servidos em recipientes separados, os pães vinham numa cesta de vime, ao lado da manteigueira transbordante, que também se derretia ao calor.

Essa lembrança, que hoje me vem à memória, era de que ocasião? Não sou de recordar com precisão certas épocas da vida. Tudo vem em flashes, que me acompanham por muito tempo, aos quais tenho acesso de vez em quando.

Só me lembra aquilo que está nas fotografias. Lembro que nada mais havia no mundo, além da loja do Tio Pereira, das fotografias que tiramos, dos dias de visita dos ciganos, que sempre me aparecem na imaginação e fazem com que os sonhos brotem como frutos nas árvores.

Recordo também das fases da escola, mas foi um período muito longo, desde a infância até o dia em que recebi o diploma que me afastou da maioria das amigas. E quando estava só, sem ninguém para falar, como era fácil conversar com as flores, se entender com os cachorros, dialogar com os peixes e os gatos...

Naquela idade eu queria ter um gato malhado de olhos verdes, tinha muito amigo invisível, gostava muito de comer pão com manteiga e açúcar.

– *Pão com manteiga e açúcar!*

– *Pão com manteiga e açúcar!*

Quando alguma coisa me fazia chorar, corria para um lugar onde ficasse só, esperava a lágrima escorrer pelo rosto até chegar à boca para sentir seu gosto salgado. Isso me fazia acalmar, as lágrimas secavam, esquecia e perdoava a causa do choro.

Muito diferente do choro urbano, provocados pelos adultos, que são mais pesados, são lágrimas cinzentas, da cor das nuvens de chuva, às vezes negros como o asfalto, soluços que são como raios e trovões.

Hoje eu não como mais pão com manteiga e açúcar. O mundo é imensamente maior que o sítio do meu Tio Pereira e agora eu vivo na angústia de agarrá-lo por inteiro e sacudi-lo até ver o que sobrar de desse terremoto.

Os sonhos já não brotam mais, nada é espontâneo, despencam no chão como pesadelos, ululam e gritam ao meu ouvido palavras de medo e terror.

Eu descobri que sonhar dá muito trabalho, principalmente quando se acorda. Mas eu ainda converso com as árvores, os peixes, os cães e gatos. Acredito que eles me ouvem e me respondem!

Meu universo agora é uma gaveta cheia de papéis velhos, cadernos escritos quando estudava no Colégio Rosa Castro. Tudo parece muito lindo, sempre escrevi bem, até ganhei 9,9 numa prova de redação. Só não tive coragem de dividir com os outros, apenas com algumas colegas íntimas.

Isso porque os outros também têm lembranças e segredos que não repartem com ninguém. Pão com manteiga e açúcar; pão com queijo e açúcar; pão com *queijo minas* e açúcar mascavo. Eu adorava comer pão com *queijo minas* derretido e açúcar, muito açúcar, muito açúcar!

Mas quem me deu essa receita foi meu Tio Zequinha, aquele que me chamava irmã. Ele também me ensinou um jeito diferente de lidar com as lembranças e classificá-las em pares.

Então, segundo Tio Zequinha, as lembranças são:

Quentes – Frias

Ternas – Iradas

Saborosas – Insípidas

Cheirosas – Fedorentas.

– *Pão com manteiga e açúcar!*

– *Você já comeu pão com manteiga e açúcar?*

E foi ele mesmo quem me ensinou.

– *Quando alguém quiser ser teu amigo, pergunta: “Tu já comeste pão com manteiga e açúcar?” Qualquer que for a resposta, ela te trará boas amizades na vida.*

No caderno encontrado, em letra de forma, estava escrito: *“São também pessoas legais as que comem melado de cana com farinha, jenipapo esbagaçado com açúcar, cajazinho podre com bichinho, pitomba com caroço, pão com goiabada, limonada com farinha...”*

E a lista não terminava, pois havia muitas linhas em branco e espaço em aberto para ser preenchido.

## **5 - CARTAS DA MINHA CIDADE**

*7 de agosto*

*Klara.*

Hoje sei que é um apelo à vida, o que tentavas transmitir-me com essas receitas estapafúrdias. Mas, que tal uma nova receita que inventei só para ti? Anota em teu caderninho: pão com manteiga, açúcar e... canela em pó. Sabes que sou viajado, pois descobri que em algumas regiões chamam o nosso pão com manteiga e açúcar de Pão a São João, mas este é feito com açúcar mascavo.

Klara, hoje, quando acordo, não consigo comer nada, nem a bolachinha da padaria de Seu Ramos, nem aquele café com leite, pão com manteiga e açúcar. Outra coisa que é de teu conhecimento é que nada substitui o café-com-leite, quentinho, bolachinha lambuzada de manteiga, pão massa grossa, que a gente devorava naquele lanche inesquecível da padaria do seu Ramos.

Gosto, sim, de me livrar do gosto amargo que acorda em nossa boca passando no pão esta extravagante pasta: manteiga com chocolate e canela. Ao saborear essa delícia, esqueço todas as coisas tristes, por isso, não te esqueças de jamais tirar o amargor da vida com o doce do pão, manteiga e açúcar.

Nós somos dependentes do pão, somos escravos da manteiga, da bolachinha torrada do Seu Ramos e de alguém ao lado para confessar, subornado por essas pequenas delícias. E vejo, ora, que todo mundo esquece uma gostosura a mais, que é comer o pão com manteiga e açúcar molhado na xícara de café com leite! Que tudo de bom te acompanhe, minha irmã, aonde quer que estejas, onde quer que vás e com quem estejas.

*Beijos do Tio Zequinha.*

# SEIS

## 1 - SUBMERSA NO PÂNTANO

Foi o mês todo de chuva, entre tempestade e chuvisco, intermitente, trovões e raios, coisa que Klara não imaginou quando chamou o táxi para levá-la até Petrópolis. Ferreira, português de nascimento, era seu taxista fiel desde muitos anos. Mas seu atendimento ia além de meras corridas: tudo que parecia não ter ninguém para fazer, como agora, o telefone do Ferreira tocava e ele interrompia o que estivesse fazendo para arranjar jeito de atendê-la.

Ele conheceu Klara mocinha, ainda morando na casa do Tio Zequinha, e por ele foi indicado para servi-la no que fosse possível – mas até mesmo o impossível Ferreira atendia. Viveu o crescimento da menina estudante até virar mulher independente, como a doença tomou conta do corpo e da alma e, por fim, sentiu na pele o tratamento feroz, que transformou a moça feliz na pessoa conformada que desistiu de viver.

Acompanhar as condições do tempo, para o motorista, é condição indispensável. Por isso, Ferreira se mostrou reticente: “Dona Klara tem certeza que quer ir a Petrópolis?”

Essa chuva é daquelas que não tem dia para terminar.”

As notícias sobre a chuva na região serrana, as condições das estradas, o nível alto das águas dos rios, as ameaças de deslizamentos de terras – tudo corria pelo rádio e se disseminava entre os motoristas em nível de advertência. Mas, diante da determinação de Klara, não pôde fazer nada além da observação sobre as condições do tempo. Assim conformado, ajudou-a na arrumação da pequena valise, e seguiram viagem.

Ferreira seguiu o itinerário de sempre e até se surpreendeu com as condições da estrada na serra. A chuva não caía torrencial, como esperava: era daquela miudinha, silenciosa, constante. Alguns fios de água descidos das pedras cruzavam o asfalto e seguiam morro abaixo. Havia poucas pedras deitadas aqui e ali, galhos soltos de árvores, fios de areia e lama num lugar e noutro. Essa calmaria de águas não fazia imaginar os grandes perigos, como os que a tromba d’água traz com alarde.

Antes de chegar ao acesso para Petrópolis, Ferreira desviou para a Estrada Rio-Juiz de Fora e seguiu sem problemas até a ponte de acesso para a Estrada União e Indústria. Ao atravessar a ponte viu como o Rio Piabanha estava num nível bem mais alto que o normal. As águas, puxadas pela forte correnteza, agitada e

turbulenta, já se aproximavam das margens altas, o que significa três ou quatro metros acima do padrão.

Mas Ferreira sabia que chegar ali significa estar a menos de um quilômetro do destino: saindo da estrada, pelo lado direito, chegava-se à vivenda de Klara. Escondida numa ladeira não muito íngreme e guardada dessas turbulências naturais por arvoredos antigos e espessos, a habitação se parecia mais a uma fortaleza natural, invisível e intransponível. Como de fato, só aquele que conhecia bem o lugar saberia localizar o esconderijo de Klara, mesmo sabendo-se que bem ao lado existisse a igreja e o cemitério locais.

Como sempre fazia, Ferreira alojou Klara na casa, arrumou os petrechos cada um em seu lugar, mas desta vez não teve tempo de sentar e tomar o cafezinho de praxe. Mesmo assim, sua preocupação com Klara era grande e a toda hora perguntava se ela ia ficar bem, se queria mais alguma coisa, que não o incomodava nada em pedir.

Seguindo rumo contrário a essa sincera preocupação, Klara o instava a descer a serra, antes que o tempo piorasse. Por fim, Ferreira não se fez de rogado, antes, sabia que com as serras e o mal tempo não se brinca. É lugar onde a natureza se impõe com rigor, não perdoa a violação de suas encostas, nem o assoreamento dos leitos d'água, rios e vazas.

Klara ligou a TV, mas foi sentar-se na varanda, com as pernas magras cobertas por uma manta de lã. Com muito esforço, botou na mesinha de lado o bule de chá, uma garrafa de água, copo, guardanapos, comprimidos para dor. Recostou-se nas almofadas que aliviavam o incômodo e ficou, ouvindo apenas o som da TV, que de tempos em tempos dava notícia sobre o tempo na região. Uma sensação de alívio percorreu todo o seu ser quando se deixou levar sobre o almofadado, macio e terno como o colo da mãe. O apresentador do noticiário divulgava os boletins oficiais:

*“Defesa Civil faz balanço e deixa em alerta seu efetivo. O boletim emitido hoje pela Coordenadoria de Defesa Civil faz um balanço dos eventos que ocorrem durante as fortes chuvas que caem nos municípios da Região Serrana há vários dias. A situação até o momento registra 250 quedas de barreiras, 140 deslizamentos de terra, 90 quedas de árvores, 50 alagamentos, 110 ruas interditadas e 160 ameaças de queda de casas”.*

*“O alagamento das ruas e o deslizamento de terras trouxeram prejuízos materiais à Cidade Imperial e deixaram 1.130 desalojados e 485 desabrigados. Os bairros mais atingidos foram Centro, Retiro, Quitandinha, Corrêas, Itaipava, Bingen e Quarteirão Brasileiro. As equipes da Defesa Civil Estadual continuam aqui ajudando a Prefeitura na avaliação de áreas de risco e orientação às*

*comunidades quanto aos perigos de novas ocorrências, caso a chuva forte persista”.*

*“A administração municipal vai repetir o esquema da Operação Verão para evitar desastres durante este período de precipitações pluviométricas intensas. Monitorando os boletins produzidos pelo Instituto de Meteorologia, diante da previsão de chuvas fortes, a Defesa Civil vai reforçar em 50% o efetivo de 1.500 homens no esquema de alerta”.*

*“O número de ocorrências aumenta 30% no verão, devido à maior incidência de enchentes, deslizamentos de terra e acidentes nas estradas. A Defesa Civil alerta que população deve procurar se informar sempre sobre as condições do tempo. Em caso de previsão de chuvas intensas para determinado período do dia, o morador não deve deixar os lugares seguros até que pare de chover, garantindo assim sua segurança.”*

A chuva silencia mais ainda o arvoredo que circunda a casa. Os pássaros, as aves, os pequenos animais, residentes dos troncos, todos se recolham diante da umidade friorenta que acompanha o tempo instável. Era essa paisagem de paz e silêncio que Klara sempre sonhou encontrar para “viver a aposentadoria” – como costumava dizer. Calculou em uma hora o tempo suficiente para parar de se preocupar com o destino de Ferreira. Nesse momento ele já deveria ter completado a descida da serra, para entrar na Baixada e seguir para Copacabana, onde tinha sua base de trabalho.

Enquanto a tarde cai, uma forte neblina se incorpora à garoa, pintando tudo de cinza. Daqui a minutos a paisagem se transformará num muro líquido e transparente, no qual a vista não penetra um palmo adiante. Klara fecha os olhos, deixa a névoa penetrar na varanda, na casa, nos quartos, embebendo a casa num húmus selvagem e deleitoso. A mesma chuva espessa que um dia Klara havia imaginado.

Ela agora é a menina medrosa que está no Mercado de Peixes de com os dedinhos finos agarrados às mãos do Tio Zequinha. A banca cheia de peixes está na altura de seus olhos temerosos e a deixa frente a frente com um peixe roliço. Ele é comprido, de pele brilhante, gosmenta, ainda vivo e arfa de tempos em tempos em busca de vida. É o muçum... Um muçum enorme, roliço, comprido como uma serpente. Seus olhos brilhantes, além disso, fixam-se nos olhos dela como implorando alguma coisa.

Ela ouve o seu tio negociando com o peixeiro. Daqui a pouco tempo ela vê o peixe sendo guardado numa caixa de isopor enchida até a metade de água doce. Ela corre para ver: a água é turva, espessa e não dá mais para reparar os olhos baços do muçum. Como o espaço é pequeno, o peixe fica enrolado em si



mesmo, mas está mais confortável do que naquele balcão frio com jeito de cadafalso.

Klara sabe que o Tio Zequinha gosta de comer um muçum, carregado no cheiro-de-peixe, molho de pimenta feito na calda e várias bicadas de tiquira. Por isso treme de medo. Mas, para sua surpresa, o que ele faz é pegar a estrada velha e se dirigir até a entrada da Lagoa Feia. Chegando lá, pára o carro, juntos tiram a caixa com o muçum e se encaminham para as margens da lagoa. Ali depositam com cuidado o peixe, aguardando que recobra as forças, vendo-o nadar lentamente para o fundo das águas. Klara sorri.

É a menina medrosa que agora, como o muçum, está numa caixa de águas turvas e visão nevoada. Sua respiração é um fio apenas, terminando num silvo que ninguém ouve. A bruma espessa, gosmenta como a pele do muçum, cresce e se expande sem que ninguém possa impedir. Sua pele, antes ressecada pela quimioterapia. Agora está plena de umidade da cerração vasta que transforma todo o vale num aquário. As veias sobressaem no braço magro, verdes como os cipós que deitam das árvores.

Klara, menina que perdeu o medo, ordena que suas pálpebras, agora pesando toneladas, jamais se fechem. Ela doravante não será mais aquela menina temerosa do Mercado de Peixes de São Bento. Os dedinhos finos atualmente estão só que é osso e pele, não podem mais se socorrer agarradas nas mãos do Tio Zequinha, como os náufragos se apegam ao salva-vidas. Não, hoje Klara está sozinha, desamparada, repudiada no desarrimo de tudo e todos. Sente as pupilas despregadas, para sempre arregaladas como o olhar dos peixes. Busca reencontrar os olhos baços do muçum na placidez das águas fundas da Lagoa Feia a serenidade que aposentou durante a curta existência.

Aspira de modo tão mais profundo que pode até sentir os pulmões flácidos se encherem acelerados como se fossem balões de gás. Sente um aroma químico misto de metano, oxigênio e clorofila, preencher todos os espaços de seu corpo e consegue assim incorporar a sua presença corporal ao ambiente. Sente-se tão leve que julga flutuar num espaço onde nem respirar é preciso mais.

## **2 - MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA PARA QUIMOVICIADOS**

Klara sonhou que estava amamentando. Olhou para o colo e na penumbra viu um bonito bebê, alvo, de olhos verdes e lábios róseos, que mamava ferozmente o peito esquerdo. O lusco-fusco iluminava a pele lisa e rosada, os pelos que começavam crescer na cabecinha redonda, os olhos castanho-escuros, cheios de vivacidade, as mãos rechonchudas, os dedinhos se movendo, como se

quisessem pegar algo no ar. Recostada na cama, despertou de um desejo que sempre teve escondido.

Sentiu as mamadas mais vigorosas, que traziam dor ao mamilo, e pensou que o bebê deveria estar faminto. Volveu a mirada pelo corpo que tinha nos braços, passou a mão levemente na cabeça e no rosto da criancinha, mas tomou um susto: a carícia revelou um corpo frio e plástico.

Desta vez a criança aparentou uma dessas bonecas modernas de látex, que fingem a representação perfeita e exata de um bebê. Seu corpo tremeu, sua pele arrepiou-se ante os olhos de vidro que denunciavam a fraude.

Mas as chupadas continuavam prementes e verdadeiras. Seu mamilo doía e seu peito parecia esvaziar-se ante aquele consumo desenfreado. Olhou mais uma vez e viu horrorizada que a criança agora era uma cobra de pele escamosa e olhos nada vítreos – ao contrário, eram olhos vivos e risonhos. Reparou também que o seio direito perdeu o volume, a forma redonda esvaziara-se completamente, deixando a pele cheia de rugas pregada ao corpo.

Teria no subconsciente o escritor Mário de Andrade quando escreveu, no romance *Macunaíma*, o capítulo *Ci, a mãe do mato*, alguma antevisão, alguma profecia? Mesmo que nada se passasse pela cabeça dele, acabou antevendo uma mutilação que viria a ser um desastre, físico e psicológico, para a mulher, um desafio para a ciência médica.

Para outros, porém, a ablação mamária é um crime, praticado pela *máfia de branco*. Especulação ou não, compete ao artista, descobrir novos mundos, profetizar – ainda de maneira involuntária – as novas facetas da existência humana:

*– Era Ci, Mãe do Mato. Logo viu, pelo peito destro seco dela, que a moça fazia parte dessa tribo de mulheres sozinhas parando lá nas praias da lagoa Espelho da Lua, coada pela Nhamundá. A cunhã era linda, com o corpo chupado pelos vícios, colorido com jenipapo.*

O quê de sofrer caberia a Klara nesse mundo de Deus? Quando se viu refletida no espelho com o *peito destro seco*, logo pensou que passava a ser *parte dessa tribo de mulheres sozinhas*, grupo de gente, uma *tribo* mesmo, que se expandia a passos largos no mundo de hoje. Fazer parte da tribo dos quimioterápicos era coisa que jamais passou pela sua cabeça.

Quando começou a ler a cartilha que lhe foi entregue após os últimos exames, Klara esvaziou-se toda de quaisquer misericórdias. Ao acordar após uma noite da qual nada havia por que rir Klara viu diante do espelho outra mulher. Desde

aquele primeiro dia em que seus cabelos deixaram de crescer, que sua pele ressecou em escamas, viu que todas as profecias se realizavam. Tudo mudou em sua vida, mas o que transfigurou a sua cabeça? O horror. O isolamento. A repulsa. O ódio. O niilismo.

*– De noite Ci chegava recendendo resina de pau, sangrando das brigas e trepava na rede que ela mesma tecera com fios de cabelo. Ci aromava tanto que Macunaíma tinha tonteiras de moleza.*

Tudo aquilo que ouvira pela boca dos outros agora fazia parte de seu mundo pessoal. Mal conseguiu ler quando lhe depuseram nas mãos tremulas a cartilha que substituiria a sua agenda diária. *Era um Guia do Paciente*, tedioso e chato, tipo de literatura que ninguém gosta, menos ainda, de ter na mesinha de cabeceira. Saltou quase todas as páginas e gravou apenas o que já sabia:

*1. O que é quimioterapia? A quimioterapia é feita para matar a célula do tumor, destruí-la, cortar o crescimento, aliviar os males causados pelo abscesso.*

*2. Como é o tratamento? O tratamento é feito através da veia; por via oral; por injeção intramuscular; ou em aplicação local, diária, semanal ou mensal.*

*3. Quanto dura? A reação às drogas é um fator importante na duração do tratamento.*

*4. Quais as reações? As drogas quimioterápicas se espalham por todo o corpo, atingindo as células doentes. No entanto, as células boas também são atacadas, provocando os chamados “efeitos colaterais”.*

Efeitos colaterais. Tudo bem. Klara mandou logo cortar os cabelos antes que caíssem diante de seus olhos. Comprou uma peruca, bem parecida com o penteado original. Entulhou as prateleiras de cremes para a pele ressecada. Bebia só água mineral e comia as refeições mais puras que a natureza oferece.

Todo dia em jejum tomava sopa de rã, receita que tirou da internet. Isolou-se de amigos e amigas e passou a conviver só com o auxílio de uma empregada, sua companheira há muito tempo. Esqueceu-se de amar e de fazer sexo. Não quis preocupar nenhum Deus e nem ocupar os santos com suas dores. Esqueceu-se de orar. Não quis usar nenhum *estratagema sublime* para animar sua vida...

Mas, por nenhum motivo especial, aqueles “efeitos colaterais” que se prenunciavam cheios de consolo, porque leu na cartilha que “alguns pacientes podem apresentar efeitos colaterais mais severos enquanto outros podem mesmo não apresentar sintoma algum”, Klara não se viu premiada com esta última opção. As náuseas, enjoos e vômitos, descritos na cartilha como “piores

do que dor" agrediu, com fogo e ferro quente, o seu corpo combalido. Para ela era mesmo o incêndio que exalava em *Ci, a mãe do mato*.

*– Quando todas as estrelas incendiadas derramavam sobre a Terra um óleo calorento que ninguém não suportava de tão quente, corria pelo mato uma presença de incêndio. Nem a passarinhada aguentava no ninho. Mexia inquieta o pescoço, voava para o galho em frente e no milagre mais enorme deste mundo inventava de supetão uma alvorada preta, canta-cantando que não tinha fim. A bulha era tremenda o cheiro poderoso e o calor inda mais.*

Klara acordava com o corpo feito fogo, e furiosa crescia em ódio para cima dele, imersa na impotência de tentar destruí-lo, destruir-se, consumir aquele ardor que não era energia.

E depois, despertada inteiramente, levantava-se e sentia medo na aproximação com o espelho, as faces moídas em cartilagens, beleza encovada refletida em lembranças longínquas, as brincadeiras que pelo gozo inventava, ainda criança, nas artes novas das troças proibidas.

Nada ali se aproximava da ficção. Pior ainda quando Klara se perguntava e recorria a um grupo de irmãos protestantes universais, que se dispôs a fazer uma visita de orações, mesmo com a repulsa e recusando, determinada, os pedidos celestiais ante o seu infortúnio:

*– Deus, o que fiz para sofrer tanto? E perguntava a si e aos outros eu: – Repetirei Jó diante dos infortúnios?*

Klara prostrada de joelhos ante a implacável maldição da *doença que não tem nome*, resignando-se, promovendo mudanças nos hábitos diários e na alimentação, prisioneira de uma fé que prometia “auxiliar o paciente”, tais como: preferir alimentos com rápida digestão; não encher o estômago de uma só vez, preferindo fazer várias alimentações ao dia, em pequenas quantidades; evitar alimentos gordurosos e frituras; comer devagar, mastigando bem os alimentos; preferir alimentos frios, gelados, ou em temperatura ambiente; evitar odores fortes; procurar não exercer atividades que exijam esforço físico; procurar vestir roupas leves.

*– Terminada a função a companheira de Macunaíma toda enfeitada ainda, tirou do colar uma muiiraquitã famosa, deu-a pro companheiro e subiu pro céu por um cipó. É lá que Ci vive agora nos trinques passeando, liberta das formigas, toda enfeitada ainda, toda enfeitada de luz, virada numa estrela. É a Beta do Centauro.*

Enquanto durasse a coragem, Klara enfrentaria e suportaria as feridas na boca, febre, diarreia, queda de cabelo, alterações da pele e unhas, aftas, irritação nas gengivas, na garganta, infecções por vírus, bactérias e fungos, diarreia? Ou, acovardada, jamais consumiria bebidas alcoólicas, voltaria às atividades físicas, evitaria o trabalho excessivo, abdicaria do prazer sexual, não se automedicaria?

Entregar-se-ia à dor, ao vômito, à náusea e aos cuidados imediatos, ao temor da febre, à falta de ar, dificuldade respiratória, descontrole urinário, alterações na visão, ao sangramento? Ou – ao contrário da história de *Ci, a mãe do mato* – se transformaria numa estrela negra arredada de qualquer constelação?

### **3 - OS MENINOS CIGANOS**

Estava mais do que curioso para saber o conteúdo do envelope achado entre os restos mortais de Klara. Mas antes de abri-lo, quando cheguei ao hotel, mais cansado que de costume por conta do dia agitado, quis mesmo tomar um banho, beber um uísque sem gelo e relaxar um pouco com as pernas estiradas na cama.

Só depois desse descanso então fui examinar o conteúdo achado por acaso no caixão de Klara. Isso porque eu tinha guardado na consciência que aquilo não era para estar em minhas mãos nem nas mãos de ninguém. Enfim, estavam comigo agora, à minha frente, tudo espalhado por sobre o colchão.

Olhando e examinando tudo, um a um, vi que havia sobre-estimado a importância daquelas peças. Na verdade tudo se resumia em um amontoado de algumas fotografias, páginas soltas arrancadas de um caderno, umas pétalas de flores que o tempo havia tornado anônimas, galhos com folhas secas e pedaços papéis manuscritos com frases soltas.

As fotografias cobriam – com muitos vazios – quase toda a vida de Klara e, por consequência, a minha vida também. Eram fotografias em preto-e-branco, depois outras de um colorido já esmaecido e algumas mais recentes.

Ao lado de Klara, eu me mostrava sempre presente na maioria das imagens, desde a mais antiga, quando éramos duas crianças magrelas. Fizemos uma pose de mãos dadas, sorridentes, os cabelos ainda molhados do banho que tomamos às pressas.

Lembro-me bem daquele dia. Estávamos de férias na cidade de na casa de tios e primos. A notícia de que o fotógrafo se aproximava correu com o vento. Ele só aparecia algumas poucas vezes ao ano – isso era uma novidade. Logo corremos nós também a tomar banho e nos arrumar para aproveitar o feito.

Nas cidadezinhas o anúncio da chegada do fotógrafo equivale à mesma emoção provocada pela vinda anual do Circo Garcia e tem o mesmo impacto produzido pelo tropel dos cavalos da ciganada. São poucos os acontecimentos importantes que se equivalem: a Feira Agropecuária – que sempre traz consigo um parquinho montado ao lado do pavilhão – eleições de dois em dois anos e a vinda inesperada de alguma autoridade política ou religiosa, que só interessava aos adultos.

Recordo que eu e Klara fomos os últimos a nos apresentar porque tivemos de esperar que todos os primos tomassem banho e se arrumassem. Mesmo assim não perdemos a alegria. Tomamos banho os dois juntos, um esfregando sabonete no outro, depois nos enxugamos precariamente e corremos a vestir roupas limpas. Eu usava uma calça com suspensórios, sapatos com meia e camisa branca; Klara usou um vestido com renda nas mangas e na saia e uma sandália de tiras.

Por isso se via bem na fotografia os cabelos escorridos, penteados às pressas. Para aproveitar a luz do dia, o fotógrafo arrumou um lugar pedregoso e ali estão nossos pés entornados pelo desnível que as pedras provocavam. Nem por isso nossas faces deixaram de transparecer a alegria e a felicidade que nos enchiam o coração.

Fiquei bastante tempo preso àquela fotografia, tentando rememorar todos os detalhes, ampliando a minha visão para o ambiente, a cidade, as pessoas que passavam ao longe. Quantos anos nós tínhamos naquela ocasião? Não podia afirmar com certeza, mas era em torno dos dez ou onze anos.

Klara me atrasava menos de dois anos em idade. Devia estar com sete ou oito. Já era bonita, com os olhos quase negros, espertos, alegres, vivos.

Ao fundo via-se bem a casa dos tios, com um pequeno comércio na frente o pomposamente chamado Armazém Pereira e também as quinze janelas na lateral que indicavam o local de nossa residência. Do outro lado dava para ver apenas uma parte da outra loja, também de esquina, distante apenas os trinta metros de largura da rua empoeirada: era a Loja do Izaque.

Recordo de um dia especial de susto e temor quando a nossa tia reuniu e trancou num quarto todas as crianças, estreitamente vigiadas por duas fortes empregadas. Mais rápido que a notícia do fotógrafo correu o grito que anunciava que a ciganada estava na cidade. O tropel dos cavalos – e também a fama de sequestradores de pequenos que os ciganos tinham como carma –, se fez ouvir de longe.

*– Lá vem a ciganada! Lá vem a ciganada!*

E de fato, nem cinco minutos se passavam quando trinta ou quarenta ciganos com suas mulheres e filhas apearam às portas da loja do Tio. O tropel fez toda São Bento tremer, a cavalgada levantava poeira, mas nem isso era capaz de embotar o colorido de suas roupas, lenços e echarpes, nem o brilho faiscante das joias, anéis e pedrarias que faziam parte do seu vestuário bizarro, que fascinavam os olhos meninos.

Os fotógrafos todos, locais e que passavam por ali, logo aprontaram suas câmeras, limpando as lentes, arrumando os negativos, ajustando os tripés nas calçadas irregulares, tudo para registrar a chegada dos nômades, esse momento tão raro e importante na vida da cidadezinha. Aquelas fotos seriam transformadas em postais para venda na Capital.

O sentimento, assim, se dividia entre a festividade e o temor. A gente ficava espiando das frestas das janelas toda aquela movimentação estapafúrdia, a gritaria de nomes e palavras numa linguagem que ninguém entendia. Klara se grudava colada a mim, agarrada à minha cintura, apertando meus braços, os olhos arregalados acompanhados de risos, gritinhos e comentários nervosos.

*– Silêncio! Crianças, silêncio!*

Com o indicador em riste nos lábios as empregadas sussurravam o mando, com o medo estampado nos olhares cheios de espanto, também apavoradas com aquela presença estranha, excêntrica, gente forasteira e de má fama. Volta e meia cochichavam sobre o porte altivo das ciganas, denunciando alguma inveja, como eram atrevidas e também como distribuíam ordens, comandando parte da tropa.

Os homens – de cuja vestimenta faziam parte revólveres e punhais de cabo de madrepérola incrustados – comandavam as compras, mas às mulheres é que cabia escolher os tecidos, as bijuterias, artefatos de uso caseiro e roupas para as crianças. A compra era abrupta: escolhidos os objetos, perguntavam o seu preço, depois pechinchavam por algum tempo e pagavam tudo.

Mas as crianças pareciam tão curiosas quanto nós. Não ligavam muito para o que os pais queriam e discutiam em voz alta. Se detinham nos detalhes, como a prenunciar onde estariam as crianças daqui. Um e outro adivinhavam, tinham alguma ideia e buscavam-nos nas frestas das janelas. Outros nem entravam na loja, desciam da garupa e ficavam na rua mesmo para trocar palavras e a brincar com as crianças locais que não tinham medo e acorriam para ver os ciganos-meninos.

A ciganada era gente que ninguém confiava. Quando surgia alguma suspeita de que estavam querendo surripiar alguma coisa, antes do imponderável ocorrer, já o Tio se derramava em gentilezas, oferecia cafezinhos, tragos de aguardente e chamava atenção ao grupo para a exuberante loja do outro lado da rua aonde – dizia eufórico – tinha coisas extraordinárias, belas, misteriosas.

*– Vá lá! Procura o senhor Izaque e diga que foi o amigo dele – do Armazém Pereira – quem mandou. Vá lá! Diz que pedi para oferecer a ti bons produtos, muitos descontos e bons preços! Vá lá!*

E abraçando o chefe do bando se despediu com vênias e mesuras, em reverências veementes, até vê-lo comandar a tropa no rumo da loja de seu concorrente comercial. Ficava acompanhando de longe a ciganada atravessar a rua no rumo da Loja do Izaque. Antes mesmo que aquela gente toda chegasse à loja em frente, pelos gestos, Pereira antecipava o desespero de Izaque, ameaçando arrancar os poucos cabelos que restavam. Somente então – aí sim – o Pereira podia deixar a pança sacudir à vontade das tantas risadas que desprendia.

Depois que o tumulto todo passou e o último sinal de poeira sumiu no fim da rua principal, os comerciantes se reuniram para comentar o fato, lamentar as perdas, fazer um balanço dos furtos ocasionais: no fim os comentários viravam piadas e tudo se resumia em mais uma aventura de cidadezinha. As crianças saíam do esconderijo e corriam para ouvir dos tios e dos empregados da loja as curiosas e fantásticas histórias dos ciganos e sua gente.

Tirar retrato tinha um quê de mistério e magia: o fotógrafo escolhia o local da pose, localizava onde a luz era mais apropriada, colocava o filme numa moldura. Estando tudo pronto depois desse ritual prévio, ele sumia debaixo de um túnel preto atrás da máquina, o braço esticado fazia a tampa da lente se mover imitando o diafragma. Recolhida a moldura com o negativo, de novo voltava à câmara escura – e pronto! Ali naquele momento a fantasia se fazia realidade, o milagre que resiste ao tempo e hoje está aqui à minha frente...

A única coisa que a foto não diz é que aquela menininha de cabelos encaracolados se escondeu num quatinho de empregada, para escapar dos espelhos distribuídos pelos cômodos, que insistiam em refletir o vulto ossudo e magérrimo, um fantasma que não era mais ela.

#### **4 - A CHAMA INESPERADA DO AMOR**

Relembro agora que já adultos, quando Klara me convocou para uma conversa fiquei imaginando o que seria de tão importante. Mas não era tão terrível assim:



apenas envolvia sexo, virgindade, casamento e amor. Como sempre, para o bem ou para o mal, eu era o escolhido para tratar do assunto. Foi nesse tempo que ela conheceu Toni. E ficou de marcar um almoço para que nos conhecêssemos.

*– Bem, não quis mesmo era te deixar preocupado. O Toni sempre soube e sempre me acompanhou nos exames, mesmo com o pouco tempo que as apresentações em TV, rádio, mais entrevistas, assinatura de contratos, empresário, parceiros de grupos, essa coisa toda.*

Toni (Antonio Carlos), cantor, compositor, mulato, baiano, cujas músicas estavam começando a ficar famosas e bem tocadas. Pertencia a um grupo de artistas, que ficou imprensado entre a Bossa Nova e o lê-iê-iê, gente que compunha um samba de cadenciado lento, mais próximo ao samba-canção, com leve influência jazzística.

Era um negro bonito, sorridente, nariz afilado, lábios salientes, cabelo à moda black-power norte-americana, sempre solícito, educado nas maneiras e se expressava de maneira suave. Era bom cantor, tinha a tonalidade morna, aveludada, quase afeminada – como o velho Nat King Cole.

Para completar o quadro, ele exibia o olhar cansado, as olheiras, a expressão boêmia, que denunciavam o viver excessivo, as atividades intensas, que muitas vezes – sem agenda exata – destoavam do cotidiano, varando o dia noite adentro. Klara estava amando.

Religião, homem, eternidade. Tudo que acompanha a existência trespassada por rituais e ritos de passagem, de modo eloquente ou não, simboliza a fé. Toni me escreveu-me uma carta, de modo privado, sobre a complicada filosofia de Klara com relação às crenças. Para ele, tudo o que ela dizia, pregava e tentava vivenciar a respeito de religião acabava num poço sem fundo.

Toni, como negro, seguia apenas os rituais e sincretismos que herdou da família na Bahia. Dali não arredava a fé, mesmo porque tudo estava arraigado à sua própria cultura: desde menino todos os estudos incluíam a umbanda, candomblé, onde santos e santas cristãos se mesclam a divindades africanas masculinas e femininas.

Mesmo quando Klara perdeu a fé e afastou o corpo físico de Deus, mesmo assim seus últimos pensamentos estavam vinculados à crença numa eternidade, que chegou até nós com a palavra de Deus, Toni se mantinha fiel – mas dava o suporte amoroso a todas as buscas experimentais a que Klara submetia a sua alma.

Nos rituais funerários anglicanos uma frase enigmática se encaixa nos desígnios de Klara: “Cinzas a cinzas, pó ao pó”. Lembro que as cinzas vêm mesmo da cremação, que é comum em dezenas de países e mais usual na Índia. E o pó, é em pó que o corpo se converte nos enterros naturais, direto na terra.

Justo agora que Toni, depois de passar uma semana inteira a sós ao lado de Klara, se despediu e voltou ao Rio de Janeiro para cuidar da viagem, prometendo contatos diários através da internet, pelos programas de mensagem com vídeo. Tinha surgido uma oportunidade para o grupo se apresentar na Europa e talvez Estados Unidos. A turnê deveria durar quatro meses, mas com certeza o conjunto teria que aceitar novos convites para shows – portanto, nunca se sabe quanto tempo a viagem demoraria.

Seria uma longa separação. Klara tinha terminado a primeira fase do tratamento e estava mais alegre que nunca, tal a certeza que haviam incutido de que a cura estava próxima. As poucas vezes que falei com ela (o namoro com Toni trouxe a vantagem de torná-la menos dependente de mim), senti a voz alegre, de gente feliz, de pessoa que estava amando e sendo amada.

A turnê de Toni tinha demorado mais do que previsto – como, aliás, todos nós mesmos tínhamos imaginado. Agora os convites e compromissos eram tantos que era impossível adivinhar o retorno dele ao Brasil.

Após a participação em festivais na França, Espanha, Alemanha e Portugal, a viagem prosseguiu para Londres, Dublin, Glasgow e Birmingham. Como o contrato com os empresários não fixava limites – a não ser promover o grupo e obter ganho financeiro e promocional – o grupo tinha esticado a viagem para alguns países do leste europeu por mais dois meses antes de seguir para os Estados Unidos.

Todas as más notícias começavam a se acumular na vida de Klara, mesmo assim ela mantinha o otimismo e demonstrava estar feliz com o sucesso de Toni. Como ele mesmo detalhou em conversa com ela, a fama é efêmera, todos os célebres um dia se tornarão ilustres ignorados – melhor, pois, desconhecido e com algum dinheiro, que o contrário. Ninguém obsteu que ele se aproveitasse do momento para se tornar conhecido, ganhar dinheiro e consolidar a única profissão que tinha.

Um aglomerado de sensações igual àquelas, que somente a memória é capaz de recriar, Klara só veio sentir quando conheceu Toni. Algum lugar da desconhecida cartografia do ser humano guarda, como as despensas, resquícios de atitudes restritivas que afloram inesperadas. São gestos, posições, diretivas, tudo que se relaciona com a atitude, que chegam até nós sem serem chamadas.

Agora, amando Toni, Klara sonhava com celas, algemas, o tronco e o chicote – os algozes todos eram amigos, parentes, conhecidos – que julgaram e a condenaram ao suplício. Nesse caso vinha de ancestrais a censura mais óbvia: como poderiam consentir àquela branquela o namoro com um negro, artista, boêmio? Como dar aval à tendenciosa vida de aventuras, desregrada, de futuro incerto e fatalmente perdida?

Só ao dar ouvidos a essa voz já extinta, Klara sente calafrios no corpo inteiro, as noites em que esse pensamento assomava era de repouso perdido, só em pensar na censura que viria dos parentes e amigos – principalmente os mais velhos – ela adia, se ausenta dos encontros, almoços, às reuniões festivas. Mas chegaria o tempo de atacar a realidade, em que não poderia mais esconder essa relação imaginada. Por isso ela recorreu a mim, por isso eu disse sim.

Quando Toni chegou de repente, num breve espaço que teve entre as apresentações, Klara estava em meio de uma dessas chatas reuniões com as amigas. Foi uma surpresa que ajudou em muito na tomada de atitude de Klara: ela apresentou Toni a todas as visitas como seu namorado, mas foi inevitável o choque, as debandadas repentinas, censuras e elogios. As amigas de verdade não arredaram pé, pelo contrário, transformaram a conversa pesada em animado encontro, que só chegou ao fim com a exigência a Toni para que cantasse algumas músicas.

Das turnês de Toni sobrou apenas a pilha de cartas e postais que mapeavam o seu itinerário mundo afora. Jamais vi ou ouvi Klara se lamentar devido à larga ausência do namorado. Jamais senti nela algo que denunciasse dor, sofrimento, saudade. Ao contrário, muitas vezes compartilhei com ela alegria e emoção pelos êxitos alcançados por Toni e seu grupo, quando líamos nos recortes de jornais as notícias e comentários sobre suas apresentações.

Algumas dessas fotos, aliás, estavam naquele envelope achado quando fui retirar os destroços dela para cremação.

Todas as fotos eram do casal, nenhum deles estava só nas imagens. Eram retratos representativos de momentos únicos, alguns íntimos, outros apenas em repouso da vida.

Toni cantando acompanhado do violão; Klara ouvindo, com o olhar perdido em algum ponto imaginário; o casal na cama em trajes íntimos, relaxados, sorrindo como moleques que acabaram de fazer travessuras; os dois juntos no sofá da sala; Klara deitada sobre as pernas de Toni, como se ouvisse música ou assistisse a TV; Klara e Toni na praia de Copacabana, ao fundo uma barraca e uma rede de vôlei. E assim seguia...

De todas essas lembranças o que me fixou na memória é justamente o semblante alegre de Klara, o ar expansivo, o sorriso feliz, os gestos de confiança. Todos os demais castigos que o destino já lhe impunha estavam obliterados pela obstinação de expor as vísceras, a alma de alguém que fazia questão de assumir uma felicidade, mesmo que fosse frágil, ainda que simulasse uma mercadoria comprada num supermercado.

Todos os dias em que Toni a encontrava, algo de estranho e miraculoso ocorria. Uma espécie de maquiagem produzida pela mente tomava-lhe o corpo, então não mais era a Klara debilitada, toda desarticulada, abatida pelo tratamento funesto: a pele fragmentada assumia maciez cremosa, a magreza tomava trejeitos a quem se alimenta com produtos orgânicos, em dieta permanente, os músculos se recompunham, o colo tornava-se ereto, o porte altivo se impõe de modo natural.

Toni começou a cantar em Salvador, onde nasceu. Primeiro formou um trio à moda nordestina; desmanchou o trio, fez uma dupla com o amigo de infância; desmanchou a dupla e cada um seguiu para seu lado, em carreira individual. Após a separação gravou uma música que tocou muito nos rádios e o tornou conhecido. O sucesso foi um primeiro passo, a partir de então Toni se apresentava acompanhada de violão ou piano.

Filho de pais músicos ele começou o aprendizado muito cedo, primeiro na percussão, depois ao violão e piano. Toni também aprimorou a voz e estudou composição. Por isso preferia gravar suas próprias músicas. Depois do lançamento, outros artistas também gravaram músicas dele: Vanja Orico, Alcione, Dudu Nobre, entre outros.

Somente após ter alcançado algum sucesso, juntou doze músicas para o primeiro disco. Toni teve a primeira gravação foi produzida pelos amigos e compositores baianos Antonio Carlos e Jofafi, que já eram famosos. Neste disco interpretou somente composições suas, quando surgiu o primeiro sucesso nacional. No ano de 1976, gravou pela Continental o disco no qual iniciou parceria com outros compositores.

No ano seguinte, gravou o disco "Toni", no qual interpretou músicas com outras parcerias. Ainda nesta gravação lançou "A oeste do teu corpo", dedicado a Klara. Neste mesmo ano, Alcione interpretou "Chore mais não, já cheguei", onde exaltava o prazer de voltar das excursões e chegar a casa. Neste mesmo disco, lançou músicas inéditas que compôs para vários artistas.

Nas gravações Toni muitas era o responsável por voz, violão e teclados, além de boa parte dos arranjos. Toni havia se consolidado e deixado para trás a década de 1960, quando venceu o Festival do Samba, realizado em Salvador,

defendendo música de sua autoria. Daí em diante, sua presença seria constante em festivais. No início da década de 1980 seguiu carreira mais estruturada, com bom empresário, gravadora e publicidade. Por essa época, Vanja Orico interpretou músicas de sua autoria, em disco produzido pela cantora, que contou com composições e arranjos dele, além de participar como vocalista e músico tocando vários instrumentos.

Criou o projeto do show "Verão no Brasil", para divulgação da música brasileira no exterior. Com o apoio do Ministério da Cultura e das Relações Exteriores, o espetáculo estrelado por Toni e grande elenco, excursionou por vários países da África, Europa e América Latina. Nesse mesmo ano, lançou "Temperos", obra que contou com a apresentação de músicos e escritores, que exaltaram a pluralidade de ritmos, como samba, reggae, salsa e merengue. Veio a fase de saturação, a perda de Klara, mas Toni continua fazendo alguns poucos shows e interpretando as músicas que fizeram sucesso.

As músicas preferidas de Toni, às vezes, não coincidia com a preferência nem com aquelas que Klara anotara em seu caderno. Uma delas era "Lonjura", cuja letra muitas vezes Klara alterou, de acordo com seu estado de espírito.

*Ah distância tão antiga  
Esta saudade não amiga  
A tua ausência inimiga  
Que me pede pra dizer.  
Nosso amor tá desbotado  
Este meu canto superado  
Meu violão abandonado  
Ânsia loucura de te ver.*

*Hoje a eterna companhia  
A paixão que eu sentia  
Que das noites me fluía  
Dói na alma como o quê.  
Está bordada nas mágoas  
Mergulhada em frias águas  
Arrepiam tuas espáduas  
Que me fazem estremecer.*

*Palmo a palmo fui levado  
Como um louco desalmado  
Percorrer teu corpo amado  
Vulcão de alvas lavas a ferver.  
Sinto-me igual morto traído  
Corpo abandonado despossuído*

*Com todo o espírito poluído  
– Só quem me salva é você.*

## **5 - CARTAS DA MINHA CIDADE**

*s/data*

*Klara,*

Você se lembra de ter ouvido um dia os dobres de um sino? Em toda orada ou igreja havia sempre um sino a tocar pelos finados, pelas festas dos santos e pelas alegrias da vila ou da cidade.

Foram os sinos de o glorioso Santo das Regras, padroeiro do meu berço, que abriram nossos ouvidos infantis para o som do bronze. Pois eu te conto que desde menino eu era acordado, de manhãzinha, pelos dobres da Matriz de São Bento chamando pelos fiéis para a Missa.

O sol mal nascia e lá iam todos, em grupos de conversas animadas, para o dever cristão, sentindo o cheiro das lenhas a arderem nos fornos das olarias. Você também ia, mirradinha, agarrada na minha mão, como se tivesse medo de se perder entre o mundo de gente.

Parece que os sinos de São Bento também despertavam as aves dos campos. Logo aos primeiros dobres garças, guarás, gaviões, socós, misturavam as cores na aquarela do arrebol. Depois, mais tarde, vindo para o colégio na capital, foram, os sinos da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios que impregnaram a minha memória auditiva. Aqui eram mais potentes que os de São Bento e todavia mais melodiosos.

Estava lá e um dia desses, e pedi ao pároco que mandasse tocar os sinos da Matriz anunciando as comemorações do aniversário de criação da Freguesia. Mas foi inútil: o padre me disse que para fazer dobrarem os sinos teria de ir a Pinheiro e ter autorização do Bispo! Acreditas?

Pois é verdade: fiquei sem a música do bronze para acompanhar o espocar dos foguetes de taboca lá no alto dos céus e lembrar nossa infância! Nem para as festas do padroeiro ou dos Remedinhos, que tu tanto gostavas e atraem conterrâneos vindos de todo o Brasil, os sinos tocam mais.

Não sei quem é o Bispo investido de tanta autoridade eclesiástica para calar os sinos que o povo comprou com o dinheirinho suado nas canoas, nos barcos, nas olarias, nos roçados, na pescaria, na criação de bichos.

Porque é sabido que nenhum sacerdote botou um sino sequer em orada, capela ou igreja de São Bento. Tudo ali foi dado e feito pelos fiéis. Portanto, não há mandato outorgado a qualquer religioso, seja qual for seu grau hierárquico. Enfim, por essas e por outras, que de vez em quando a tevê e os jornais exibem, é que a religião definha e a Igreja se desagrega. Para tristeza minha e tua...

Um beijo do Tio Zequinha.

# SETE

## 1 - O MESMO – MAS EM OUTRA DIMENSÃO

Naqueles idos toda a estrutura religiosa de Klara desmorona em total instabilidade. Como se o estigma das estações acompanhara as etapas da vida, como se fosse capaz de derrubar toda a humanidade bem distante da fé – as contemplações também desmoronam.

Quando a doença transtorna não só o corpo, mas por igual derruba a fé, quando a terapêutica, o tratamento é bem pior que a cura, a tragédia se impõe, a perda de tudo, enfim, se consolida como causa de intenso sofrimento. Com Klara não seria diferente: campo precioso para os ataques, contaminar a alma, plantar dúvidas, semear descrença, erigir suspeitas de natureza espiritual – ela carrega em si todos os elementos irracionais de combate à fé.

Não se trata apenas da agressão virulenta, do vício em medicações químicas, que levam a resistência corporal à rendição, vitimada por cruel abuso. Klara descolou o corpo da alma, ficou a flutuar levada pelo refluxo, consentiu perder fibra por fibra sem luta, lerdamente, fiapo de água que escorre pela rua rumo ao esgoto. Incapaz de enfrentar a situação, ela recusou a luz, entocou-se no espaço, onde pudesse se desfazer das coisas importantes e desnecessárias, a um só tempo aqui e fora do alcance das mãos, sem escapatórias.

A seu turno, quando Toni assistia às visitas mantinha-se à parte das discussões. Quão longe de tais diatribes estava o tipo especial de religiosidade com a qual fora criado. Apesar da imposição do sincretismo, ele acompanhou a avó e a mãe num tipo de candomblé puro, nos quais os orixás são sucedâneos dos elementos naturais. Tudo a ele fora ensinado da maneira mais espontânea: assimilou a religião do modo simples, igual ao aprendizado do ABC, quando ensinaram a ler.

Cultuar um orixá é também prestar respeito à terra, ao ar, ao fogo, à água e as forças naturais irmãs desse conjunto equilibrado e harmonioso. De imediato ao culto matinal já se sentia carregado da energia necessária para enfrentar o dia, adorando não a um Deus ou a vários deuses, apenas a natureza na qual se estabilizava em seu próprio viver. A Olodumaré pedia ajuda para o dia a dia, o aqui agora.

Superado o dia, é a vez de pensar no dia seguinte, sem atropelos.

A avó de sangue, que aprendeu a chamar Mãe Velha, com a carapinha branca como aureola sobre a cabeça, era o singelo retrato da sabedoria e bondade. O



saber fazia parte da anciania, reverenciada ao mesmo tempo como mãe, avó, mestra. Era a última pessoa com quem falava antes de pôr os pés na rua. Toni muito aprendeu com a mãe-velha e para ele sempre representará a sabedoria, a bondade, dona de uma alma muito reverenciada em seus ancestrais.

Sempre foi e será a mãe, a avó sabida e carinhosa. No passado foi ama de leite, lavadeira, professora, costureira – desempenhou mil ofícios. Mãe-velha, como a maioria, trasladou sua bagagem cultural, não através dos livros que não possuíam. Transmitiu pelas mãos das “mães postiças” a cultura africana mais tradicional, diferente, sem nenhuma sintonia com o sincretismo que se impôs pela força. O ensinamento se fez pelas aias, pelas *mães de leite*, que transmitiram às crianças, junto com o aleitamento, os cantos, os mitos sussurrados, as canções de ninar. É assim a mística da cultura africana com suas tradições e sua religiosidade.

Mesmo em silêncio, Toni se comunicava com Klara pelo olhar, pelo gesto, pelo movimento incômodo. Assim ela jamais estaria a sós, abandonada àquela evangelização mística um tanto forçada pelo ataque virulento e simultâneo com que se dava, diante de seres enfraquecidos, sem qualquer possibilidade de ouvir, em defesa, o contraditório, a palavra alternativa.

Quando estavam a sós, Toni dava um jeito de mostrar o seu ponto de vista, espelhado em sua experiência religiosa. Mas, sem a habilidade e tato que os protestantes acumularam durante séculos de repressão, era difícil fazer valer a sua opinião. Nem mesmo ele queria assim, forçado, preferia o conhecimento natural, como ele mesmo experimentou.

Olha Klara, nenhum Deus pune assim os filhos, tampouco os condena à fogueira eterna. Nenhum Deus entregaria pessoas amadas a seu maior inimigo, nem mesmo quem cometeu “erros divinos”, chamados pecados. Não o nosso Deus. Ele não destrói pessoas, não aniquila as almas, não tem ciúmes, quando não é adorado, amado ou seguido. Como um pai, Deus jamais deixaria de perdoar seus filhos, tampouco condenaria ao extermínio por erro cometido ou que venham cometer.

Então, a porta e a janela foram fechadas, o quarto todo ficou em lusco-fusco, aos poucos a visão foi se acomodando, como um espelho negro invisível. O subconsciente funcionou com um trabalho, uma vida em regresso. Klara, ela mesma, determinou que fosse terminar sua vida no quartinho mágico que a fez trespassar toda a existência. Como tinha acontecido tudo isso? Era o mesmo quarto, a parte superior das janelas, quatro vidros coloridos, oito pedacinhos do céu, cheios de luzinhas multicores que piscavam sem parar. O verdadeiro pai perdoa, ensina, ama e protege os filhos.

As olheiras – bem marcantes da sua ancestralidade – serviam de moldura para dois olhos negros afundados pelo sofrimento, os lábios ressecados em riste, já tinham assumido o rictus subjacente da viagem sem volta, o desígnio assumido. É sempre mais fácil evitar o golpe dos que estão contra nós para conservar o inimigo à distância. E se durante anos tivesse vivido uma farsa, fazendo-a crer que era feliz quando na verdade a desgraça aguardava oportunidade para feri-la? Portanto, Deus é um pai mais que perfeito, mas igual também a qualquer outro pai.

Como a represa que se rompe, a alma alquebrada deixa os sentimentos jorrarem vida abaixo. Aqui vemos a mulher expressando a emoção, o lamento, a dor e até o fato de estar vivendo – mas que jamais pensou em amaldiçoar o dia em que nasceu. Seu sofrimento é insuportável e isso faz desaparecer a alegria, que agora aparece tão distante, como se fosse uma ilusão. Agora nem mesmo a lua cheia conseguia trazer luz ao seu espírito, nem o quartinho escuro, nem os vidros coloridos conseguiam suscitar a ressurreição de um novo dia. Imagine um ser tão perfeito e superior, que fica impossível ser associado a imagens, planetas, orixás, pessoas.

Através dos vidros a fímbria do horizonte cor-de-rosa e seu pensamento saiu janela a fora. Uma fotografia, uma imagem antiga, algo assim tomou conta de seus sentidos. Algo distante e acabou por se transformar em marulho, chacoalhar das espumas que espocam na areia, o som das pequenas marolas que batem contínuas na areia, a menina, as pernas esticadas tinham como lençol as águas mornas das praias da sua infância, os dedos enrugados, a boca um pouco arroxeadada, a pele treme ao triscar da brisa de fim de tarde. Deus é universal, um todo inimaginável em forma, em matéria, em arte e sexo – mas é sentido em energia e fé, pois tudo a ele pertence e tudo dele nasce.

Bem longe o sol arrepiava a linha do mar onde se fundem céu e água. Quando alguém nos deseja o mal, assumimos atitudes de defesa, estamos atentos. Mas quando amigos ferem, somos atropelados pela surpresa. Quando o desengano nos agride de supetão, nos deixa vulneráveis, a dor é muito maior. Os piores sofrimentos são causados por pessoas queridas, que falham conosco, justo o que aconteceu com Klara, martelando na cabeça palavras desconexas:

*Por que só eu fui dada?*

*Por que logo eu fui dada?*

*Por que eu fui sacrificada?*

## **2 - O CHEIRO DA MANGA-ROSA**

Primeiro vamos esclarecer o seguinte: tu não foste “dada”, como costumava dizer. Nem sei de onde tiraste essa ideia, ora! Naquele tempo era assim: as irmãs conversaram e acharam que o melhor é que fosses morar com a tua tia. Na hora estavam pensando em te dar melhor vida e educação. Tua tia acreditava que o papel de madrinha era proteger, educar, fazer o melhor, encaminhar a afilhada para a vida.

E tudo que estava previsto de fato aconteceu, por isso você tem mais é que tirar esse pensamento da cabeça – seja lá de que modo ele entrou. Pode ser que o pensamento tenha te ocorrido no primeiro dia, logo que chegaste àquela casa estranha, a solidão, a falta de tudo que até então tu tinhas... Mas para te falar a verdade – apesar de toda tristeza que se abateu em mim com a tua partida – nunca tive a sensação de que tu tinhas sido “dada”.

Acho que tudo se me passou como fatalidade, mas éramos pequenos, com a cabeça voltada para as primeiras leituras, brinquedos, estudos, as brincadeiras. Ninguém iria pensar no que a vida nos aprontava, nem sabíamos o que era destino.

Lembra bem daquele dia em que achei lá em casa um velho turíbulo de prata e nele botei sobre o carvão algumas pedras de incenso e folhas de murta, impregnando teu corpo nu com a fumaça azul que se desprendia no ar?

Tu estavas vestida com o mesmo vestido rosa de cambraia com adornos de renda na cintura e na barra da saia, aquele mesmo vestido rosa de cambraia (com adornos de renda na cintura e na barra da saia) que vestias no primeiro dia que voltavas à casa de onde saíste, lembra?

Lembra, ainda, que te disse no ouvido, com a voz sussurrada – que te provocava arrepios – que estavas cheirosa?

E quando os adultos se entretinham em conversa de adultos, nós percorríamos os lugares que ainda estavam arrumados do mesmo jeito que moravas aqui?

Foi então que chegamos ao esconderijo secreto e ficamos o tempo todo cochichando saudades, apertando as mãos e tu me pediste para cheirar teu pescoço?

E que me disseste que o perfume era de alfazema do campo, mas não cheirava apenas no teu pescoço, recendia também nos sovacos, nas pernas, nós pés, na barriga e entre as pernas se misturava ao suor das corridas?

Lembra, lembra, que ali eu parei um bom tempo cheirando, cheirando, cheirando até que desmaiaSTE num suspiro?

Eu te amparei nos braços – tu, deitada acarinhando a minha barriga – e ficamos ali até nos chamarem, porque estava na hora de ir embora?

E que, por não respondermos – tentando esticar aquele momento – nos castigaram severamente só porque nos encontraram dormindo na minha cama agarrados?

Mas todas as violências jamais nos afastaram um do outro. Havia uma união que ninguém – nem mesmo nós – entendia. Até que um tempo desistiram de nos separar, de corrigir aquelas atitudes, que tacharam de irresponsável.

Enfim viram porque era da nossa natureza agir como agíamos... Ninguém compreendia porque tínhamos prazer em correr para debaixo da mangueira, mal a chuva se anunciava. E jamais nenhum deles provaria do prazer que sentíamos juntos, úmidos pelas gotas de chuva que atravessavam a folhagem espessa, nossas roupas, assombrando os dedos enrugados pelo frio.

O que entendiam eles do cheiro da terra quente quando era molhada pelos primeiros pingos de água?

Que sabiam do perfume que exala do chão em névoa quase invisível e, quente, vara as narinas, perfura os pulmões e arrepia a pele?

Não, eles jamais saberiam o que é a sensação de subir na mangueira e ficar vendo, em silêncio absoluto, os adultos perseguirem uma profunda busca em todos os recantos sem nos encontrar.

E como encrespada ficava a nossa pele, e como a cabeça fervia, e como a mente escorregadia errava pelos pensamentos imperfeitos, fazendo brotar os pequenos prazeres que nos atingiam como dardos.

Mas tudo era pelo cheiro da terra, pelo perfume da manga rosa, pelo aroma do figo quase podre, pelo gosto do caroço da pitomba, do jenipapo coberto de açúcar. Esses cheiros recendem tal e qual os odores exóticos que exalam das axilas.

Um conglomerado de sensações igual àquelas, que somente a memória é capaz de recriar, Klara só veio sentir quando conheceu Toni. Algum lugar da desconhecida cartografia do ser humano guarda, como as despensas, resquícios de atitudes restritivas que afloram inesperadas.

São gestos, posições, diretivas, tudo que se relaciona com a atitude, que chegam até nós sem serem chamadas.

Agora, amando Antônio Carlos, Klara sonhava com celas, algemas, o tronco e o chicote – os algozes todos eram amigos, parentes, conhecidos – que julgaram e a condenaram ao suplício.

Nesse caso vinha de ancestrais a censura mais óbvia: como poderiam consentir àquela branquela o namoro com um negro, artista, boêmio? Como dar aval à tendenciosa vida de aventuras, desregrada, de futuro incerto e fatalmente perdida?

Só ao dar ouvidos a essa voz já extinta Klara sente calafrio no corpo inteiro, as noites em que esse pensamento assomava era de repouso perdido, só em pensar na censura que viria dos parentes e amigos – principalmente os mais velhos – ela adia, se ausenta dos encontros, almoços, às reuniões festivas.

Mas chegaria o tempo de atacar a realidade, em que não poderia mais esconder essa relação imaginada. Por isso ela recorreu a mim, por isso eu disse sim.

Quando Toni chegava de repente, num breve espaço que teve entre as apresentações, Klara estava em meio de uma dessas chatas reuniões com as amigas.

Foi uma surpresa que ajudou em muito na tomada de atitude de Klara: ela apresentou Antônio Carlos a todas as visitas como seu namorado, mas foi inevitável o choque, as debandadas repentinas, censuras e elogios.

As amigas de verdade não arredaram pé, pelo contrário, transformaram a conversa pesada em animado encontro, que só chegou ao fim com a exigência a Antônio Carlos para que cantasse algumas músicas.

### **3 - CHÁ E FOGÃO DE LENHA**

Klara acostumou-se a visitar dona Hortência amiúde, principalmente às cinco horas da tarde, que era a hora de beber um chá acompanhado de biscoitos e muita conversa. A visita não tinha hora para terminar. Ia caminhando pela noite embalada pela conversa. Mas ali Klara era mais ouvinte que narradora. Dona Hortência guardava todas as lembranças de sua vida em Itaipava. Ela ganhou em Klara a ouvinte perfeita, daquelas que são capazes também de aproveitar o ensinamento e modelar a vida com o conhecimento repassado.

Desde criança moro nesta casa simples, erguida nos flancos de um dos morros de Itaipava. A casa foi construída virada para o sul, por isso no inverno o sol só nos aquece até as duas da tarde. O frio e a umidade são terríveis para quem não está habituado. Para remediar herdei da família (de velha cepa europeia acostumada ao frio rigoroso), o uso do fogão de lenha como fonte de aquecimento, hábito que ficou até hoje.

Tenho o fogão a gás para cozinhar, mas o velho fogão de lenha fica aceso durante as noites de inverno, porque aquece a casa inteira de forma eficiente. Meus pais tinham o costume de manter tijolos no forno. Quando a gente ia dormir os tijolos enrolados em jornais velhos eram colocados debaixo do cobertor para aquecer a cama e o corpo.

O combustível era a lenha recolhida na mata que existe no morro atrás da casa. Antes era floresta densa, com árvores de grande porte. Todo ano meu pai e vizinhos iam coletar os galhos caídos ou derrubar uma árvore velha, que depois era serrada e cortada, para servir no próximo inverno. Hoje já não existe árvore de grande porte, apenas a vegetação rasteira, arbustos e árvores pequenas, que não conseguem crescer devido a queimada.

Agora está tudo mudado, muito desmatamento, ora para lenha de combustível, ora só para limpar o terreno e construir as casas encarrapitadas nas encostas íngremes e perigosas. Algumas são levantadas nos fundos dos terrenos, posse de parentes comprada a baixo custo, porque estão localizados em ponto de difícil acesso. Outras são invasões onde habitam famílias de baixo poder aquisitivo, sem condição de comprar ou construir em locais nobres sem nenhum risco.

A morada é erigida com meios e mão de obra própria, tijolo a tijolo, cômodo a cômodo e leva anos até ser considerada casa, com razoável conforto. O importante é ter de imediato um teto que proteja da chuva e do frio. E assim os morros de Itaipava vão sendo ocupados: a cada dia mais um barraco (que um dia será casa), é construído. Essa gente não tem noção do risco a que se sujeita, quando constrói em tais condições. Desmata-se o terreno, fazem-se cortes e aterros, entulham-se vales, despeja-se lixo e água servida sem tratamento – é o prenúncio do desastre.

Há quem prefira construir exatamente no fundo de vales secos, mas que em épocas de chuvas fortes se transformam em lagoas caudalosas. O solo espesso, que constitui a encosta dos morros, é decomposto e fica extremamente fragilizado. Quando ocorre chuva intensa, o processo natural de erosão da encosta, o assoreamento dos rios e vales, tudo isso somado é a causa das tragédias periódicas.

Não é necessário ser especialista para perceber o risco que essa urbanização descontrolada traz. Nos últimos anos têm ocorrido períodos de chuvas extremas, fortes, com consequências catastróficas para a população e a cidade. A ocupação dos morros que acompanhou o crescimento da população trouxe também a pobreza – e a tragédia se repete.

A maioria dos desabamentos era de causas naturais, impossível de evitar. Minha casa sofreu danos parciais com o deslizamento de um barranco, mas a do lado foi totalmente derrubada. Numa segunda etapa as ocorrências foram provocadas por desmatamentos, cortes, aterros, desvios de águas naturais, vazão de água sem canalização, acúmulo de lixo nas encostas – soma de causas fatais para a natureza.

Apesar das várias ocorrências graves, a nossa casa nada sofreu, mas quatro casas em frente foram derrubadas, devido ao deslizamento no topo do morro, em um ponto onde os moradores do casebre despejavam água sem canalização. O terreno do despejo, sempre encharcado, se transformou num ponto de fragilidade e quando as chuvas chegaram a zona frágil não resistiu, iniciando a avalanche que desceu o morro carregando tudo o que havia no caminho. Eu vi, eu coloquei o pé exatamente nesse ponto!

Nos últimos dias do ano os fatos se repetiram com intensidade bem maior. A população continuou a subir os morros, ocupando áreas proibidas, desmatando e levando consigo os hábitos e vícios da construção improvisada e da vida descuidada, tudo que dá origem aos desastres naturais.

Chuva, erosão, assoreamento e enchente são processos normais, fazem parte dos fenômenos naturais. A enchente é maior quanto menor é a cobertura vegetal, barreira natural para reduzir as enxurradas. As tragédias, perdas de vidas e prejuízos materiais, ocorrem porque a população se coloca no caminho, em desarmonia com a natureza.

Sendo moradora antiga, posso apontar os pontos inseguros, as construções que devem ser demolidas, os locais em que jamais deve ser permitida a ocupação. Muita vezes fiz relatos aos setores responsáveis, mas quando São Pedro (sempre o único responsável) amaina a chuva, tudo volta a ser como antes, todos esquecem os problemas, os registros e reclamações são arquivados.

Como tudo fica nas mãos dos políticos, eles jamais irão fazer um controle sério e efetivo sobre o uso do solo, criar programas de construção de casas populares para retirar os moradores das áreas de risco. Jamais porão em prática os programas de educação, que ensinam conceitos mínimos de convivência com a natureza, meio-ambiente, educação ambiental. Políticos só pensam, em dinheiro, na próxima eleição e em se manter no poder...

Um misto de revolta e raiva perpassou pela cabeça de Klara quando Hortência terminou o relato. Muitas das passagens bem que poderiam servir de cenário na vida de seus antepassados, também emigrantes ou na sua própria vida, tempo em que era apenas garota, ainda desconectada da realidade. Não podia deixar de se lembrar dos lugares rústicos em que morou com a família numerosa. Por quantas vezes a sua vida esteve ameaçada de desabamento, igualzinho às tragédias que assistia transformada no cinema, como nesta história que ouviu de Hortência em comovido silêncio.

Um fogão de lenha ou mesmo de carvão, a xícara de chá, um bule de café, pães e biscoitos recém-saídos do forno, são as mesmas reminiscências da infância de Klara, só que agora não mais solitária, pois que Toni já estava costumeiro em fugir com ela para o esconderijo da serra. Ele foi tão bem recebido por dona Hortência que já se considerava de casa. Sempre trazia das viagens alguns agrados, encomendas, presentinhos – e ainda dava jeito de cantar as músicas melodiosas que Hortência recordava.

*(Texto baseado em trabalho da geóloga petropolitana Rita Redaelli).*

#### **4 - EIS O MISTÉRIO DA FÉ**

*“Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam,  
a convicção de fatos que não se veem”. (Hebreus 11.1)*

*Paróquia de Igreja de Nossa Senhora do Amor Divino.*

*Êxtase.*

*Rito de renúncia.*

*Ascese.*

*Pouco importa a maneira como, depois, formulais vossa crença, seja cristã ou outra qualquer.*

*Ou do espírito, ao sentido e ao destino do mundo, à origem do universo e da vida.*

*Estado de alguém que se encontra como que transportado fora de si e do mundo sensível.*



*Circunstância de alegria, de admiração extremada, que absorve totalmente qualquer outro sentimento.*

*Gozo íntimo, arroubo, encantamento.*

*Êxtase místico.*

*Estado contemplativo privilegiado, no qual a alma se une diretamente a Deus.*

*Síndrome nervosa caracterizada pela perda de consciência da própria existência e pela abolição da sensibilidade a toda e qualquer ação externa.*

*Presente para quem Deus não é um ídolo.*

*Ele não usa a oração como fórmula mágica e sim a assunção de todas as forças.*

*A expansão da vontade para o bem, para o melhor, para o necessário.*

*Solitário, tão completamente só, que se diria recluso dentro de seu próprio interior e da oração retirará forças para a vida.*

\*\*\*

As liturgias religiosas sempre me impressionaram vivamente, não só pelo aparato das vestimentas e do cenário, que sinalizam a parte visual. Também a sonoridade das falas rituais, a citação exemplar dos ritos antepassados, que estabeleceram a tradição e a voz dos sermões que, originados das falas nos desertos, transportaram a fé para os dias de hoje.

Mais que tudo impressiona o som dos cantos inspirados pelos mesmos motivos, acompanhados ou não pela música do órgão, que é o único instrumento inventado especialmente para o culto religioso, fechando assim o círculo de influências. São rituais voltados para gente especial, por isso se consideram fechados a certas imaginações.

Um profundo respeito cresce quando da visão de algumas pessoas que ali chegam. Estão espalhados aqui e ali esses seres muito especiais, cuja entrega religiosa já não carece de intermediários, porque alcançou a fé.

Não necessitam de nenhuma preparação específica, não têm nenhuma graduação ou ordem, mas o desprendimento que a fé traz é tal que a mera presença no templo os transforma em seres únicos. Neles se nota o estado de isolamento de tudo que é material, quando a mente mergulha profundamente no outro nível psicológico, outra dimensão.

Para esses a fé não é mais um mistério. São pessoas privilegiadas que não necessitam mais que um segundo para de repente se encontrarem num estado de concentração tal que todo o seu ser é entregue. Todo o pensamento é eliminado, todas as portas da percepção estão abertas numa entrega total que só os ascetas de grau mais elevado conseguem alcançar. Há uma impessoalidade em tudo.

Esse estado de vazio total é apregoado por quase todas as correntes religiosas, veio na esteira das fontes indianas, cristãs, chinesas e judaicas, mas é no budismo que se transforma em objetivo final.

Mas a população da igreja não se limitava a esses fiéis que conseguiram com fé e crença realizar todas as treze mortificações interiores e exteriores. A Igreja estava cheia porque se rezava uma daquelas missas de espírito coletivo em que vários fatos e pessoas são lembrados.

À entrada do padre todos ouviram de pé o canto de entrada e responderam em unísono:

*– O Senhor ressurgiu! Aleluia! Povo santo – exultai! Aleluia! Celebraremos com louvores esta ceia do Senhor – disse o padre.*

*– Hoje a noite se fez dia, hoje a morte foi vencida – responderam os fiéis.*

Minha presença já se tornara um hábito. Diante da vista dos membros da confraria, de todos os presentes, eu não aparecia mais como um estranho cuja importância devia ser desconsiderada. Na mesma fila estava Klara. Devo dizer que me sentia bem, apesar de alguns olhares que me denunciavam como um intruso.

Também a presença constante de Hortência ao lado de Klara tinha um efeito dúbio. Para ela significava poder estar junto ao grupo, e que era respeitada, mas acompanhada de certo ressentimento.

Por fim, Klara sabia que o poder de autoridade pela deferência concedida a ela impunha respeito ao grupo. Enfim, foram poucos e frios os cumprimentos, formais, mas para Klara apenas algum aceno mais gelado ainda.

No entanto, o ritual religioso era acompanhado com rigor. Ouviu-se a leitura dos Atos dos Apóstolos:

*Naqueles dias, o número de discípulos tinha aumentado e os fiéis de origem grega começaram a queixar-se dos fiéis de origem hebraica.*

Depois foi lida a Primeira Carta de São Pedro:

*Vós sois a raça escolhida, o povo que ele conquistou para proclamar as obras admiráveis daquele que os chamou das trevas para a sua luz! Palavras do Senhor.*

De vez em quando os olhares se cruzavam sem que se conseguisse descobrir-lhes o significado. A liturgia é a representação dramática da fé. Esse atrativo que a religião traz com ela está arraigado desde os primórdios do homem, é que nos carrega o espírito e induz o corpo a suportar as agruras.

Naquele tempo, disse Jesus a seus discípulos:

*Não se perturbe o vosso coração. Tendes fé em Deus? Tende fé em mim também. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Será que esse simples apelo para a congregação penetrará os corações, principalmente aqueles fechados pelo ódio?*

A missa era coletiva na qual se reza tanto a memória, quanto às louvações de diversos entes queridos, que são ali homenageados. Por isso juntou muita gente, mais agregou a comunidade local, atraída tanto pelas notícias quanto pelo mistério que representava a morte de dois membros de uma mesma família.

Chegando, por fim, à Liturgia Eucarística, um mistério que necessita de muita reflexão, orações foram rezadas sobre as oferendas. Na ceia da mesma noite em que Jesus ia ser preso, ele partiu o pão e distribuiu entre seus discípulos:

*Toma este pão nas mãos e come, ele é parte do meu corpo.*

Do mesmo modo, ele serviu o vinho, ergueu o copo e brindou:

*Toma e bebe, neste cálice de vinho está o meu sangue – sangue da eterna aliança.*

Quase todos os membros das famílias receberam a comunhão. Durante toda a missa, até a chegada dos Ritos Finais, no qual foi dada a bênção coletiva e rezados os ritos de despedida, todos se mostraram tristes, comovidos com a inesperada tragédia e verdadeiramente compungidos.

Para o entendimento de todo esse ritual, cinco palavras que são lidas após as oferendas do corpo e sangue, ficam ecoando na minha cabeça: Eis o mistério da fé!

Eis que os mistérios do universo material, o buraco negro, o big-bang, a explosão inicial, de repente se reconhecem também como legado religioso, onde ciência e fé se fundem, pois as liturgias sempre impressionaram vivamente.

## 5 - CARTAS DA MINHA CIDADE

Klara

*Ah! Como é bom  
uma redinha de algodão,  
toda branquinha  
feita lá no Maranhão.*

Pois foi em terra do queijo, da manteiga e do arroz de jaçanã, que as redeiras organizaram uma exposição para mostrar a ciência de fazer boas redes. Ah, como me lembrei de ti, que adoras deitar numa boa rede tendo bons sonhos! Não só irias gostar de passear entre as redes dependuradas nos salões, de vários tipos e formatos, cada qual mais bonita que a outra – mas também comprarias uma ou mais – com certeza!

Várias redeiras mostravam a arte tecer, as técnicas para bem armar e bem deitar. O ofício de redeira faz parte da tradição de desde tempos imemoriais, terra onde está enterrado o meu cordão umbilical. Famílias inteiras, desde remota ancestralidade, se dedicam com capricho à tecelagem, à ornamentação de redes, as tapuiranas tão necessárias ao repouso do corpo para espairecer o espírito.

O padre da Ermida de São Roque bem que sabe disso: em sermão especial para a festividade afirmou que Deus não dorme, mas descansa numa tapuiranas. A igreja estava apinhada da boa gente religiosa, que crê num Deus de todos e para todos.

Como é certo: das missas festivas, dominicais ou mesmo em dias comuns, nenhum pobre sai dali com as mãos vazias: farinha, feijão, leite, açúcar, café, até mesmo manteiga e goiabada fazem parte da sacola que levam para casa, por ordem de Deus e dos são-bentuenses de bom coração.

Na nossa casa lá mesmo em São Bento – lembra? – a gente usava apenas as redes feitas por duas vizinhas da rua, a mesma que descia para a casa do sapateiro Afoga-gato. Ali moravam as irmãs conhecidas como Bem-bem e Mana, famosas tecedeiras de redes.

Elas ficavam sentadas o dia inteiro, diante do enorme tear inclinado na parede da sala, a mascar fumo, a prostrar e cantar entre um café e outro, entre uma rede e outra, sem jamais perder de vista o nó do ponto do tecido.

Aquele rústico tear de pau d'arco era que fabricava as delicadas obras de arte, verdadeiras prendas de querubins, redes de todo ponto, as vistosas tapuiranas, pesadas, difíceis de lavar, que os filhos de São Bento se orgulham exibir. As tapuiranas são redes faceiras, têm desenhos no pano inteiro, flores, barras com motivo grego, estrelas de cinco pontas, que se entrelaçam em harmonia.

As varandas, grandes, não são apenas para enfeite, pois o bom são-bentense se vale delas, não só como cobertura para agasalhar o corpo do frio das madrugadas, mas bem assim para evitar olhares indiscretos quando quer intimidades com a mulher amada.

Aqui em meu quarto tem sempre uma bela tapuiranas armada no canto onde há uma janela com vista para o mar. A que mais gosto é feita de linha esterlina branca, com estrelas amarelas, varandas amarelas com o meu nome bordado e quatro borlas nas extremidades. É muito parecida com aquela que te levei, no teu último aniversário.

Quando vou dormir é para sonhar com o tempo de menino. Depois da oração, deitado na tapuiranas debaixo do mosquiteiro, imaginando se terei ainda força para repetir no galho da mangueira, os saltos do ginasta do circo que acabara de chegar.

Minha querida irmã e sobrinha, até os sonhos são melhores sonhados numa rede de não é?

Abraços do Tio que não te esquece, Zequinha.

# OITO

## 1 - TOURADAS EM MADRI

Cheguei ao apartamento de Klara à noitinha, depois de beber muito numa festa entre amigos na Praça Mauá. Nos últimos meses eu estava bebendo demais, ainda que não o fizesse todos os dias, consumia em ritmo de alcoólatra. Klara percebeu de imediato os excessos, mas como era de natureza tolerante jamais procurou comentar algo comigo.

Aliás, jamais vi qualquer pessoa assumir tal nível de tolerância e aceitação como ela fazia, de maneira religiosa, quase política, à maneira do “é dando que se recebe”, (talvez porque pretendesse o merecimento de também ser aceita e tolerada em suas tergiversações), nessas horas jamais me recebeu de cara trombada.

Abri a porta com cuidado. O apartamento estava na semiobscuridade, sinal de que Klara estava só. Havia luz na cozinha, o que deixava a sala na penumbra, mas o seu refúgio estava bem iluminado e dava para entreouvir o diálogo banal e vulgar corriqueiro nas novelas da TV. A porta do quatinho estava entreaberta: antes de demonstrar a minha presença por um instante eu pude, em silêncio, vê-la e a tristeza se me abateu de imediato.

Klara estava com um lenço colorido cobrindo a cabeça até as orelhas, preso à nuca por um nó. A feição sombreada deixava bem claro onde a gordura se fazia ausente. As sardas que sempre teve espalhadas como chuvisco, agora eram bem mais visíveis. As olheiras de raiz italiana (que só ela e Silvana Mangano tinham – como costumava dizer), cercavam de negro os olhos baços. Estava com os dedos enfiados num pote de creme de óleo de tartaruga, que vivia a passar nos braços, pés e mãos ressecados. Mais adiante, afastado no canto, um umidificador sibilante enchia o ambiente com uma nuvem de vapor.

Voltei alguns passos em silêncio, para fingir que chegava naquele momento. Não queria que ela pressentisse o furto daqueles minutos de um ritual que me pareceu o sacrifício que antecede à imolação, uma cerimônia para o desfecho anunciado. Reabri a porta que fechei com o ruído necessário para fazer notar a minha presença e fui dizendo com a animação possível que fosse, apesar de tudo, aparentar:

*– Klara! Estava numa festa e lá aprendi uma música nova. Vamos cantar!*

*Eu fui às touradas em Madri  
Parará ti bum bum-bum*

*Parará ti bum bum-bum  
E quase não volto mais aqui  
Pra ver Peri beijar Ceci  
Parará ti bum bum-bum  
Parará ti bum bum-bum.*

Passei bem perto dela tentando mostrar animação:

*– Vamos lá pessoal!*

Mandei um beijo com a palma da mão, como sempre fazia.

Mesmo desanimada como estava, Klara ainda conseguiu esboçar um sorriso, “por causa das minhas doidices” – como costumava apelidar as minhas bebedeiras.

Passei direto para o quarto reservado para as minhas chegadas de surpresa.

*Eu conheci uma espanhola  
Natural da Cataluuunha  
Queria que eu tocasse castanhola  
E pegasse o touro à uuunha.*

Por todos os motivos, eu estava precisando de um banho urgente. Ainda cantarolando, de passagem para o banheiro, não resisti e botei uma dose de meio copo do “mais famoso uísque canadense” Crown Royal, “criado em 1939 para a visita do Rei George IV ao Canadá”, conforme Klara traduziu quando me deu de presente o litro. E segui cantando.

*Caramba caracoles  
Sou do samba não me amoles  
Pro Brasil eu vou fugir  
Isso é conversa mole para boi dormir  
Parará ti bum bum-bum  
Parará ti bum bum-bum*

Klara tinha tomado decisão de desistir da vida. Entendi quando um dia ela me escreveu reclamando da tortura que era o tratamento que, para curar, destrói não só todas as defesas imunológicas, mas também faz ruir todo o espírito e religiosidade que o ato de viver traz consigo. “É uma doença que corrói por dentro, silenciosamente vai derribando toda resistência, deixa a gente um trapo, física e espiritualmente em trapo, um arremedo de ser humano”.

Bebi de um gole só a metade da dose de uísque e levei a outra para o banheiro, tentando ainda, de um modo insano, cantar a minha invenção para alegrar Klara:

*Parará ti bum bum-bum  
Parará ti bum bum-bum*

Me meti debaixo do chuveiro deixando a água morna levar as lágrimas misturadas, como estava misturado o uísque com a água quando emborquei o segundo gole.

Quando saí do banho, mais demorado que de costume para tentar recompor a minha tristeza, encontrei Klara ainda com o lenço colorido cobrindo a cabeça e as orelhas. Suas feições sombreadas demarcavam as pequenas covas que se insurgiam contra a beleza natural de Klara. Eu podia constatar pelo toque a pretendida carícia, que a magreza se fazia presente, dominadora.

Bem próximo ao rosto, quando a beijei, as sardas espalhadas em chuvisco eram visíveis como estrelas. Juntei minhas olheiras às olheiras dela, sem imaginar qual a raiz, italiana ou árabe, mas o paralelo com Silvana Mangano não me satisfazia:

*– Você pode ser a minha Claudia Cardinale ou mesmo Sophia Loren, mas Silvana Mangano, não!*

Agora bem próximos de mim, os negros olhos até ganhavam um pequeno brilho, o que me deixava animado. Peguei um pouco do creme que estava nos dedos dela e comecei a massagear de leve os seus braços, frágeis por natureza e agora mais delicados ainda.

A previsão do tempo anunciado na TV prevendo umidade do ar abaixo de 20% justificava o umidificador sibilante que enchia o ambiente com uma nuvem de vapor...

Ficávamos assim por muito tempo, até uma hora que o sono nos vencia, ela recostava a cabeça no meu ombro e saíamos agarrados, ela com o braço apoiado no meu, em passos curtos num passeio místico, itinerário para as ablações antes dela se deitar: passagem obrigatória pela cozinha, dois comprimidos de vitamina C, a garrafa de água para passar a noite, o comprimido de antidepressivo, um copo de suco de maracujá.

Klara também queria verificar as dependências do apartamento – quarto, cozinha, área, as janelas e portas divisórias – um ritual que cumpria todas as



noites, sem abandonar as coisas materiais, mas dei-lhe um carão e tomei a iniciativa:

*– Deixa isso comigo. Ainda vou ver TV e arrumo tudo.*

No dia seguinte, de manhã cedo, Klara ainda dormia, dei-lhe um beijo e, mal chegou a empregada, arrumei a mochila e parti de novo.

Das turnês de Antônio Carlos sobrou apenas a pilha de cartas e postais que mapeavam o seu itinerário mundo afora. Jamais vi ou ouvi Klara se lamentar devido à larga ausência do namorado. Jamais senti nela algo que denunciasse dor, sofrimento, saudade.

Ao contrário, muitas vezes compartilhei com ela alegria e emoção pelos êxitos alcançados por Toni e seu grupo, quando líamos nos recortes de jornais as notícias e comentários sobre suas apresentações.

Algumas dessas fotos, aliás, estavam naquele envelope achado quando fui retirar os destroços dela para cremação. Todas as fotos eram do casal, nenhum deles estava só nas imagens. Eram retratos representativos de momentos únicos, alguns íntimos, outros apenas em repouso da vida.

Toni cantando acompanhado do violão, Klara ouvia com o olhar perdido em algum ponto imaginário; o casal na cama em trajes íntimos, relaxados, sorrindo como moleques que acabaram de fazer travessuras; os dois sentados no sofá da sala, Klara deitada sobre as pernas de Toni, como se ouvissem música ou assistissem a TV; Klara e Toni na praia de Copacabana, ao fundo uma barraca e uma rede de vôlei.

E assim seguia...

De todas essas recordações, a que me fixou na memória é justamente a que expõe o semblante alegre de Klara, o ar expansivo, o sorriso feliz, os gestos de confiança. Todos os demais castigos que o destino já lhe impunha estavam obliterados pela obstinação de expor as vísceras, a alma de alguém que fazia questão de assumir uma felicidade, mesmo que fosse frágil, ainda que simulasse uma mercadoria comprada num supermercado.

Todos os dias em que Toni a encontrava algo de estranho e miraculoso ocorria. Uma espécie de maquiagem produzida pela mente tomava-lhe o corpo, então não mais era a Klara fraca, desarticulada, abatida pelo tratamento funesto: a pele fragmentada assumia maciez cremosa, a magreza tomava trejeitos a quem se alimenta com produtos orgânicos, em dieta permanente, os músculos se

recompunham, o colo torva-se ereto e o porte altivo se impõem de modo natural.

## 2 - COISA NENHUMA É POR ACASO

Como se um milagre se realizasse, Klara imaginou e viu se materializar, com todos os detalhes, bem ali na sua frente, a casa que ela havia desenhado na imaginação. Uma varanda pequena, um alpendre, um cadeira de balanço. Mais ao lado um lugar perfeito para armar uma rede de algodão e do lado de fora, encostado no muro, um caramanchão coberto com um pé de maracujá.

Rodeava a casa um terreno com poucos arbustos, mas que poderia servir para plantar alguns pés de pitanga, marmelo, acerola, goiaba, essas frutinhas que os passarinhos gostam muito e ainda dão um bom suco. Imaginou-se nas manhãs, caminhando por ali, sobre os tufos de grama ainda úmidos pelo sereno frio caído na madrugada.

Mas a casa estava fechada, não poderia vê-la... Dona Hortência, mais uma vez, atravessava os pensamentos com uma ótima sugestão:

*– Por que você não fica hoje aqui? Será minha convidada...*

*Amanhã iremos à casa da proprietária, Georgina que é minha amiga e terá gosto em vir mostrar a casa para você. Fomos vizinhas por muitos anos. Se ela não puder, por algum motivo, traremos as chaves.*

*– Obrigada, dona Hortência, mas não quero incomodar, é muito trabalho. Vou ficar, sim, porque encontrei o que imaginava e não quero deixar Itaipava sem estar tudo resolvido: alegria ou decepção, um dos dois será, mas tomarei a decisão final, não é? Posso muito bem ficar num hotel ou pousada perto daqui...*

*– Bobagem. Para que se deslocar daqui, se estamos bem pertinho da casa? Vai ser um prazer recebê-la. Daqui não se vê, mas, subindo mais um pouco, à direita, dobrando a primeira curva, fica a minha casa.*

*– É uma ótima ideia. Apesar de não me ter programado para pernoitar aqui, aceito a sugestão. Mesmo porque tinha em conta sair daqui com tudo resolvido. E vai ser de grande valia estar ao lado da casa. Tem certeza que não será um incômodo?*

*– Mas, acredite, não é trabalho nenhum. Vivo só há muitos anos com uma amiga, a Maria, que é mais do que uma simples empregada. Ela cuida de mim há anos. Ademais, meus filhos, noras e netos vêm me visitar de vez em quando,*

*nas datas festivas. Quando bate em mim mais forte a saudade – deu um sorriso – eu é que vou vê-los no Rio de Janeiro.*

Hortência sorriu, aproximou-se de Klara e agarram-se pelos braços, aconchegadas, como se fossem amigas íntimas há muito tempo. Encostada no ouvido de sua nova amizade, meio que sorrindo, sussurrou:

*– Você não sai daqui sem ser a minha vizinha mais nova!*

No dia seguinte Klara acordou com uma ânsia incontrolável. Não via o momento de ir até a casa, entrar nos cômodos, conhecer o jardim e o quintal. Hortência tinha saído cedo, mas deixou sua amiga Maria para cuidar de Klara, do café da manhã. Maria já estava informada de tudo. Cumprimentou Klara com a boa nova:

*– Estou sabendo que a senhora será nossa vizinha!*

*– Espero que sim, não está nada acertado ainda.*

*– Pois sim, que tudo de acertará. A Hortência tem uma premeditação que parece até coisa de magia. Mas não pense em nada disso: somos devotas de Nossa Senhora das Dores, patrona daquela igreja que tem logo ali perto do cemitério.*

O café da manhã era simplório, mas de deixar qualquer paladar confortável: pão francês fresco, manteiga – não margarina – *queijo minas*, bolinhas de pão de queijo, um pote com mel e outro com geleia de rosas. Completava a mesa um bolo de milho, dourado como uma coroa real, uma realeza que reúne simplicidade e fartura.

O ambiente trescalava o aroma agradável de muitos perfumes, como o cheiro que recende de um mercado de frutas, legumes e carnes, logo ao abrir as portas. O odor do leite fervido se misturava ao do café, da manteiga e do pão de queijo, ainda quentes. Esse conjunto todo fazia parte de um ambiente ainda maior que trazia na brisa leve da manhã os aromas do mato, de flores, frutas caídas, terra molhada.

Com a intimidade de quem fosse parte da casa, os passarinhos entravam na cozinha para bicar farelos de pão, de bolo e dos montinhos de xerém que Maria depositava no batente.

Klara, transpondo na imaginação tudo aquilo, se sentia como já estivesse em sua própria casa. O ambiente representava o ideal do que ansiou todo tempo. Era isso que queria e a realização estava bem ali ao lado. Por isso, seu coração

pulou, pulou mesmo, quando ouviu a voz de Hortência subindo os degraus da varanda.

*– Bom dia! Bons dias! – repetiu com a conhecida alegria. Estendendo as duas mãos para ampará-la, Klara fez questão de ser a primeira a cumprimentá-la.*

*– Então minha amiga, foi bem tratada? A Adélia a cuidou bem de você?*

*– Como uma rainha – respondeu Klara. Como uma rainha! E a senhora? É bem madrugadora, hem?*

*– Sim, sou de acordar antes do galo. Mas, antes de tudo, vamos parar logo com esse negócio de senhora pra lá senhora pra cá. Se quiser me chamar de velha, tudo bem, mas senhora não. Isso mais aparenta coisa de amos e súditos, cena de filmes do passado, enfim.*

*– Tá bom, respondeu Klara, Hortência, então! Quais as novidades? Encontrou a sua amiga Georgina, a dona da casa? Conseguiu pegar as chaves, hem?*

Hortência meteu a mão na bolsa como a procurar algo, para depois exibir, como um troféu, o chaveiro com meia dúzia de chaves penduradas. – Missão cumprida, milha filha, disse sorrindo. Missão cumprida.

Enquanto isso Maria arranjava num vaso com água o buquê de flores do campo que Hortência tinha trazido – era outra missão que jamais deixava de cumprir –, além de guardar outras coisinhas para a despensa. Depois, seguiram as três, para visitar a casa, a casa de Klara, como todas guardavam na mente.

Descendo ladeira abaixo, logo divisaram os muros baixos da casa e depois os primeiros degraus, que davam acesso à varandinha. Klara grudava-se aos braços de Hortência, enquanto Maria, tomando as chaves nas mãos, se adiantava para abrir o cadeado do portão.

Entraram juntas, esbarrando uma na outra, as três muito ansiosas. A casa aos poucos foi se exibindo, como uma caverna de tesouros ocultos. O ambiente era mais ou menos parecido com a da casa de Hortência, só que estava ainda vazio. Para Klara, porém, isso nada importava. Ela preenchia os espaços com ideais da imaginação.

Também ali predominava o reinado dos aromas, dos muitos perfumes, mas de modo diferente, ainda predominava o cheiro de mato, mais chegado àquele das fazendas das terras da sua infância. Essa ligação imediata fez-lhe refletir de como o Tio Zequinha gostaria de estar ali, por isso prometeu a si mesma fazer o convite logo quando chegasse ao Rio de Janeiro.

Foi inevitável encher a cabeça com as visões que Klara teve nessa manhã mágica. Também aqui os passarinhos se tornariam íntimos, fariam parte da casa, entrariam na cozinha, nos batentes das janelas, a bicar farelos de pão e bolo, os montinhos de xerém.

Visitou cada quarto vazio enchendo os vãos com as imagens que há anos se formaram na cabeça. A cama próxima da janela, com o vitral em cruz, onde poderia de novo assistir ao espetáculo das noites estreladas e – quem sabe – receber de novo a visita de algum grilo esquecido pela natureza.

A mesinha da cabeceira, guardiã de seus objetos mais queridos e íntimos, onde ficaria o copo de água, que um dia enterrou o mau sonho de morrer de sede no deserto, com a garganta seca.

Klara passava de leve a mão nas paredes rugosas dos corredores, entre um cômodo e outro, concentrada na concepção de seu ideal, anteviu como ficariam orgulhosas e bonitas, ornamentadas com os quadros e retratos, mesmo amarelados, que para esse fim guardara como um tesouro.

Ao fim daquela estranha aventura que foi passar em minúcias toda a casa, chegando à copa e cozinha, Klara respirou fundo e só faltou se derramar em lágrimas.

As amigas a acompanharam na comoção: como compreender que toda a existência, toda uma vida pessoal, poderia se realizar com tão pouco?

Como entender um universo que pode se concentrar na realização de um simples desejo?

A qualquer olhar mais despojado, aquele imóvel seria apenas uma modesta residência, mas não na eternidade de Klara.

Para ela esse fato – não mais uma quimera – é parte de uma fantasia, um projeto, até então imaterial, que estava sendo realizado.

E trazia na brisa – na umidade leve da manhã, nos aromas do mato, no colorido das flores, nas frutas caídas e na terra molhada pelo sereno –, o desejo de menina pedido na noite escura, diante de um espelho negro, tendo como testemunha um grilo barulhento.

### **3 - TÃO SOMENTE UMA DEDADA**

Essas lembranças vêm a respeito de uma irreverência de Klara. Aliás, como era mordaz em quase tudo que fazia, uma vez lancei-lhe uma das muitas frases que a gente inventava ao calor das refregas. Disse-lhe: “Não te preocupes, os gozadores não morrem de câncer”. Foi uma frase infeliz, embora dita ao tempo em que não se divisava, ainda, a tragédia que viria desqualificar a locução.

A irreverência em questão era: sempre que surgia uma oportunidade, Klara alardeava que tinha inventado um teste de controle de qualidade... do papel higiênico! Mas nem sempre essa informação provocava a reação esperada e, sem despertar curiosidade, a *inventora* voltava ao ostracismo. Quando, porem, alguém se interessava, Klara tomava conta do ambiente explicando, entre gargalhadas, o seu método.

O sistema consistia no seguinte: ao surgir uma nova marca de papel higiênico, ela comprava e fazia o seu teste no primeiro momento em que fosse usá-lo, no ato de – tal qual consta dos dicionários – *expulsar excremento* (na verdade ela usava a expressão vulgar *dar uma cagada*). No xixi e em outras exsudações, inclusive sexuais, o teste não valia.

Para obter a amostra de avaliação técnica – como gostava de dizer – o usuário tinha que seguir as instruções que Klara relacionava com certa maestria. 1) desenrolar o papel até contar quatro picotes; 2) dobrá-los quatro vezes um sobre o outro; 3) equilibrar o tanto emanado na ponta do dedo médio; 4) comprimi-lo, usando a pressão apropriada, na área de teste, qual seja: *o-olho-do-cu*. Se a operação fosse bem sucedida, obter-se-ia uma limpeza de cerca de 80%, logo na primeira passada, resultado que indica uma boa qualidade do produto.

Em artigo de boa qualidade tudo corria como o previsto e o teste morria no silêncio sepulcral do toalete, mas se o papel furasse e o dedo fosse arremetido, de repente, alguns centímetros para dentro do orifício anal, pronto: o estrago estava feito! Resultava que, não poucas vezes, tive de aturar os gritos de protesto, em geral acompanhados da presença ameaçadora e aterrorizante daquele dedão em riste, bem nas proximidades do meu nariz, a ostentar na extremidade a prova latente da baixa qualidade do papel higiênico!

Várias vezes ela tentou me convencer – acredito que seriamente – a fazer o registro de sua invenção junto ao INPI. Para isso me mostrava folhas e folhas de caderno com todas as observações e detalhes sobre a sua “invenção”. Mas, quando eu relatava as exigências a serem cumpridas, tais como, juntar desenhos ou fotografias, discriminar a operação com detalhes e até ser convocada para demonstrar o seu pedido de patente, ela parava de me provocar.

Outra reminiscência decorrente foi uma discussão que tivemos sobre o exame de próstata. De modo mais simplista, eu sempre saía favorecido quando desmontava as teses dela, argumentando que para a mulher era fácil exigir do homem tal exame, porque tem a vantagem de não ter próstata. Essa discussão, por outro lado, jamais se transformou em pilhéria, porque comecei a tratar como coisa séria. Cá comigo, entre as mil teses que invento, tem aquela em que acho que mexer na próstata – como ademais em qualquer órgão atacado por doença – é atizar o invasor e arremetê-lo ao assalto.

De fato, por falta de fazer esse exame os homens sofrem ataques violentos das *autoridades de saúde* e da área médica, não só alegando risco de contrair câncer, mas em geral acusando-nos de atitude machista ou preconceituosa. Compreendo a preocupação de Klara com a minha saúde, o quê a fazia reforçar os ataques contra mim sempre que podia.

Ela tremia na base quando eu ironizava as campanhas:

*– Isso é terrorismo psicológico, nada mais. Ademais, eles alegam que “o governo gasta muito com tratamentos”. Como é que é? “O governo gasta muito?” Parece até que o dinheiro sai do salário deles...*

Só quando mudei o enfoque assumido por essa poderosa máquina publicitária, que é a área médica, os ânimos se acalmaram. O mais grave é que ninguém se preocupa com o foco principal dessa atitude dita machista: na maioria dos casos de operação na próstata o paciente fica impotente. Ora, então é machismo e incorreto o homem defender a integridade de seu maior bem – o tesão? A maioria das cirurgias desastrosas resulta em impotência. Mas, apesar de todos os argumentos pró, volta e meia eu era acossado com a inquietante pergunta:

*– Como é? Já levou a dedada este ano?*

As pessoas não compreendem que o âmago da questão não é a dedada em si, mas o conjunto de razões que produzem sentimentos de repulsa, humilhação e impotência, como ser colocado em posição fetal, olhando pra lugar nenhum, saber-se exposto a qualquer ato contra o qual sua vontade é vã. Não é a dedada em si, mas a pressão desmesurada na próstata, dolorosa e angustiante, para depois receber um sorriso e um *“está tudo bem”*. Talvez os guilhotinados sentissem a mesma coisa...

Ora, além do mais, a medicina já avançou tanto em exames fotográficos, ultrassonografia ou de imagem, que é impossível não ter à disposição outras opções. Irei, até mesmo, mais longe: é inexplicável por que o homem não é instruído a fazer o autoexame da próstata – pois as mulheres não têm há muito o famoso autoexame das mamas e do corpo? Mas não. O homem, por ser

macho, tem de se submeter a tais questionamentos, ainda mais vindo de uma mulher:

– *Como é? Já levou a dedada?*

Agora mesmo, já faz dois anos que não levo a dedada (seja lá) no cu. Apesar de eu não ter nenhum plano de saúde, já me indicaram: – *Vai à Santa Casa, que você consegue rapidinho*. E fico sabendo que tem um médico muito bom que, mesmo beirando os oitenta anos, por algum trocado, faz o exame na hora. Quer dizer, ademais de sofrer a humilhação, ainda vou pagar para levar a dedada no cu, aplicada por um octogenário? Como diria o poeta: *“São por demais as agruras desta vida!”* Continuo crendo que é caso para a psicanálise.

Suponhamos que Freud tivesse um caso desses nas mãos. Em suas notas de estudo (ia dizer científicas, mas o Dr. Hans Eysenck alertou-me de que psicanálise não é ciência), Freud decerto escreveria:

*“O paciente X, tomado de incontrolável angústia, tem que fazer o exame de próstata (ou seja, levar a dedada). Mas, apesar dos múltiplos problemas de saúde que o procedimento irá prevenir, o paciente reluta e por fim recusa-se a fazê-lo”.*

A questão é: sob qual aspecto de suas várias teorias Freud encaixaria essa grave questão? As razões da recusa não afloram à luz da psicanálise e permanecem mergulhadas no inconsciente. E a perene fofoca entre o id, o ego e o superego, renasceria com todo vigor, pois, como se sabe, a psicanálise trata de esclarecer tudo que ocorre nesse buraco negro da alma que é o subconsciente. Neste caso particular, tudo pode não passar de piada, uma das muitas que se inventou, mas que hoje é considerada preconceituosa ou politicamente incorreta – para repetir as expressões da moda.

O certo é existir algum cantinho da psicanálise no qual se agasalhe as condições psicológicas decorrentes dos efeitos nocivos causados pela aplicação contínua e inconsequente de dedadas. Associação livre? Análise dos símbolos? Conflitos, ansiedades, neuroses causados ao id, ego e superego? Seja como for, há um vasto material psicológico inserido no contexto: resíduos de sonhos, atos falhos e fantasias, resultante de processos psíquicos e lembranças recalçadas, que só a análise da transferência ou a regressão inconsciente, poderão amenizar o traumatismo psicológico do ego.

Quem diria que uma simples incursão ao reto de um dedo médio, enluvado, com vaselina e esterilizado fosse causar tanto rebuliço às teorias freudianas! Mas foi a essa conclusão que o estudo de estágios pré-edipianos chegou, causando sensação e estímulo à catarse induzida dos neurônios,



experimentação natural alicerçada no controle da depressão, da ansiedade, da autoacusação, da fadiga psíquico-neurótica, que traz o exame prostático.

Para alcançar a psicogênese da dedada no cu, alguns teóricos recorreram à postulação das relações da libido com a realidade, aos delírios passionais, elementos falsos que levam a erros e ilusões – axioma sincero da fábula delirante – causa da maioria dos distúrbios sensoriais psicoafetivos, cuja cura se obtém com a terapia moral.

No entanto, nem as defesas morais e religiosas, nem as teses científicas, nem os argumentos éticos e curativos, nada, nada consegue negar que as ptoses – tanto a blefaroptose quanto a glossoptose (ambas gravíssimas) – são a causa da depressão que atormenta (e leva ao suicídio moral) os pacientes que passam a sofrer de disfunção erétil, total ou parcial, após as dedadas anuais. Resumindo: exame prostático no cu dos outros é refresco!

Se eu falei alhures sobre pesquisas na internet esqueçam, eu mesmo fiz. Só que fui encaixotado pelo Google (como disse o jornalista e escritor Alberto Dines: – Depois da internet, ninguém escapa da *google-dependência*), numa porrada de sites de sacanagem! Entre as mais variadas e estapafúrdias incursões sobre o tema (que incluíam a *dedada erótica* e o *beijo grego*), alguns expertos tiveram a audácia de afirmar que *a próstata é o Ponto G do homem!* Só se for do *homem*, porque do *macho* é que não é.

Antes de sair deste assunto explico aos ignorantes: *dedada erótica*, é aquela que a mulher aplica em você, de modo torpe e traiçoeiro, quando o clímax se aproxima (impossível defender-se); *beijo grego*, bem, é o mesmo que *cunnilingus*, só que aplicado lá mesmo no cu. Acho que deu para esclarecer.

Agora veja bem, caro amigo, ao disseminar a incrível descoberta de que a próstata é o *Ponto G* masculino, não temos mais nenhum argumento válido para defender a integridade anal! O seu cu terá de ser liberado para as mais diversas e indesejáveis agressões, sob a justificativa de pertencer ao circuito dos órgãos eróticos. Ficamos com a obrigação moral de liberar o reto não só para a dedada prostática, mas também a um (ou uma) qualquer que deseje “*propiciar algum prazer*”.

Ademais, daremos o direito de ouvir cabisbaixo e de orelhas murchas a fatal pergunta:

– *Como é? Já levou a dedada?*

Porém – graças a Deus tudo nesta vida tem um *porém!* – a viagem pelo país do Google não foi de todo infrutífera. Vejam a pérola que encontrei e que levo ao conhecimento de todos:

### **Estudo questiona exame para detectar câncer de próstata**

*A eficácia da Prova do Antígeno Prostático (PSA), exame habitual para diagnosticar o câncer de próstata, foi posta em dúvida por um estudo divulgado nesta quarta-feira pela Alta Autoridade de Saúde da França. A confiabilidade do teste, acompanhado do toque retal, considerado bom indicador para medir a evolução da doença, sofreu seu primeiro revés em 2010, quando a HAS denunciou que, aplicado à população masculina, em geral carecia de eficiência.*

*Agora, a autoridade a descartou inclusive para os indivíduos "de risco", apesar dos fatores de perigo conhecidos (idade, antecedentes familiares, origem africana, exposição a agentes químicos), a medicina não sabe nem o peso que tem cada um, nem como interagem entre eles. Por outro lado, a HAS constatou não ficar provado que as pessoas com maior risco de contrair o câncer de próstata, de evolução lenta, desenvolvam de forma mais grave ou com maior rapidez, para isso o diagnóstico antecipado também não é útil.*

*Finalmente, segundo o estudo, os pacientes que se submetem ao estão suscetíveis a receber "falsos positivos", que representa "riscos secundários", tanto de tipo físico, derivados da consequente biópsia para determinar se há câncer, como de tipo psicológico e sexual.*

*A HAS concluiu que, quem se submete ao teste, deveria fazê-lo "com conhecimento de causa", sabendo que "este exame em algumas ocasiões termina em operações ou irradiações inúteis, com duras consequências para a sexualidade e a continência de homens que ainda são jovens e ativos.*

Notícias más e notícias boas. Está bem, confesso, me faz falta a pergunta (às vezes oral, às vezes escrita) que Klara me gritava: – *Então? Já levou a dedada este ano?* Mas ao mesmo tempo dá um alívio não mais ouvi-la. E depois dessa novidade alvissareira, que dá chance de dialogar com o meu cu, passo-lhe o recado: – *Não desespere, ainda resta uma esperança!*

Ao chegar a este ponto, interpretar e entender a expressão "*falsos positivos*" fui atirado sem dó nem piedade àquela noite em que encontrei Klara na cozinha, recostada na pia com uma taça de vinho tinto *Pinot Noir*, refletindo nos lábios, mais encarnados do que o normal. A luz caía sobre seus cabelos negros e deixava os olhos na sombra. Os olhos brilhavam o lampejo que alimentava o sorriso de satisfação.

Quantas e quantas vezes repeti o mesmo gesto sozinho, desfrutar um *pinot noir* e repensar aquele dia, para enfim compreender que na verdade se comemorava um “falso negativo”, que nada mais é que o fruto doloroso de uma incompetência criminosa. Quando enchia outra taça, trocava um brinde irrefletido, olhar a taça contra a luz, admirar a cor de sangue seco, coisa que só a variedade *pinot noir* consegue oferecer.

– *Mas, afinal, o que estava comemorando?*

#### **4 - TIO ZEQUINHA, ADEUS**

A turnê de Toni tinha demorado mais do que previsto – como, aliás, todos nós mesmos tínhamos imaginado. Agora os convites e compromissos eram tantos que era impossível se prever o seu retorno ao Brasil. Após a participação em festivais na França, Espanha, Alemanha e Portugal, a viagem prosseguiu para Londres, Dublin, Glasgow e Birmingham. Como o contrato com os empresários não fixava limites – a não ser promover o grupo e obter ganho financeiro e promocional – o grupo tinha esticado a viagem para alguns países do leste europeu por mais dois meses antes de seguir para os Estados Unidos.

Todas as más notícias começavam a se acumular na vida de Klara, mesmo assim ela mantinha o otimismo e demonstrava estar feliz com o sucesso de Antônio Carlos.

Como ele mesmo detalhou em conversa com ela, a fama é efêmera, todos os célebres um dia se tornarão ilustres ignorados – melhor, pois, desconhecido e com algum dinheiro, que o contrário.

Ninguém obsteu que ele se aproveitasse do momento para se tornar conhecido, ganhar dinheiro e consolidar a única profissão que tinha.

Entrementes, chegou a Klara outra notícia triste: o Tio Zequinha teve infarto durante uma viagem e veio a falecer depois de quase um mês internado numa UTI. A informação veio de longe e picotada por diversas pessoas, das quais ela procurara ter conhecimento de algum detalhe. Também demorou a chegar, já tinha se passado alguns meses quando ela soube.

Não pôde fazer nada, senão pranteá-lo, chorar sozinha, além de, por um impulso espontâneo, vindo de origem sobrenatural, rezar todos os dias uma novena vezes com o terço de Fátima entre as mãos trêmulas.

Tio Zequinha era o mais doce, o mais fraterno, o mais compreensivo, o mais tolerante e perfeito amigo que teve. Apegado à vida simples do interior, Tio

Zequinha jamais perdeu o contato com o campo, mesmo quando das muitas mudanças que fazia.

Costumava dizer que se algum dia ganhasse na loteria compraria muitas terras e mandaria construir um grande sobrado à beira do Lago de São Bento.

Era conhecida a sua paixão pelos animais, a idolatria pela natureza, o ardor com que defendia a vida simples, o entusiasmo que tinha para manter a família e os amigos sempre unidos.

Tio Zequinha jamais ganhou o prêmio, mas conseguiu realizar o sonho de ter sua terrinha, no pequeno sítio os animais de criação, plantar um pomar com as frutas preferidas, manter o gado protegido num curral, beber o leite, a coalhada e o café que ele mesmo produzia numa modesta casinha para moradia periódica no campo.

Madrugador contumaz, antes das seis da manhã já estava na rua visitando as casas dos parentes e amigos, distribuindo frutas, doces, peixes, flores. Chegava em silêncio, deixava a entrega e saía quieto, para que ninguém o percebesse.

A sua identidade era a presença constante, a sua palavra era o presente, os regalos inesquecíveis, a sua lembrança era o sabor dos camarões, o perfume da jaca, a fragrância das mangas, tudo aquilo de bom que surgia de surpresa, invisível mesmo, na porta, encontrando apenas os serviços acordados.

E a falta que ele fazia quando tudo terminava.

Tio Zequinha era sabido por agir assim, sem anunciar o nome a quem o atendesse. Se alguém perguntasse quem havia deixado as encomendas, não saberia o que responder.

Talvez por isso, sempre que o encontrava, tinha a impressão de vê-lo com um cajado, como usavam os pastores para alimentar as ovelhas.

Quando comprou uma posse pequena na orla da enseada em São Bento e fez dela um sítio aprazível, sentiu-se plenamente realizado na vida. Ali Tio Zequinha plantou mangueiras, cajueiros, goiabeiras, jacameiras, bananeiras e com as fruteiras locais, criou um pomar muito a seu gosto.

Na sua propriedade botou dúzias de animais de criação no terreiro da casa – perus, galinhas, catraias, patos – e algumas poucas reses para ter o leite fresco diário, a manteiga batida no sal, o queijo branco, o creme de leite.

Nada em escala empresarial. Só pelo gosto de criar bichos, gozar os ares do campo e ouvir dos empregados as lendas de monstros e visagens. O deleite de montar a cavalo, beber cerveja, comer jeju frito, saborear a maciez amanteigada dos bagrinhos.

Tio Zequinha sentou praça no Sítio Canarana só para gozar o esquisito sabor do muçum ao leite de coco e pimenta, o arroz-de-jaçanã e tantas coisas que dão prazer ao baixadeiro.

Esses tais eram os encantos de Tio Zequinha. Era viajado, sim, porém, o seu xodó era a São Bento da meninice, das festas anunciadas com foguetes de taboca.

Pois não é que ele foi, sozinho, terminar seus dias exatamente na cidade aonde chegou? Ali foi criado entre os filhos do povo pobre, humilde, mas pacato, feliz e honrado da mais bela cidade do mundo, correndo em intermináveis brincadeiras pelo gramado natural da praça, aonde de noite se acendiam fogueiras com bostas de boi, para espantar as muriçocas.

Foi nesse ambiente que Tio Zequinha fez as primeiras letras, formando-se na escola e nos folguedos, arrebanhando as melhores amizades de sua vida.

Tio Zequinha, meu Tio querido, que me recebeu em sua casa, na primeira noite em que fui dada e chorava sozinha no quarto, faleceu fulminado por um enfarte.

Tio Zequinha era o melhor de todos os homens: foi jornalista, foi funcionário público, amigo exemplar, escritor culto – e já começa fazer uma falta enorme.

O seu corpo guarda definitivo repouso lá mesmo, em no Cemitério do Tupi, bem ao lado do campo de futebol onde tantas vezes vibrou de entusiasmo com as partidas locais.

Peço a Deus que perdoe os pequenos pecados que acaso tenha cometido e o deixe repousar, para sempre, numa casinha modesta, à beira de verde campina florida, ouvindo o bezerro saudar os dias, com o berreiro de fome do leite mais doce que existe no pasto do Sítio Canarana.

## **5 - CARTAS DA MINHA CIDADE**

*13 de agosto*

*Klara,*

Como te contei em carta anterior, aquele convite para viagem a São Bento foi suficiente para relembrar as redes incomparáveis feitas ali. E na lembrança elas não vieram sozinhas, mas acolitadas de cheiros, sabores e visões que sempre percorrem juntos os tempos de nossa vida, mãos ocupadas com maços de vassourinha, alimpando os empoeirados caminhos da memória.

E trouxeram consigo estórias, causos e lendas havidos e ouvidos. Muitos até recordam corpos envolvidos em finíssimas e sensuais camisolas de madapolão. Evidente que tu apareces em cada linha dessas histórias.

A rede é parte integrante do homem, como se fosse integrante do corpo: cabeça, tronco, membros e rede. Talvez seja por causa disso que o são-bentuense faz, usa e conserva a sua rede com tanto cuidado.

Assim protegida com tanto carinho, a rede pode ser armada, que para isso ela foi feita. Mas não se arma rede assim sem mais nem menos. É necessário observar as regras mínimas para que se possa desfrutar bem delas.

Primeiro: os armadores devem estar a cerca de um metro e oitenta do piso e a uns três e cinquenta de distância um do outro.

Rede para criança fica na altura dos cotovelos da mãe, para facilitar a lida de troca de cueiro.

Já a rede de velho não deve ser armada a mais de dois palmos e meio do chão, que é pro velho não se machucar muito, se cair.

Em seguida, nada de se sentar em apenas uma beira da rede. Pelo menos na primeira vez. É prumode a rede não ficar pensa. Porque rede pensativa não dá descanso nem para defunto.

Aqui, bem te lembrás, o dia começa cedo. Antes das cinco horas, vultos de corpos dissimulados pela bruma da madrugada já estão na lida do curral, na tiragem do leite para o café com farinha, a coalhada, o queijo.

O resto do dia flui lento no trabalho duro. Descansar mesmo só de noite, depois do banho tomado à beira do poço, um bom prato de bagrinhos e jejus cozidos, caldo apimentado e farinha biriba, às vezes com um pouco de arroz pilado pelas mulheres.

Aí vem o café grosso, torrado com açúcar para puxar o sabor do fumo-de-molho picado e enrolado na abade.

Pronto, afastadas as pragas com a fumaça de bosta de boi seca queimada, é deixar o corpo cair na tapuiranas que o sono chegava de mansinho.

De noite, as almas penadas, as visagens, os maus espíritos continuam a assediar a pequena aldeia e obsidiar o seu povo cheio de credices. Nisso São Bento não mudou nada...

Tem tempo que as crianças choram dia e noite de medo. Não vão à escola, não passarinho, nem armam arapucas nos matos.

Tu mesma – me lembro bem – eras uma medrosa de diploma, só largavas a minha mão quando o sono te derrubava por completo.

Essas crises temporárias deixam os párocos loucos.

O medo vira pavor. Então, os moradores de São Bento pegam a rezar ladainhas e novenas, a fazer benzedura, a acender vela.

Chegaram mesmo a construir uma capela com enorme cruzeiro de pau d'arco roxo à frente e foram chamar o padre de Pinheiro, para enviar aos céus missas concelebradas durante três domingos seguidos, mode debelar aquelas forças demoníacas.

Como vês querida prima-sobrinha-irmã não muda quase nada em nossa terra querida...

# NOVE

## 1 - DENTRO DO VENTRE DA NOITE

Somente após o filme das dez horas acabar, Klara levantou-se para dormir. Antes havia ainda todo aquele ritual de fechar as portas e janelas, arrumar as cortinas, passa em revista os cômodos secundários, cozinha, área de serviço, banheiros.

Antes de deitar-se para dormir nada haveria de estar fora do seu lugar: louças, talheres, toalhas, copos – tudo, tudo iria parar no seu devido espaço, e até alguma coisa fosse para ser antecipada para a manhã seguinte – ritual consagrado pelo tempo, nada sobrando para que se pudesse mudar.

Agora viria a segunda parte, mais íntima, que era aquela missa que todas as mulheres celebram para si e para seu tempo: cuidar da pele, lavar-se e enxaguar-se, fazer as necessidades, a higiene pessoal, tudo numa sequência que culminava com a aplicação de uma película de creme em todo o corpo e uma máscara facial.

Então, como desfecho, o ritual simples e sublime de aspergir em algumas partes do corpo um perfume de tal modo misterioso, cuja única função era despertar o terror erótico no macho adormecido – não só fisicamente entorpecido, mas que estivesse narcotizado para o sexo inesperado.

Antes de sair do banheiro Klara apagou as luzes para não incomodar o sono de Toni, cuja presença em meio à semiescuridão era pressentida pelo respirar ritmado numa cadência simétrica.

O corpo negro e nu de Toni sobressairia de qualquer maneira àquela penumbra devido ao pano de fundo oferecido pelo lençol branco, cuja alvura espraiada em dobras pela ampla cama servia de intenso contraste.

Sem nem mesmo preocupar-se com qualquer vestimenta, ela flutuou o corpo para se deitar ao lado dele, perfazendo assim um quadro que ninguém haveria de registrar, apesar de se repetir a todo instante.

Dois corpos nus, uma cama, pálpebras fechadas em sono profundo, naquele momento vigiadas por olhares arregalados que ainda tentavam traduzir a escuridão, dissipar a névoa, localizar pontos de toques e carícias.



Foi assim. Klara começou tateando aqui e acolá, por intuição, os mamilos de Toni eriçados no peito arfante, o umbigo marcando limites no ventre musculoso, os pelos curtos do púbis, o membro, as coxas.

Toni sempre chegava assim fatigado e Klara já havia se acostumado a tais desmaios, portanto sabia que suas mãos não seriam sentidas senão muito tempo depois.

Com todo tempo do mundo Klara usava as mãos com a perícia de um cirurgião, percorrendo alguns pontos do corpo de Toni determinados pela reação nervosa, até certo ponto devassas, com a delicadeza de uma massagista oriental invadia as reentrâncias carnis, distribuindo os toques libertinos, as carícias lúbricas com a mesma leveza de um chumaço de algodão.

Toni não despertara em nenhum momento. Mas o seu corpo não estava de todo insensível, ao contrário, reagia impudico, por instinto abria-se em porteiros para deixar livres as mãos de Klara.

Um leve suor recobria a sua pele, exalando, por onde quer que fosse, o odor e a postura lasciva, aromatizando o ambiente com o cheiro bruto fabricado pelas glândulas que reproduzem aromas carnis, exclusivos para aquele momento, impossíveis de se guardar em vidros.

Foi assim que Klara trepou sobre Toni e cavalgou por um tempo demorado, indeterminado, salteando em leves ondas, vagas diminutas que apenas arrefecem à beira da praia, sem provocar escarcéus, flutuando mesmo, exaurindo-se também em suores que escorriam ventre abaixo, até o momento em que um clarão relampeou em seus olhos, a fronte latejou, fez-se um silêncio repentino.

Aí então, sim, as suas unhas feriram o peito de Toni, ele despertou arfando, num impulso suas mãos apertaram os quadris da mulher que sabia estar sobre ele, desta vez sem conseguir – ele também – refrear-se, ajudá-la na montaria, corcovear, explodir, até Klara finalmente apear do corpo inerte.

As malas de Toni estavam arrumadas, prontas para o viajante, dispersas pela sala. O sexo sabe deixar o amor pendurado no cabide. Quem faz sexo não faz amor, nem mistura os dois.

Mas fazer sexo amando é bem como um trunfo guardado para a grande jogada. Ninguém é capaz de adivinhar como a mística vira se realizar. Nem quando será a última vez disso ou daquilo.

Klara tinha esse instinto cigano impregnado em seu viver, sem saber de onde tinha herdado. Por isso ela deixou, assim, sexo e amor dependurados num cabide imaginário quando tomavam café naquela manhã ensolarada.

Nem ela nem Toni nem ninguém seria capaz de imaginar o que viria a seguir. Apenas se despediram.

## **2 - ENQUANTO SEU LOBO NÃO VEM**

Ainda consegui marcar com Toni um almoço. Depois disso seria pouco provável que a gente se encontrasse. Na verdade o almoço falhou e acabamos nos encontrando ao fim da tarde. Coloquei a situação para ele: as cinzas de Klara não estavam mais no cemitério São João Batista, aliás, em cemitério algum. Foi pedido dela, expliquei. Mas Toni também tinha conhecimento disso, porque ele conseguiu resumir para mim seu último encontro com Klara. Ele me contou como foi.

A derradeira vez que a vi, foi quando aproveitei uma breve escala no Rio de Janeiro. Por um problema na companhia aérea, os passageiros tiveram de pernoitar no Rio. Fomos todos para o Hotel Othom que fica bem pertinho do apartamento dela. Depois que deixei os colegas, ao fim da tarde, lá fui ver Klara. Fiquei um bocado de tempo. Ela não conseguia mais se levantar tão fácil e andava pouco.

*– As minhas pernas estão moles, bambas, como as de uma boneca de pano –* ela dizia.

Ajudei-a a ir ao banho, deixei que a água morna molhasse todo o seu corpo. Depois participei do ritual da massagem com um creme feito especialmente para ela. Ela mesmo se massageava e só pedia para aplicar nos locais de difícil acesso. O creme, que ela usava em abundância para esconder as ranhuras da pele ressecada, tinha um perfume almiscarado, lembrando fragrâncias orientais.

Depois desse ritual, até que ela se alimentou bem: comeu uma salada de frutas que inventei na hora, em seguida bebeu dois copos de suco misturado com soro, após isso se deitou, de lado, com os joelhos dobrados até a cintura. Logo Klara respirava em cadência, vi que estava cochilando, eu aproveitei para relaxar também, diminuir um pouco o cansaço das múltiplas viagens, como você bem sabe.

Tirei os sapatos, estiquei-me de corpo inteiro ao lado dela, consegui relaxar um pouco, usando todo o comprimento da cama. Fechei os olhos, a noite chegou e o quarto refletia os fios de escuridão que atravessavam a cortina de voll,

transparente, com um linho estampado ao fundo, bem simples como ela sempre escolhia. Eu estava com a cabeça vazia: não sabia o que pensar além daquele momento encontrado ao acaso.

Virei o corpo no mesmo sentido do dela e pude ver como Klara tinha emagrecido, estava praticamente com a metade da massa corporal. Seu corpo bem formado, que refletia ainda os efeitos dos exercícios que sempre fez, ora em academias, ora nos parques públicos, deixava à mostra as partes extremas do esqueleto.

A cabeça, pequena, redonda e lisa, teve os poucos cabelos aparados à máquina antes que o tratamento quimioterápico provocasse a queda total. Onde estavam agora todos os parentes, onde estavam as amigas, onde estavam os vizinhos, cadê essas pessoas – muitas das quais encontrei ali pedindo isso, exigindo aquilo, sempre explorando o lado prestativo que Klara possuía por natureza?

Apenas a empregada Adélia continuava fazendo o seu trabalho cotidiano, cuja jornada terminava às cinco da tarde. Nada podia fazer pela amiga. Ela, que se cercava de bênçãos, rezas e santinhos para se proteger, se via desamparada, impotente ante a amargura de Klara.

*– Ninguém conhece essa doença. Ela vai corroendo aos poucos, por dentro. Corroendo, corroendo...*

Essa intimidade com a doença só era cabível dentro de uma convivência pacífica. Adélia, agora que Klara começava a perder os movimentos, esforçava-se cada vez mais: controlava o horário dos remédios, forçava a barra na alimentação, cuidava com rigor da higiene pessoal, muitas coisas, enfim, que somente uma técnica em enfermagem saberia fazer. Apesar de que, com tudo isso, o seu trabalho dobrara em quantidade e responsabilidade, Adélia cumpria com dedicação extrema, pois Klara – cuja generosidade não tinha limites – sempre a fazia sentir, não como empregada, mas como pessoa integrante da família.

Ao fim do dia, imagino o quanto Adélia deveria se sentir extenuada, o corpo se dobrando ante o cansaço. Era Adélia quem atendia sempre os meus telefonemas nervosos, agitados pela ignorância, dados à distância e pela ânsia de saber como Klara estava de saúde ou no tratamento. Adélia também sempre teve a sutileza necessária para me dar as notícias exatas e reais, mesmo com a admoestação de Klara para que amenizasse a verdade.

Devo ter cochilado um pouco, porque despertei com algumas palavras ditas por Klara em sussurro, em sonho. Não entendi nada, mas imagino o que seria dito, o

que se passava na mente dela, tendo sofrido da vida a pior das reviravoltas pelas quais um ser humano será capaz de passar e suportar. Merda!

Fui à cozinha e bebi um copo de água, preparei também um pouco de suco e outro copo de água para Klara. Quando voltei ao quarto ela estava recostada na cabeceira da cama, arrumara dois travesseiros para que apoiasse as espáduas, colocou os óculos e até sorriu o sorriso possível. Adivinhei quanto ao suco e à água, tudo Klara agradeceu apenas com o olhar.

O semblante dela já refletia o conhecimento que tinha da preparação para a despedida, que eu sempre tentava compor da maneira mais natural possível, mas esbarrava sempre na dor natural com que os adeuses contaminam o ambiente.

A fisionomia dela gravou aquele misto de *‘sofro um bocado, mas finjo que não padeço, mostro que aguento mais um adeus, que ainda tenho forças para suportar a solidão, que a tudo tolero e ainda sei me comportar como uma boa menina’*... Eu estava bem sabedor dessa expressão, que muitas vezes era acompanhada de lágrimas furtivas.

Esse também era um momento que me deixava chateado, causava irritação, me deixava com a cabeça azucrinada. Na minha profissão o que mais incomoda e deixa quase todos aborrecidos é esse vai e vem, pula e salta, sobe e desce de ônibus, entra e sai de aviões, maratona que deixa não só o corpo extenuado, mas também fere a alma, deixa a cabeça moída.

As horas se foram sem sentir. Passava da meia-noite quando saí. Peguei a Avenida Atlântica e fui caminhando a passos vagarosos, tentei inspirar o vapor da vasa que vinha do mar, mas meus pulmões se recusaram a sorver o ar.

Quando fui dormir os sons chegavam ao quarto filtrados, mas ainda carregavam uma estranha miscelânea, intercalando o ruído das ondas que quebravam nas areias com o zumbido que urrava em meus ouvidos.

### **3 - UMA CLAREIRA NA MATA ATLÂNTICA**

Continuo repetindo histórias para tirar a nuvem de lembranças que cobre minha cabeça. Repetindo, repetindo, como se atendendo ao pedido de Klara: – Como foi? Conta! Conta! Gosto de saber tudo, desde o princípio. Até parece que nasci aqui há séculos atrás.

Pois sim... Quantas vezes repeti a mesma cantilena: Petrópolis nasceu de uma vila no início do século 18, com a abertura do *Caminho do Garcia*, feita para

explorar pedras preciosas. Garcia Rodrigues Paes, filho do legendário bandeirante Fernão Dias, foi também autor de muitas façanhas e aventuras, que varam o Uruguai, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Vale do Paraíba, Rio de Janeiro, até alcançar Minas Gerais. Aventuras que, como todos sabem, custou a vida de centenas de milhares de nativos brasileiros.

Essa era a história que Klara gostava que eu repetisse aos que visitavam o seu reduto em Itaipava pela primeira vez. Mas tudo isso se some da memória quando se inicia a subida da serra e logo chega à fase mais bonita, aquela que mantém viva e verdejante grande parte da Mata Atlântica original da Serra dos Órgãos. As copas das árvores se fecham altas por cima, desenhando um túnel natural, úmido, obscuro. A estrada sinuosa margeia pela lateral a Serra dos Órgãos, subindo em zigue-zague, em lenta ascendência, tendo como vizinhança velhas árvores de galhos deitados pelo alto. Os pedaços de troncos podres, caídos pela estrada, se multiplicam até chegar à entrada da cidade, vista desde ali, das portas da Casa do Alemão.

A vista panorâmica é uma paisagem de beleza!

Uma das primeiras alegrias que se oferecia era desembarcar na velha rodoviária, no centro antigo, parar no primeiro balcão para beber uma cerveja Bohemia, desfrutando aquele sabor distinto da Brahma e Antarctica, dominadoras do Rio de Janeiro. E só depois, sim, passear pelas ruas do centro de Petrópolis. Agora ainda faço esse antigo itinerário, mas com tristeza: trago comigo a urna branca de cartolina com o que sobrou de Klara.

Mesmo assim noto que, ao contrário do que havia previsto os seus projetistas, a cidade cresceu em desordem, deturpando o planejamento técnico feito pelos engenheiros Julio Köeler e Paulo Barbosa, em 1843. As principais atrações da cidade (Museu do Império, Museu Santos Dumont, Casa Stefan Zweig, etc.), estão protegidas e conservadas, mas o mesmo não se pode dizer do casario antigo. Muitos e muitos anos frequentei aquelas paragens acompanhado de amigos petropolitanos, que repetiam com ares de professores todos os dados históricos, como um rito de passagem.

Velhas residências próximas do centro comercial, cujo frontispício não dá ideia do interior soberbo, da superior riqueza na decoração e coerência de estilo, ornados com elegância, estão abandonadas pelos moradores: hoje abrigam empresas, bancos, repartições do governo, instituições mercantis. Sem a mínima preocupação de conservar o patrimônio, os imóveis estão alterados, restando de original mesmo só as fachadas. As casas comerciais tradicionais, símbolos da cidade, fecharam as portas, dando lugar a grupos comerciais modernos, mais poderosos. O que era tradição hoje é saudade.

Muitas vezes estive aqui, eu e Klara, tendo como obrigatório frequentar as casas de chás para o tradicional lanche, acompanhado de biscoitos amanteigados, de sabor único, com café das fazendas de Itaipava e Corrêas – coisas que tanto ela gostava! Tudo desapareceu, a casa de chá deu lugar a estabelecimentos de suco, refeições rápidas (*fast food*) ou pastelarias de chineses vindos de Taipei e Hong Kong, a maioria deles entrados ilegalmente no país.

Quantas vezes, depois de bater perna pelos becos da cidade, não fui parar à noite na Casa D'Ângelo (de irmãos D'Ângelo & Cia.), que sobrevive numa casa de dois andares de ordens clássicas, peitoris com medalhas de faiança, revestimento, estantes, móveis e cristaleiras em mogno negro. Apesar da tradição de servir chá da Índia com *torrada petrópolis*, na Casa D'Ângelo, eu dava preferência às terrinas de patê, queijo coalho, tipo suíço, pão de cevada, acompanhados com o excelente chope preto da antiga cervejaria Bohemia.

Seguindo para Itaipava para cumprir a parte final da missão que o destino impôs, avisto de longe a Pousada das Araucárias, ali pelas bandas de Corrêas. Lembro a pseudo-história dessa pousada que Klara me contou, sempre ouvindo minhas objeções quanto à veracidade da mesma. Aproveitando-se do que sobrou de uma clínica para tratamento das afecções pulmonares (abandonada por motivos óbvios), um casal de portugueses resolveu descansar a aposentadoria montando esta pousada.

Dizia mais: que foi ali que o poeta Manuel Bandeira – sempre em busca da cura para a tísica que o perseguiu desde a infância – escreveu os poemas do livro *Libertinagem*. De qualquer modo, acho que a história tem seu sabor, bem apropriado ao ambiente de clima poético. Como também acho vivificante o sonho do casal português de encerrar a laboriosa vida servindo aos outros, com o prazer de estar fazendo o que gosta, porque, maior que o retorno financeiro, devolve também o consolo emocional.

Respiro fundo. Daqui de longe vejo a Pousada das Araucárias no alto da colina, cortando a encosta, numa estradinha de pedras.

Respiro fundo porque estou a caminho de dar fim a um drama pessoal e pelo prazer de respirar o odor refrescante e místico das espécies nativas, os ipês, as araucárias, o ar fresco que sopra nas médias altitudes. E também pela alegria alegórica que traz o gorjeio das aves, o grasnido das aratacas e como tudo isso penetra de chofre na gente de modo inexorável.

Ainda tenho espaço no cantinho das lembranças para lembrar era para cá que Klara fugia com Toni para passar dias de completa solidão e prazer a dois, livres das raízes preconceituosas alimentadas pelo subconsciente, subtraindo toda a

energia de seu reacionamento, como as plantas parasitárias espalhadas nas copas sugam os nutrientes das árvores que as hospedam.

Agora não mais, mesmo quando tentei localizar Toni para convidá-lo a participar do último ritual, não tive como, nada mais me ligava àqueles anos de breve relacionamento, nem mais o seu nome era assim tão conhecido. Sua carreira artística tinha se reduzido a aparições em que se tentava refazer um momento, uma época remota.

Vejo uma nuvem cinza, quase branca, que vai se espalhando desde logo pelos vales ainda verdes de Itaipava. É a névoa que se incorpora à própria natureza de modo casual. Acompanha o fumo alvo que sai da terra fria nas manhãs. Mistura-se em partículas aos fios da água que escorre das árvores durante a madrugada.

Sinto-me grudado à umidade, minha camisa cola à pele como se fosse uma coisa só. É tão difícil imaginar que pouco mais de uma hora distante do Rio de Janeiro, do ar opressivo enfumaçado pela poluição, se possa respirar e usufruir ambiente quase pré-histórico.

O sol perpassa a candeia pela urna num abluo de luz, flores dispersam o aroma de sésamo, Klara está vestida pela brancura do ambiente. Os pés imaginados em direção ao sul, a cabeça no rumo do norte. Estão soltas as algemas terrenas: fogo, ar, terra e água voltam às esferas. O esqueleto em pó é quebrado. A essência dela flutua, o olor de sândalo voa, queimam folhas de murta, o aroma de cânfora se dispersa na vegetação, as cinzas, em leve fumaça azul, as cinzas caem, irrigam a terra, o ar, a água.

Então é assim que termina o mistério da vida, sem o realismo vigoroso da cidade, sem a poluição dos ruídos e da fumaça, sem a eloquência da sociedade formal. Apenas a majestade natureza, pequena e bonita, sob a decoração suntuosa da mata – isso é o que imaginamos que Klara gostaria.

#### **4 - A SÓS COM NINGUÉM QUE CONHEÇA**

Klara acordou com o minúsculo ruído que a brisa fazia na cortina da janela. Era imperceptível ao ouvido comum, mas foi esse som que a despertou. O quarto estava embebido em uma luz cinza, raios azuis se mesclavam com as faíscas cintilantes com que o sol clareava o ambiente, como pequenos relâmpagos. Seus olhos refulgiam a cada clarão, fazendo com que desviasse a vista para os cantos mais escuros do quarto. Sons e ruídos estranhos doíam aos ouvidos.

Ela estendeu as pernas longas em direção à borda do colchão, a muito custo conseguiu se sentar como sempre fazia, mas desta vez só logrou com muito

esforço e dor. Aprumou o corpo com os dois braços e ficou em posição de levantar, mas nada deu jeito. As juntas latejaram com um estalido seco, ela tombou de joelhos no chão, como se fosse rezar. Ficou na mesma posição por um bom tempo até que mentalmente resolveu:

“Hoje não me levanto. Fico deitada até não poder mais”...

Um som menos agressivo vinha de um rádio, quase inaudível, pequeno, atravessando a área dos fundos do apartamento. Músicas, publicidade, notícias de crimes narradas em tom sensacionalista. Era um programa popular que começava ao meio-dia, bem sabe. Já descansada voltou à cama apoiando-se nos cotovelos ossudos. Com o auxílio das mãos, arrumou as pernas, estendidas ao longo do colchão, porque naquele momento tinha descoberto que os membros inferiores não obedeciam mais.

Alcançou o travesseiro e ficou estática ouvindo os ruídos e sons que toda manhã enchiam o seu quarto. Vinha da rua adjacente o som, estridente e explosivo, dos veículos que passavam a caminho do túnel, onde mergulhavam velozes levando também o barulho excessivo. Logo abaixo da sua janela os vizinhos passavam em direção à praia. Se estivessem acompanhados de crianças, era certo que a algazarra alegre, os gritos e os risos deles serviriam de anúncio que o dia estava ensolarado e a praia convidativa. Talvez fosse domingo, feriado ou tempo de férias.

Afastou o lençol de lado e viu seu corpo, nu e magro, estendido como uma toalha na areia. Os ossos sobressaltavam-se emergindo da pele alvacenta e o ventre chato. Um tufo anormal de pelos negros, uma touceira de capim, servia apenas para mostrar a inutilidade de tudo. Logo abaixo do queixo viu os seios esparramados.

“Nunca amamentei ninguém”.

Um dos seios era natural, guardava o caimento da idade, mas sem elasticidade alguma; o outro ainda mantinha certa altivez – era de silicone – tinha substituído o outro, vítima de mastectomia. Suas axilas coçavam, devido aos cabelos negros que cresciam e retomavam a posse do seu lugar.

O guarda-roupa laqueado de branco havia sido deixado com algumas portas entreabertas e o perfume almiscarado que guardava entre as roupas exalava leve pelo ambiente como um incenso. Olhou para o teto e viu que o lustre redondo como uma bola apontava direto para seu umbigo. A estante encostada na parede à direita da cama, que servia para guardar as cartas e fotografias, agora era depósito de roupas usadas e mal cheirosas.



Klara sentiu um fio de líquido quente correr entre as pernas: estava urinando. Afastou-se para o lado alguns centímetros, apenas para evitar que seu corpo ficasse sobre a parte da cama molhada pela urina. Resignada, deixou tudo em seu lugar, não pensou em fazer nada, nenhum esforço, para mudar aquela situação. Ouviu mais uma vez o grito das crianças indo a caminho da praia, o barulho dos carros, buzinas, derrapagens, freadas. Cansada de tudo fechou os olhos determinada a esquecer de todas as lembranças, apagar da memória os meses, as semanas, os dias. “Hoje não levanto, não acordo, não vivo. Fico apenas deitada, nada mais”.

O cheiro de maresia percorreu os duzentos metros que a separavam do mar e naufragou sobre suas narinas. Klara sorriu. Seu corpo encolheu cinquenta anos, a praia se estendeu num areal imenso, a água morna embebia seus pés e respingava nas pernas, nos ombros, no rosto, arremessada pelo vento. Toda aquela praia era sua, pois estava só. Os adultos estavam lá longe, debaixo da barraca, conversando, soltando risos, bebendo cerveja. Os primos e primas corriam na areia, deslizavam escorregando pelas dunas, seu único irmão viajou para longe – como agora o sonho viaja.

Klara estava só e livre para violar todas as regras: urinava na areia, provava água salgada, espremia os tatuís, os bichinhos da areia, nas mãos, quebrava conchas em picadinho, gritava palavras proibidas, que só o vento ouvia – merda! não quero! merda! não faço! merda! não obedeco! Esfregava os dedos entre as pernas e cheirava, lambia. Se quisesse faria cocô ali mesmo, como um dia já fez. Ninguém repara, ninguém saberá, ninguém reclama. Era a liberdade de pecar e não ter obrigação de confessar as culpas a quem quer que seja, nem a padre nem a pastor nenhum!

Mergulhada em tais pensamentos veio-lhe a lembrança do primeiro namorado, um garoto da escola que mostrou a ela os pelos, a fez pegar seu membro, acariciou os seios que mal apontavam, beijou na boca, chupou os lábios, meteu a língua entre seus dentes. Foi dele que ouviu pela primeira vez o pedido: – Chupa! Foi dele que sentiu a primeira dor, quando enfiou o dedo entre suas pernas, mostrando o vermelho do sangue. Foi ele quem abaixou suas calcinhas e a beijou demorado ali onde ninguém havia posto a boca.

Depois ouviu muitas vezes o mesmo pedido, às vezes ordem, de parentes, amigos, adultos, colegas da escola: – Chupa! – Chupa! E também a sensação de impunidade quando viu que podia meter o que quisesse entre as pernas sem que sangrasse. Usou os mais inviáveis objetos para acordar as sensações que só desse jeito conseguia: lápis, banana, cabo da escova, tudo que fosse pontudo, agressivo.

Outras vezes apenas deixava o chuveiro escorrer, antes do arrepio, a mesma água morna das praias da sua infância. Agora se viu transportada àquela praia imensa e deserta que era o campo da sua liberdade, o local das extravagâncias, o espaço de desrespeito às normas e às regras. Seu corpo encolheu, mas agora era o frio do vento que enrugava a pele molhada, entre arrepios e tremores.

A praia se estendia em areal imenso, mas a água morna que embebia os pés agora estava gélida. Klara tremia, o gelo respingava nas pernas, nos ombros, no rosto, ela se sentia atirada ao vento, numa imensa geleira.

“Klara, Klara!”

Ela fingiu que não estava ouvindo. Assim poderia ficar mais tempo sozinha entre o sonho e a liberdade. Depois teria que retornar para a prisão, dissipados os sonhos, perdida a liberdade.

“Klara, Klara!”

Enfim, teria de chegar a hora que não poderia mais se fingir de surda. Ouviu mais uma vez seu nome ser repetido, desta vez por várias vozes distintas, aflitas com a alma absorta que tomava conta de seu corpo.

“Me deixe, me deixe, hoje quero dormir, só quero dormir”.

Mas foi inútil. Klara entreabriu os olhos e viu o quarto cheio de vultos, gente que se multiplicava em dobro ao seu olhar cansado. Sentiu um cheiro estranho, olhou para os lados, estava deitada na cama misturada a urina e fezes, sobre o ventre acumulava-se um líquido verde, que corria da boca. Onde estavam os seus primos e primas? Alguém para me socorrer? E as amigas da escola? E o padre? Bem que consentiria se confessar hoje.

Homens vestidos de branco se aproximaram da cama, ela nem sentiu a leve picada na coxa, viu a cadeira de rodas. Não saberia o que fazer ante tanta confusão. Sempre foi assim. Nas horas de aflição ela se sentia despedaçada, extraviada, naufragada. Uma nave soçobrada que havia sumido nas ondas revoltas, uma alma desgraçada pela desventura, infelicitada pela solidão. Não, não sabia o que fazer, era muita confusão para sua cabeça, sempre foi assim: nas horas de aflição só tinha a mãe como refúgio.

Pois quando se abriram as portas da ambulância ela olhou para trás em busca daquele um rosto amigo, um olhar conhecido que viesse em seu socorro, alguém para salvá-la das ondas, do afogamento, e gritou:

“Não! Mamãe! Não! Mamãe!”

## 5 - CARTAS DA MINHA CIDADE

*29 de agosto*

Klara,

Não é sopa a vida moderna. Por isso, sempre que posso, corro para terra dos peixes e das aves do campo, quintuplicados pelo milagroso padroeiro da cidade. Não adianta ficar fazendo de conta que está vivo, neste céu de lama, pútrido e abjeto.

É vida em que o olhar melancólico para o oceano cheio de metal embarcado que nos foge, vai enriquecer outros povos mais felizes? É vida o eterno esperar o improvável dia que abrirá as latas do comboio dos desvalidos, as portas para o trabalho digno, as janelas de folhas despregadas, os telhados sem goteiras, a libertação do espírito para a velhice?

Pelo menos, por enquanto, felizmente tem um barco que sai todo dia para São Bento. Resolver, não resolve porque não é possível fugir nele para sempre, nas as velas coloridas asseguram que do outro lado da baía há vida. Decerto, não tão venturosa quanto merecem os filhos de Deus.

Mas tem homens sobre cavalos, varejando canoas, no meio de um verde vivo, sem a solidão opressiva da multidão enlatada nos trens que descem dos subúrbios da cidade grande. Gente livre que comunga tempo, água, vida, ar, verde e azul com animais que apascentam na paisagem sem fumos tóxicos.

Tem o voo das aves no ilimitado campo que nos liberta das algemas invisíveis e rompe liames imemoriais que aprisionam os homens. E há aquele cheiro de café torrado subindo por entre as telhas, filhas morenas da doce argila dos barrancos. Há a maciez da talhada de queijo, o sabor gordo do leite das novilhas, o perfume dos peixes roliços cevados nas enseadas, a farinha e o caldo de pimenta na mesa dos amigos, gente que – ali sim – está cheia de vida.

Junto a eles, vou fazer pedidos e orações para mim, para ti e bendizer a santa proteção que recebemos dia e noite. Desde o alvorecer peço bênção à Vila de Nosso Senhor com o seu cajado, o Livro das Regras às mãos, na constante vigilância do sono, do trabalho e da formação espiritual de seus afilhados.

Nesta sexta-feira, de manhã bem cedinho, vou tomar o barco, entre os saudares das gaivotas alegres e o canto dos marinheiros, em busca da vida. Por uns dias? Que seja! Quem sabe não te encontro no meio do caminho?

Beijos do Tio Zequinha.

*Rio de Janeiro, Cachambi, 26 de dezembro de 2014.*

# ANEXO

## O CADERNO DE CHIARA KLARA CLARINHA

*(Procurei copiar igual ao original, mas a umidade e o mofo deixaram parte do texto quase ilegível). SR*

\*\*\*

Um belo noivado, muitos dias felizes, algumas discussões, mas discussões inteligentes, por questões de somenos.

Recomeçamos a frequentar o nosso ambiente social, nosso clube, nossos teatros, nossas aulas sobre artes, nossos cursos de línguas, mas sempre juntos. Éramos apontados como o caszinho mais simpático e mais unidos.

Boas e más companhias aquelas que tivemos. Aquelas ficaram, estas se foram e nós atravessando a vida e o tempo. Marcamos a data do nosso casamento. Participação a todo mundo e a toda a família. Maiores compromissos, maiores responsabilidades. O mundo seu e meu, éramos eu e você.

\*\*\*

### CARTA

Querida, no transcorrer desta carta, tive ímpetos de abandonar tudo, de não escrever, de não acreditar na verdade, de sentir que tudo é um sonho, um pesadelo. Por que foi acontecer aquilo, meu Deus? Sinto a garganta embargada, o suor correr-me pela fonte, a dor em meu peito aumenta.

Por que você não me avisou do que estava se passando? Como você pode ser tão volúvel a esse ponto? Onde você estava com a cabeça?

Lembro-me agora de um sonho. Uma rua comprida, casa todas iguais, muitas arvores, ninguém na rua, só você subindo a ladeira e eu correr atrás. Por mais que eu corresse e me esforçasse em gritar não conseguia emitir um único som.

Lá em cima um homem a esperava. Abraçaram-se, beijaram-se e eu tentando alcança-los e vocês nem sequer olharam para trás. Tentei gritar novamente e outra vez nenhum som escapou. Cai no chão desesperado, chorando e vocês seguiram, foram para longe, desaparecendo...

Várias vezes tinha esse pesadelo. Recorda-se do que me disse certa vez?

Na realidade, os sonhos revelam certos mundos íntimos. O seu medo de que possa acontecer alguma coisa entre nós, faz que seu subconsciente trabalhe, enquanto você dorme e produza pesadelos como este. Lembra-se de Freud? Explica isso muito bem. Não tenha medo, meu bem, nada existe para que possa atemorizá-lo.

Certo dia você não apareceu ao nosso encontro. Telefonei à sua casa. Havia saído cedo e não tinha voltado. Ia encontrar-se com uma amiga. Esperei em vão. Desistindo de esperá-la no local do encontro, dirigi-me à sua casa. Às 11 horas da noite você desceu de um automóvel. A Glorinha estava junto e um homem também...

- Você aqui? Não recebeu meu recado? Imagine que a Glorinha vai ficar noiva desse rapaz e ele convidou-me para jantarmos juntos. Deixei recado lá no Clube, não lhe deram? É um absurdo, aqueles porteiros não servem nem para tomar conta do nariz!

Cheguei quase à uma da madrugada no Clube e você não havia telefonado em tempo algum...

Quando teria começado tudo? Quem era ele? Não me importa. Tudo passou. O Destino pregou-me uma peça e a Vida ensinou-me mais uma lição. Foram três anos perdidos? Não! Três anos ganhos! Três anos de felicidade, de amor, de sonho!

O que eu queria, entretanto, é que partisse de você a iniciativa de nossa separação.

\*\*\*

É madrugada. Do meu quarto vejo a cidade iluminada. Cai uma garoa, fina, espessa. É triste a cidade vazia, sem ruídos, sem gente, sem vida. A luz do abajur cai sobre minha mão. Treme... Treme meu peito, sufoca meu coração! Vou partir. Para onde? Não sei. Vou partir para algum lugar longe daqui, longe de você. Longe de todos os amigos.

Longe desta cidade, onde você vive, onde ele mora! Não respirar o mesmo ar que você e ele respiram! Ar pestilento de gente covarde que não sabe enfrentar os outros!

A cidade tão longe, tão cheia de coisas estranhas, de sofrimentos, de dor, de alegrias, de tristeza, de riquezas e de miséria. Homens e mulheres vivendo e morrendo. Crianças nascendo. Gente amando, gente traindo... gente como... você, como ele... Gente covarde e tola como eu... Assim é a cidade, assim é a Vida...

Hoje, com a experiência, com a perspectiva do acontecido, vi que estava errado. A teoria, a fria análise da inteligência, não coteja com a verdade crua da vida real e palpável.

Não imagina o caos, a dor de consciência tremenda que passei durante algum tempo.

Quero confessar que é no apogeu de todo o meu amor por você que desisto da caminhada. Sou um viandante cansado, doente, que deseja descanso e agasalho. Não pretendo continuar tão cedo. Se, quando me levantar, ainda a encontrar, quem sabe não continuaremos juntos!

Amo-a meu bem! Amo-a desesperadamente! Há dois dias sofro amarguradamente, antevendo-a longe de mim.

Amanhã escreverei a seu pai, desistindo de tudo. Não quero nada de volta. Guarde, inclusive, a aliança. Precisando de mim, seja para o que for, estarei ao seu lado.

Saudades e beijos daquele que sempre a amou. George.

\*\*\*

O TÍMIDO, SEGUNDO...

Uma juvenzinha: É alguém que não me diz que sou bela.

Um ciumento: É o único amigo que apresento à minha noiva.

Uma corista: É quem me aplaude desinteressadamente.

Uma vaidosa: É alguém que deixará de sê-lo.

Uma solteirona: É uma segurança.

Outra juvenzinha: É o companheiro que olha mesmo o filme.

\*\*\*

Desejo apenas o que possuo.

Uma generosidade ilimitada é a minha, mais ilimitada que o mar e mais profunda que o mar é o meu amor por ti.

Quanto mais te dou, mais possuo, porque são inexoráveis em mim a minha generosidade e o meu amor...

(18) Romeu e Julieta (14)

\*\*\*

Para o amor não há idade nem tempo.

\*\*\*

Eu gosto das manhãs, pois em todas elas a Vida põe em minha janela um cestinho cheio de sonhos, estrelas e sorrisos.

*Clara - 19/4/1960.*

\*\*\*

## OTIMISMO

Sob o frio outonal, murçam as últimas flores e os pássaros se calam; mas eu sonho, eu sonho com os amores que nunca morrem.

Sob o rigor dos tempos, os lábios, que antes se beijavam, permanecem frios e afastados, já não há chama de paixão nos olhos adormecidos; mas eu sonho com os olhares de amor que nunca se apagam.

Sob a crueldade dos maus momentos, os que antes sorriam, soluçam agora, os amores se separam, as amizades que não se extinguem, eu sonho com os idílios que desafiam todas as adversidades, eu sonho sempre.

\*\*\*

## TROVAS

Bobo – ela diz quando falo  
algumas tolices a esmo...



– E tem um jeito ao falá-lo  
que até fico bobo mesmo!  
Teodoro Wanke  
Em teu desejo persiste,  
nada, porém realizes:  
que não há nada mais triste  
que o bocejo dos felizes!  
*Eugênio Rubião*

Árvore, és santa: os teus ramos  
baloçam ninhos de amor:  
és abrigo, e em ti achamos  
sombra, fruta, aroma e flor.  
*Belmiro Braga*

Um só gesto que conforte  
Vale, em vida, muito mais,  
Que chorar depois da morte,  
Pela ausência de seus pais...  
*Batista Nunes*

A trova é alma da gente  
Desventurada e feliz.  
Em quatro versos somente  
Quanta coisa a gente diz!  
*Lilinha Fernandes*

Coração bate de leve;  
Deixa os teus sonhos horríveis,  
Que um coração nunca deve  
Sonhar coisas impossíveis.  
*Belmiro Braga*

Feliz noite esta,  
A noite de São João,  
A gente pula fogueira,  
Solta foguete e balão.  
*Clara, S. Luis, 21/4/1960*

O frevo é dança quente,  
É dança de confusão,

Mas o frevo é só pra gente  
Lá pra fora não vai não.  
*Clara, S. Luis, 21/4/1960*

\*\*\*

MINHA PRIMEIRA POESIA  
Clara Rovedo,  
*S. Luis, 21/4/1960*

I

Um dia me deu vontade,  
De fazer não sei o quê  
Então peguei a pena  
E me pus a escrever.

II

As coisas que escrevi  
(uma poesia muito singela)  
Mas, como sendo a primeira,  
eu a achei muito bela!

III

Brasília foi a primeira,  
E compus, a 21 de abril,  
Data essa magnífica,  
Que nunca sairá do meu coração juvenil!

IV

E assim foi a minha homenagem sincera  
A essa grande maravilha,  
A essa beleza sem par,  
Que tem por nome: Brasília!

\*\*\*

A nossa vida é como a árvore: bem ou mal tratada, dá bons ou maus frutos.  
*Clara, 21/4/1960*

\*\*\*

A lua recebe a claridade do sol, o rosto, do coração. Camões

\*\*\*

A felicidade é uma fruta que não se deixa amadurecer. Diane

\*\*\*

Os momentos de sofrimento são momentos preciosos. Bosnet

\*\*\*

O pensamento é um diálogo que o espírito tem consigo mesmo.

\*\*\*

O amor é como a rosa: cheira, porém tem espinhos.

Clara, S. Luis, 16/8/1960

\*\*\*

No quadro-negro da vida,  
O apagador natural é o tempo.  
Ele apaga tudo afinal:  
Da alegria ao tormento!  
*Clara, S. Luis, 2/12/1960*

\*\*\*

## CARTA DE AMOR

Inesquecível Carlos (Márcia)

Esperei-o... esperei-o com ansiedade louca, sentindo no peito uma dor aguda a devorá-lo.

Veio a noite, noite mágica que me convidava a sonhar, esquecendo as injúrias de um falso amor. Em vigília, fitei o céu, a lua, as estrelas que brilhavam intensamente e via você, querido, a olhar-me com esses olhos tão meigos que venero...

Mais tarde contemplei o sol, as árvores, os pássaros que em revoada saudavam o amanhecer e via você, meu bem amado, a sorrir-me como só você o sabe, com esse sorriso cruel que me prende, fascina e que tanto adoro!

Olhei as grandes praias brancas bordejadas pelo lençol brilhante da areia...

Olhei a imensidade assustadora do oceano sem ... As ondas com seu rumorejar constante vinham beijar-me os pés, lembrando a mim que fora ali o recanto de sonho onde recebi seus primeiros beijos, meu amor.

Atarefadas em seu vai e vem constante, numa ansiedade bem igual à minha, falavam-me de nosso amor, desse amor desmedido e sincero que havia sido jurado diante delas...

Olhei-as mais e elas repetiram-me aos ouvidos as mesmas promessas de felicidade que um dia você murmurou. Aturdida, confusa, emocionada, olhei-as mais...

E aquelas águas claras, ora de tonalidades azul, ora verdes, turvas ou mansas, quietas ou nervosas, gritavam-me sua perfídia, sua terrível ingratidão, o olvido de todas as lindas juras de amor!

Diziam-me que você, Carlos, a quem amo com fervor de crente, apesar de sua maldade, diziam-me que me abandonara no deserto da saudade trocando-me por outro afeto, qual criança inquieta a correr de brinquedo a brinquedo.

Contavam-me que você mentiu cruelmente ao confessar um amor que não sentia no coração! Recordavam-me de tudo, tudo...

Sua bela figura de homem apossou-se de meu pensamento. Então, fitei novamente as ondas, únicas conhecedoras de minha dor imensa. Agora já não as via mais. Tinha os olhos empanados de lágrimas... chorava... chorava. Chorando, esquecendo tudo e lembrando apenas você... você... você...

Esperei, meu amor... esperei-o em vão horas seguidas, momentos intermináveis... esperei sofrendo e chorando porque você, Carlos, a quem tão doidamente amo, você é cruel! Não voltou... e não voltará nunca...

Da eternamente sua.

\*\*\*

A vida é como a teia de aranha, quando arrebenta um fio, fica logo inutilizada.

S. Luís – CRovedo – 27/4/1960

\*\*\*

Se uma mãe pecou, é perdoada, pois as mães  
são santas e as santas não pecam...

S. Luís – CRovedo – 21/6/1960

\*\*\*

Clara, não podendo entender o que de belo você achou em minhas tolas reflexões é que deixo a você todo meu agradecimento e sincera admiração. Da amiga Mirtes 29/4/1960

\*\*\*

## REFLEXÃO

Subitamente como se impelida por uma força irreconhecível e ao mesmo tempo autoritária que me impele a tomar a pena e rabiscar um pouco o papel com frases soltas e totalmente desmembradas de beleza, mas confusas, como a própria adolescência. Queria ser o mar, o céu... não, não é bem isso... quem sabe se uma árvore solitária não vive melhor que o céu, o mar? Talvez...

Queria ser leve, flutuante! Ah! Se o vento me levasse através do mundo, se eu sentisse o ar das constelações a bafejar no meu rosto...

Não sei por que, mas gosto do impossível! Puxa, por que digo impossível? Por que existem as coisas monótonas e bobas? Por que todas elas acontecem? Como seria sublime se todo o impossível fosse possível, se um pensamento do nada se tornasse realidade... Por que estou escrevendo? Por nada, só pela vontade de viver um pouco do incontestável, de fugir à rotina paulatina das coisas terrestres, de subir ao impossível e nele entranhar-me, beber gota por gota do que nunca vi. Por que a torturante infelicidade vem, toda enjoadada e pedante para perturbar a instável quietude que aqui na terra só poderá assemelhar-se à felicidade, pois esta aqui não é possível? Que turbilhão de sentimentos em mim! Pareço-me uma Babel. Acho o feio bonito, quero viver no impossível, penso no nada como existente, e ao mesmo tempo tudo isso vira ao contrário.

Queria internar-me nas montanhas, ter a ilusão de estar rodeada de gigantes mudos, gordos intocáveis, indestrutíveis, a guardar-me, a mim, que junto de si pareço uma gota d'água no oceano.

Quero subir até as estrelas, banhar-me de sua luz e descer para o meu meio. Por que e para quê escrevi?

\*\*\*

A VIDA

*CRovedo*

*S.Luis, 27/4/1960*

A vida... O que é a vida? Um turbilhão de flores, lágrimas, sorrisos e sofrimentos? Talvez...

Escuto como se milhares de vozes, ecos gigantescos a dizer-me o que é a vida; mas...

não... são os gestos alucinantes dos tresloucados, ou o sorriso infantil, que me impedem de defini-la.

Uma névoa densa como a própria obscuridade de um cérebro doentio ou talvez a cegueira dos que amam, não deixam que eu pense ou enxergue.

Por que existe o mundo, a vida, lágrimas e sofrimentos? Sim, lágrimas e sofrimentos, mas também os poucos momentos de felicidade que compensam as más horas. Por quê?

A vida... sim, a vida...

Um retalho de coisas desconexas e inexplicáveis como as próprias palavras que escrevo? Para quê? Ora, não é a vida?

Saudades, tormentos, paixões, dores, sorrisos... Por quê? Mas... não é isso a vida? Quem sabe?...

\*\*\*

ERRO

Machado de Assis

Erro é teu. Amei-te um dia  
Com esse amor passageiro  
Que nasce na fantasia  
E não chega ao coração:  
Nem foi amor, foi apenas

Uma ligeira impressão;  
Um querer indiferente,  
Em tua presença, vivo,  
Morto, se estavas ausente,  
E se ora me vês esquivo,  
Se, como outrora, não vês  
Meus incensos de poeta  
Ir eu queimar a teus pés,  
É que, como obra de um dia,  
Passou-me essa fantasia.  
Para eu amar-te, devias  
Outra ser e não como eras.  
Tuas frívolas quimeras,  
Teu vão amor de ti mesma,  
Essa pêndula gelada  
Que chamas coração,  
Eram bem fracos liames  
Para que a alma enamorada  
Me conseguissem prender;  
Foram baldados tentames,  
Saiu contra ti o azar,  
E embora pouca, perdeste  
A gloria de me arrastar  
Ao teu carro... Vãs quimeras!  
Para eu amar-te devias  
Outra ser... e não eras...

\*\*\*

O amor não é cego. Quando se ama, os defeitos tornam-se qualidades na pessoa amada.

\*\*\*

Você é a causa de minha tristeza e só você poderá devolver-me a alegria – disse Heloísa a Abelardo.

\*\*\*

O amor nunca tem idade, está sempre nascendo.

\*\*\*

NOVO AMOR  
CRovedo  
*S.Luis, 29/4/1960*

I

Naquela manhã tão linda,  
Que reinava a primavera,  
Eu confiei em tuas palavras,  
Que palavras vãs, aquelas...

II

Dizias que me amavas,  
Amavas-me? Qual o quê!  
Então, por que me abandonaste  
E me fizeste sofrer?

III

Sim, sofri cruelmente  
Depois que me abandonaste,  
Mas, como era natural,  
Veio outro amor, o qual foi o contraste.

IV

Sim, o contraste do teu amor,  
Ambicioso, pérfido e mau,  
Este sim é como o céu,  
Límpido, doce e angelical.

\*\*\*

DIA DAS MÃES  
CRovedo  
*S.Luis, 29/4/1960*

I

Pois então não és tu  
Que ontem estava inspirada  
A fazer um rabisquinho  
À tua mãe amada?

II

E agora, mãos à obra,  
Pega a pena e vai escrever,  
Pois a boa menina não deixa



Para amanhã o que tiver de hoje fazer!

III

Por onde começar?  
Ora, a coisa mais natural  
É falar do Dia das Mães,  
Pois não é o assunto principal?

IV

E por que dia tão lindo?  
Fico eu admirada!  
Pois então não é o dia  
Da tua mãe adorada?

V

Sim, o dia da mamãezinha,  
A quem adoro com fervor,  
E é nesta poesia  
Que lhe dedico meu amor.

\*\*\*

Existem tantas mães no mundo,  
Da branca à amarelinha,  
Mas coisa que não existe  
É mãe igual à minha.

\*\*\*

## REFLEXÕES

Mirtes Matos

Incrível! Não pode acontecer!

Ah!... quantas vezes já não dissemos isso; quantas vezes desejamos que não acontecesse mesmo.

Eu acho o mundo cruel!

Seria sublime e verdadeiramente o ideal, se pudéssemos por um pozinho sobre aquela querida cabeça, para que esta pessoa gostasse um pouco da gente.

Garanto que as pessoas do mundo, todas, sem exceção, estão do meu lado.

Quantos sonhos irrealizáveis tomariam forma para vir ao mundo das coisas que existem em plena e perfeita felicidade.

Ah!... se a amargura não toldasse a face da terra, se nós fossemos inatingíveis por toda espécie de sentimentos torturantes...

Não! Assim não!

Seria ilícito, pois onde iriam abrigar-se: o Amor, que, malvado, constitui um pouco do nosso ser? O Ódio que destrói? A Inveja que corrompe? E a Indiferença, prepotente, gélida, solitária e antipática, atroz como ela só?

Não! Bem fez Deus em nos fazer imperfeitos e alvos fáceis para projéteis certos que, quando não matam, ferem demais.

Por que não somos felizes como a flor?

Gostaria de ter o perfume das rosas, a brancura do lírio e também (por que não?) um ou dois espinhos. 29/9/1959

\*\*\*

O meu grande amor  
Sem razão teve  
E eu peço por favor  
Que ele volte para mim.  
*CRovedo 3/12/1960*

\*\*\*

A mentira é necessária para enfeitar a verdade.  
*CRovedo 4/1/1961*

\*\*\*

ILUSÃO  
CRovedo  
*S.Luis, 3/5/1960*

I

Quando fico às vezes sozinha  
Começo logo a imaginar

Por que será...  
Que meu amor custa a chegar?

II

Fiquei assim pensando  
Até que algum passarinho cantou  
Será meu Deus...  
Que meu amor chegou?

III

E quando volto a mim  
Depois de longas horas de meditação  
Ouço ruídos, ouço passos...  
Abafados na escuridão.

IV

Não, é este vento frio e cortante  
Como meu próprio coração  
Que me faz pensar coisas de instante  
a instante...

V

Mas, de repente... um abraço...  
E meu coração quase parou  
E transida pela emoção  
Olho para Ele que chegou

\*\*\*

O tempo é o relógio da vida  
Diz um velho ditado;  
Coitado de quem tem  
Os seus ponteiros quebrados.  
*CRovedo S.Luis, 2/12/1960*

\*\*\*

A delicadeza é uma chave que abre todas as portas.

\*\*\*

A maior enfermidade do gênero humano é a Ignorância.

\*\*\*

NADAS – ERÓTICO

CRovedo

*S.Luis, 4/5/1960*

I

O amor que te dedico  
É como um jardim na primavera  
Só flores, folhas e heras  
Tão bonito!

Às vezes, também, parece  
Uma cascata borbulhante,  
Que cresce, e cresce...

Ou a um mar,  
Com seu incansável vai e vem  
torturante!

II

E o meu amor,  
É como uma nuvenzinha no céu  
Sempre a correr de léu  
em léu  
Ele tem o perfume das rosas  
e como as mães, tem o carinho  
mas, como é natural,  
tem também um ou mais  
espinhos!

\*\*\*

OLHOS VERDES

CRovedo

*S.Luis 2/5/1960*

I

Você conhece aqueles olhos?  
São os olhos do meu amado,  
São profundos e cismadores  
Mas, também, amargurados.

II

Qual a cor? Perguntam todos

São tão verdes como o mar!  
Ah! Olhos verdes, pensativos,  
Que tanto me fazem sonhar!

III

Olhos verdes, tentadores,  
Olhos que fazem pecar,  
Parecem duas esmeraldas  
Que não cessam de brilhar!

IV

Mas, quando estão zangados,  
Ah! É um horror!  
Já não são olhos verdes  
Porque mudam de cor!

V

Por isso, amor, nunca se zangue,  
Nunca tenha um só rancor,  
Porque, você zangado,  
Eles mudam de cor!

VI

E, mudando, já não são  
Aqueles olhos tão amados,  
Ficam frios e sem graça,  
Porque ficam amargurados!

\*\*\*

Aquele que não tem certeza de seus próprios pensamentos, procura fazer que os demais pensem da mesma forma para confirmar a si mesmo.

\*\*\*

VINCIT AMOR...

*Alberto Silva*

Vi-te e me viste. Que avidez cegava  
Os nossos olhos que a paixão enchia!  
Quanto mais eu te via, mais te olhava;  
E, em te me vendo olhar, mais eu queria...

Cabelo, colo, braços, te envolvia

Toda, na mesma comburente lava,  
Que nos meus olhos fúlgidos sentia,  
Que nos teus olhos, puros, chamejava.

E, por tão longo tempo nos fitamos  
Com tamanho fulgor e de tal arte,  
Que de tanto nos vemos nos cegamos.

Tu dizes que não podes olvidar-te;  
Eu, desde o dia em que nos contemplamos,  
Outra coisa não vejo em toda a parte.

\*\*\*

### FLORES E ESPINHOS

Temístocles Soares  
Quando ela passa airosa  
Requebrando como quê,  
Parece um botão de rosa  
Brincando de bambolê.

Seus sapatinhos tão altos  
Fazem tic-tac no chão,  
E, no meu peito, aos saltos,  
Sacode meu coração...  
E ela passa brejeira,

Acendendo em todos a fogueira  
Que há de ser seus carinhos...

Pois toda mulher formosa,  
Parece mesmo uma rosa  
Inclusive... nos espinhos!

\*\*\*

### ZELOS

*Zeferino Brasil*

De leve beijo as suas mãos pequenas,  
Alvas, de neve, e, logo, um doce, um breve,  
Fino rubor lhe tinge a face, apenas

De leve beijo as suas mãos de neve.

Ela vive entre lírios e açucenas,  
E o vento a beija e, como o vento, deve  
Ser o meu beijo em suas mãos serenas  
Tão leve o beijo como o vento é leve...

Que essa divina flor, que é tão suave,  
Ama o que é leve, como um leve adejo  
De vento ou como um garganteio de ave.

E já me basta, para meu tormento,  
Saber o que o vento a beija e que o meu beijo  
Nunca será tão leve como o vento!

\*\*\*

#### MELANCOLIA

*CRovedo*

*S.Luis 10/6/1960*

Ai... eu estou com melancolia...

Tão melancólica estou...

Estou tão só...

Só eu e a melancolia...

Para que esta melancolia

Tão profunda

Como a própria...

melancolia?

E ela me invade a alma

calmamente...

docemente...

E enfim canso de estar melancólica...

Pronto... já estou alegre...

A melancolia passou...

foi embora

tão depressa como chegou...

\*\*\*

#### DIA DOS PAIS

*CRovedo*

*S.Luis 12/8/1960*

Sendo hoje o dia dos pais,  
Dia grande, aliás... grandão,  
Temos que dar, a nossos pais,  
Qualquer coisa, ao menos um cartão!

A meu paizinho querido,  
Ao meu velho bonitão,  
Levo este cartãozinho,  
E, com ele, meu coração!

Aqui vão minhas palavras,  
Que transformei em poesia,  
Minha homenagem sincera  
A ti neste grande dia!

\*\*\*

O CÉU  
*CRovedo*  
*S.Luis 1/9/1960*

O céu, dizem, é Divino...  
Sim, isto pode ser,  
Pois só as mãos de Deus  
Poderiam o céu fazer!

Quando no céu aparece a lua,  
Todos os olhos se voltam para lá,  
E todos extasiados exclamam:  
Como é linda a noite de luar!

Mas, você já prestou bem atenção  
A um céu sem luar?  
Pois olhe, é um encanto  
Ver mil estrelinhas a piscar!

Umhas maiores, outras menores,  
Todas ajudam a embelezar  
Este céu maravilhoso  
Que nunca me canso de olhar!

E, quando estou um pouco triste,  
Olho o céu, e vou sonhar  
Para ter nos meus sonhos



## Uma linda noite de luar!

\*\*\*

### MEUS SONHOS

*CRovedo*

*S.Luis 8/9/1960*

Ninguém está satisfeito com seu modo de vida, nem com a sua posição, nem com o seu emprego; nesta vida nunca ninguém está satisfeito; é uma verdade. Eu sou uma; às vezes penso... se eu fosse um passarinho, ou uma borboleta... corria o mundo, ia daqui pra lá, voltava, ia, não dava contas a ninguém. Hoje via o Japão, amanhã a Rússia (só que lá é mais difícil), a Itália, enfim o mundo!

Imagina eu, um passarinho (ou uma borboleta, conforme o gosto de cada um), comendo uma cereja no Japão, vendo as gueixas e, depois, sayonara, voava, voava... chegava na Síria, saboreava uma tâmara, e...

Ah! Mas isso é só em sonho! Meus sonhos maravilhosos em que eu viajo pelo mundo inteiro, dormindo ora num iglu, ora numa tenda de índios – tudo isso se resume em uma só palavra – sonho.

Tudo em minha vida é sonho, desde a minha idade, que é a dos sonhos, até... Tudo –.

Em minhas viagens, eu, transformada em passarinho, eu feito princesa, eu feito flor, eu...  
chega! Se for dizer tudo que fui em sonho não acabo.

Como digo eu, esta vida é um sonho – e pobre de nós se não fosse.

Pobre de quem não sonha!...

\*\*\*

### A PRIMAVERA

*CRovedo*

*S.Luis 16/9/1960*

As estações do ano são bem parecidas com as nossas, pois eu as compreendo assim: Verão – tenra idade – Primavera – adolescência – Outono – maturidade – Inverno – velhice, será que estou certa?

A Primavera, por exemplo, vem cheia de alegria, de beleza, de suavidade; como ela enche o mundo de alegria, nós, na nossa, fazemos o mesmo!

A Primavera é a melhor época para ambas as estações. Ela é a reunião de tudo de belo no mundo: amor, sonho, poesia, flores, etc...

Quantas vezes uma velhinha, ao chegar a Primavera, lembra-se de seu tempo de mocidade, e chora, às vezes de tristeza, às vezes de alegria...

A Primavera chega irradiando alegria nas almas tristes, trazendo beleza a tudo e a todos, felicidades, cobrindo a terra com um imenso tapete verde!...

O que acontecerá na alma de todos na Primavera?

Quem saberá decifrar um sorriso dos lábios da juventude na Primavera?

Só o tempo! E é esse tempo que leva a maravilhosa Primavera, e nos traz o Inverno!

O Inverno que para mim corresponde à nossa velhice, às vezes tão triste, tão só!

O Inverno... o tempo é feio, coberto de gelo – tudo gelado, até os corações e as almas! Só fio e solidão...

Porém, também passa esse tempo, mas muitas vezes quem está no Inverno da Vida, não olhará a outra Primavera que chega!

\*\*\*

A MINHA LUZ  
*CRovedo*  
*S.Luis 16/9/1960*

A minha vida vazia,  
Sem ninguém, muito triste,  
Porem tudo mudou  
Quando um dia apareceste!

Tu foste para mim  
O bálsamo que acalma  
As dores externas,  
E também as da alma!

Estava no mar da vida,  
Perdida na escuridão,  
Quando de repente apareceste  
Iluminando meu coração.

E a minha vida, que era vazia,  
Muito cheia ficou  
De toda a tua luz  
E de todo o teu amor!

\*\*\*

IDA  
*CRovedo S.Luis*  
*20/9/1960*

Vai partir...  
Será que volta?  
Esperei confiante  
E lembrando a sua revolta...

Não queria ir,  
Não podia viver longe de mim  
Porém... nosso futuro, que seria?  
Sofrimentos e dores sem ?

Hoje parte...  
E eu, nessa incerteza...  
Ele lá, muito longe...  
Não vai trair-me por outra beleza?

Porém eu o espero, sem medo,  
Lembrarei suas promessas,  
Suas carícias, seus beijos  
E outras coisas, tais como essas...

\*\*\*

SÓ...  
*CRovedo*  
*S.Luis 27/9/1960*

Sou sozinha...  
Amor – não tenho nenhum

Esperarei sem cansar  
E um amor para mim há de chegar

É ruim, muito ruim  
Não ter com quem sonhar  
Mas um dia há de chegar  
E terei alguém para amar

E aí meus sonhos  
Coisas belas serão  
Pois farei coisa diferente:  
Sonharei com o coração.

\*\*\*

#### INCERTEZA

*CRovedo*

*S.Luis 27/9/1960*

Em minha alma  
Uma dor profunda  
Cruciante, tenaz, pungente,  
Que te tristeza logo inunda

No pensamento não acho,  
É uma grande confusão,  
Não sei que penso, que faço...  
Nem se tenho coração...

Passada toda a aflição  
Daquilo que tinha, no ser,  
Voltei às coisas normais,  
Que todos devem ter.

\*\*\*

#### POR UMA MENINA MORTA

(ELEGÍACO)

*CRovedo*

*S.Luis 29/9/1960*

Menina, pobre menina,  
Anjo bom, doce candura,  
Que fizeste tu

Para tanta desventura?

Quando sorrias confiante,  
Pobre anjo inocente,  
Nem pensavas no futuro  
E dormias docemente.

Fez bem, pobre menina,  
No futuro não pensar  
Pois então descobririas  
Que tua vida ia parar.

Hoje, a doce vida  
Deixou a pobre criança,  
Foi viver em outro mundo  
Onde só há esperança.

Por entre velas e flores  
Repousa serena e calma,  
Menina doce menina,  
Onde estará tua alma?

\*\*\*

Se tudo que penso de você  
Você pensa de mim,  
Coitados de nós dois,  
Qual será o nosso?  
*CRovedo S.Luis 3/12/1960*

\*\*\*

A felicidade é como o fruto: quando está  
maduro, cai do pé.  
*CRovedo S.Luis 26/12/1960*

\*\*\*

Quem quiser seguir-me, renuncie a si mesmo e tome a sua cruz. (Mt. 16,24)

\*\*\*

INGRATIDÃO

*CRovedo*  
*S.Luis 20/10/1960*

Deus meu  
uma desgraça  
aconteceu  
Meu amor  
traiu o meu.  
E meu coração  
sofre por  
tanta ingratidão  
daquele que  
dizia ter  
por mim  
grande amor.  
Coitado de quem  
é ferido  
pela ingratidão  
de alguém.

\*\*\*

TRISTEZAS  
*CRovedo*  
*S.Luis 20/10/1960*

Ruas imundas,  
Tormento, solidão...  
Neste mundo nada é real  
Tudo pura ilusão...

Alguém que diz ter  
Uma alma, um coração  
É mentira, não tem nada  
Todos só têm ilusão...

Ruas tristes,  
idênticos corações  
dos que precisam  
da luz da razão.

Foi-se a vida...  
Para eu servi viver tanto, tanto,  
se viveu só na amargura

no desespero e no pranto?

\*\*\*

TEU AMOR  
*CRovedo*  
*S.Luis /10/1960*

Um amor louco  
Me devora o coração,  
A alma, o ser...  
Não sou nada então

E desesperada procuro  
No deserto da tua alma  
Uma coisa que suaviza, que acalma...  
Mas só acho desilusão,

Sufrimento, pesar,  
Que fazer então  
Se só queres magoar?  
E meu pobre coração,

Tão cansado de sofrer  
Precisa de um amor  
Mas não igual ao de  
Você!...

\*\*\*

DELE... PARA ELA  
*(Acróstico)*  
*CRovedo*  
*S.Luis 23/10/1960*

Contemplando o teu rosto  
Lindo e de rara beleza,  
Aos teus pés ponho uma rosa  
Rubra como teus lábios de cereja  
A de poderes me amar...

Menina que meus sonhos  
Ainda não quis deixar,  
Razão do meu viver,

Inda não me queres amar?  
Assim prefiro morrer!...

\*\*\*

MULHER  
*CRovedo*  
*S.Luis 23/10/1960*

Mulher tentadora,  
Irradiando poesia,  
Lembras, ó doce mulher,  
O lindo nascer do dia!

Teus olhos tão profundos...  
Tão profundos como um mar,  
São raras preciosidades  
Para no coração guardar...

Uma rosa em botão,  
Eis que teus lábios são!  
Tanto, bons para olhar,  
Como também para beijar.

És um pedaço do céu,  
Tão bonita e angelical,  
Que devias ficar  
Como uma santa: no pedestal!...

\*\*\*

REBENTO AMADO

Vieste entre beijos,  
Filho amado,  
A ser o príncipe encantado  
Do nosso reino de ilusões

Quando desperto  
Ou quando em sono,  
Encontrarás teu berço trono



Em nossos próprios corações

Chamas de amor em nós ateias  
És a esperança renascida;  
Tens nosso sangue em tuas veias  
E nossa vida em tua vida!...

\*\*\*

## MEU PRIMEIRO AMOR

*CRovedo*

*S.Luis 28/10/1960*

Os pássaros cantando, o mundo sorrindo, tudo belo e claro, anunciavam a chegada do meu primeiro amor! Quantas vezes imaginava... quem seria? Onde? Quando? Tudo, como um grande remoinho, fazia meu cérebro, infantil e ingênuo, não parar; pensamentos se entrecrocavam, sonhos faziam-se e desfaziam-se, quase instantaneamente.

Achava tudo tão belo, tudo tão azul... olhava tudo com tão bons olhos, que quase fiquei separada do resto do mundo. Meu primeiro amor chegou tão depressa que não tive tempo de parar de sonhar e quando os dois se misturaram, o amor e o sonho, se antes já considerava o mundo uma coisa espantosa, aí mesmo que passei a imagina-lo... nem sei como! E minha imaginação acabou por cegar-me; cegou-me tanto que não vi meu amor sorrindo à outra, falando com a outra, falando na outra, enfim, tudo era a outra!...

E eu, boba, cega de imaginar o mundo perfeito e todos tão bons, acabei sendo ludibriada pelo destino. Primeiro amor!... será que foi? Talvez não, uma atração passageira que não deu para chegar ao coração!

Não importa, tudo passa, o tempo é o melhor remédio que conheço...

\*\*\*

POESIA INACABADA

*CRovedo*

*S.Luis 28/10/1960*

Vínhamos  
de

mãos  
dadas  
e meu  
coração...  
Pronto!  
Faltou-me  
A inspiração.  
A poesia  
fica  
inacabada  
então...  
Não falem,  
não digam  
nada  
pois isto  
é minha  
invenção!

\*\*\*

PRIMEIRO AMOR  
*CRovedo*  
*S.Luis 28/10/1960*

Todos cantavam... o mundo sorria  
Todos se alegravam... para quem seria?

Um dia descobri... era para mim  
Que cantavam e sorriam assim

Era a primavera no meu coração  
Seria... o primeiro amor, então?

Depois... tudo acabou  
E chorei o que passou

Veio a indiferença... que sofrimento!  
Meu Deus... que grande tormento!

Primeiro amor... será que foi? Talvez não...  
Uma atração passageira que não chegou ao coração!...

\*\*\*

## REFLEXÕES

*CRovedo*

*S.Luis 7/11/1960*

Durante todo o começo do mês, deixei que meu cérebro descansasse um pouco. Nesses dias, porém, acho que descansou muito e está um tanto preguiçoso. Nada pensava, nada escrevia, vontade muita, assunto... Pouco.

Mas, algumas vezes, sem nós querermos, as palavras saem como se voando e vão pousando lentamente no caderno, sem que a gente note; no , às vezes, sai uma bobagem, mas às vezes pode sair qualquer coisa que se aproveite.

A maior parte das pessoas não entende porque escrevemos coisas tão diferentes umas das outras, frases que não se completam e finalmente...

Tudo sem nexos; quem quiser saber, a mim não perguntem, pois nem eu mesmo sei explicar. Mas, nem por isso poupo lápis e papel; como já disse, posso escrever muitas bobagens, porém no meio delas deve haver qualquer coisa de bom!

\*\*\*

PAUSA

*CRovedo*

*S.Luis 7/11/1960*

Vontade muita

Assunto pouco

Se penso... nada escrevo

Se escrevo... nunca presta!

Porém algumas vezes,

Em horas... como esta,

Brotam frases... aéreas

Como se soltas ao vento...

De que falam?

Você não sabe? Só eu sei!

... Porém há uma coisa:

– A ninguém nunca direi!...

\*\*\*

Mãe é a gota [fonte] d' gua que fertiliza o deserto da vida! - *CRovedo S.Luis*  
7/11/1960

\*\*\*

Maravilhoso  
Amor  
Eterno!

\*\*\*

AUSÊNCIA  
*CRovedo*  
*S.Luis 12/11/1960*

Na escuridão do meu quarto  
Sofro só... sem alguém...  
Choro a tua ausência  
Como nunca... por ninguém...

Partiste... triste fiquei...  
Na solidão desta noite  
Até as lágrimas acabei

E, nesta ansiedade louca,  
Minh'alma a chamar por ti  
Grita e morre rouca...  
Sem forcas para resistir!

Levanto o rosto... para que?  
Se tudo que vejo aumenta meu desejo  
Meu pesar... meu sofrer...

Então...  
Faz-se ouvir um longo e doloroso suspiro  
Cortando aquele silêncio  
aquela solidão...

Com esta ausência tua, o que fizeste?  
Não muita coisa, somente isto:  
Mataste um coração!...

\*\*\*

SE  
*CRovedo*  
*S.Luis 13/11/1960*

Estou simplesmente arrasada  
Sem ter ânimo para nada  
Tenho a alma em pandarecos  
E o coração em cacarecos  
Se pudesse fugiria,  
A ninguém nada diria,  
Dias depois voltaria,  
Nunca alguém saberia  
O drama que eu vivia..  
Aquele que me amaria  
Que foi tudo que eu queria,  
Por mim nada faria.  
Porém ficou tudo diferente  
Quando me deu um beijo ardente!  
Eu que não queria,  
E que não perdoaria  
Se me abraçasse...  
Me beijasse...  
Hoje peço com fervor  
Que me dê o seu amor  
Sem minhas súplicas ouvir  
Diz que para ele deixei de existir!  
E com lágrimas sentidas  
Encerro um amor de minha vida!

\*\*\*

DESPEDIDA  
*CRovedo*  
*S.Luis 13/11/1960*

Na alvorada  
daquele dia sombrio  
sem ninguém... tudo vazio...  
um galo cantava o seu desafio.  
Os primeiros raios de sol  
já brincavam no céu  
com as nuvenzinhas  
que corriam ao léu.  
Pouco depois entrava

pela janela, naquele quarto  
onde sozinho estava,  
um... apaixonado  
quem o visse... coitado  
triste... solitário  
escrevendo... o seu diário.  
E o raio muito esperto  
leu o que estava escrito:  
My love, good bye  
coisa bem triste havia visto!  
Cabisbaixo o raio voltou  
e, pensando, disse:  
como dói um adeus de amor!...

\*\*\*

### SAUDADES

*CRovedo*

*S.Luis 14/11/1960*

Como são tristes  
as lágrimas da saudade  
que escorrem pela face...  
só quem chora  
pode saber a dor que sente  
naquela hora.

Sem querermos, vão caindo,  
Sem que notemos, com elas  
Os sofrimentos vão saindo.

Mas... as saudades do ausente  
Nunca as acompanham  
Sempre ficam na alma da gente.

\*\*\*

### COMO FAZER UM BELO POEMA

*CRovedo*

*S.Luis 17/11/1960*

Para fazer um belo poema  
pense primeiro.  
Depois, pouco a pouco,

vá tirando do mundo,  
algo de triste, de belo... de alegre...  
e não se importe, tire...  
uma gota de orvalho  
da flor...  
o último beijo do sol  
numa nuvem alva  
e macia...  
ou então, a alvorada  
de um novo dia...  
o farfalhar das folhas...  
o sussurro da brisa...  
do céu tire a cor,  
apanhe frases soltas no ar...  
isto é muito importante:  
deixe a rima faltar.  
Por acrescente  
algo de grande,  
de sublime...  
... como o Amor...  
A poesia, então, ficará completa.  
Guarde-a entre pétalas murchas  
e recordações queridas...  
Ela permanecerá toda a vida  
muito bem escondida.  
Porém... se algum dia  
alguém achá-la  
com toda certeza dirá:  
Escondê-la foi... covardia.

\*\*\*

O AMOR  
*CRovedo*  
*S.Luis 29/11/1960*

Todos falam; você me explica;  
porque, se você nem sabe,  
no tudo se complica  
Um doce delírio que nos envolve?  
Um sentimento puro que nos comove?  
Não sei!...  
Mas, sinto-o bem aqui,  
lá no fundo e ele

chega a envolver todo o mundo!...  
Muitas vezes, profundo, doce...  
outras, atroz, cheias de dor...  
Porém, todos sonham  
todos querem, ninguém vive  
sem o... Amor!...

\*\*\*

O AMOR

*CRovedo*  
*S.Luis 30/11/1960*

O Amor... o que se compreende por Amor? O Mundo? A Vida? Todos?

Os poetas deixam nos seus versos de amor sua alma, seu coração. As mães, nos seus filhos, para seus filhos, por seus filhos, se transformam em Amor!

Como cada face que existe no mundo, há uma diferente espécie de amor. A natureza é Amor.

Casais, amantes, noivos, pássaros, flores, vida, mundo – Amor!

Essa é a palavra bendita do mundo; é o doce sentimento que sentimentos, sem mesmo saber por quê.

Pra que a vida? Perguntam alguns. Para o Amor, respondo eu! Vocês não acham? Para que adiantaria viver se não fosse para o Amor? Todos vivem para o Amor: as freiras e padres, para o Amor de Deus; os casais, para seu par; o solteirão – ora, para seus animais de estimação ou algum amor impossível. Quem não ama não vive, pois a Vida é o Amor.

\*\*\*

VEM  
*CRovedo*  
*S.Luis 3/12/1960*

Inspiração  
Vem para mim  
Que eu quero fazer  
Poesias que não tenham



Se eu pudesse faria  
Uma coisa linda, diferente,  
Uma coisa que tocasse  
No coração, na alma da gente

Se conseguisse transformar  
Tudo o que sinto em poesia  
Você seria o primeiro  
A quem as mandaria

\*\*\*

ELA  
*CRovedo*  
*S.Luis 3/12/1960*

Era ela... Sim, eu bem o sabia... Era ela!  
Mas por quê? Nós que vivíamos tão bem!  
Tudo começou por um nada, porém...  
Tinha de começar... Sim, foi ela, mas um  
não vivia sem outro! Mas ela veio estragar  
tudo! Mas... Por que, se vivíamos tão bem?

Impossível! Como eu o amava! Porém... Ela  
apareceu e... Aconteceu!

\*\*\*

Os meus dias risonhos:  
os que passo com você.  
Os meus dias tristonhos:  
Os que passo sem te ver!  
*CRovedo 3/12/1960*

\*\*\*

Se o que tenho no coração  
Você pudesse ler,  
Acreditaria realmente  
Que gosto muito de você.  
*CRovedo 3/12/1960*

\*\*\*

ELE  
*CRovedo*  
*S.Luis 3/12/1960*

Todo ele é uma perfeição  
desde os seus cabelos  
negros... negros...  
como o carvão...  
até... seus pés mimosos  
que não parecem  
tocar no chão.  
Seus olhos... oh!  
(olhos que fazem sonhar)  
são negros... negros...  
como as noites sem luar.  
O meu amor é assim  
lindo... perfeito...  
e carinhoso para mim - Ele (F.P.)

\*\*\*

CHUVA  
*CRovedo*  
*S.Luis 11/12/1960*

A palavra... chuva...  
não sei bem porque,  
traz-me uma tristeza infinda,  
talvez... porque lembra-me você.

Recorda-se?  
Foi num dia chuvoso  
A nossa despedida.  
Pra mim foi tenebroso.

Eu já tanto sofria  
Que nada mais sentia  
Não adiantava chorar...  
Para que?

Já não havias tu  
Para me consolar...  
Que dia triste!

Além da nossa despedida,  
Na qual levaste a minha vida...  
Chuva...

\*\*\*

ABANDONO  
*CRovedo*  
*S.Luis 17/12/1960*

Era uma longa estrada... Escura...  
Sim... E eu tinha  
De percorrê-la só  
Sozinha... Perdida na amplidão... No vácuo...  
Queria apoiar-me em algo...  
Não encontrava...  
Procurava um apoio... Em vão...  
Solidão...  
Minh'alma transformava-se... Toda ela  
Gelava... O horror... O medo...  
A longa estrada é minha vida...  
E... Tu saíste dela...

\*\*\*

POR QUÊ?  
*CRovedo*  
*S.Luis 8/1/1961*

Por que não tem  
este amor que te dedico?...  
Por que se não te vejo  
entediada fico?  
Por que te chamo  
a todo momento?  
Por que não acaba  
este grande tormento?  
Por que não morre esta paixão,  
se dia a dia enraíza mais  
em meu pobre coração?  
Por que desejo os teus carinhos,  
que pouco a pouco vão-me  
prendendo, de mansinho?  
Por que?...

\*\*\*

VOCÊ  
*CRovedo*  
*Paranaguá 6/2/1961*

Fico a cismar pensando em você  
Seria covardia não lhe dizer  
Fico horas a fio sofrendo  
pedindo você  
A vida me nega tudo...  
alegria...  
você...  
No meu sofrer... tenho uma alegria...  
Você...

\*\*\*

MEU PORTO  
*CRovedo*  
*S.Luis 28/2/1961*

...Não posso...  
Tua presença em meu pensamento  
não deixa que eu escreva  
aquelas palavras loucas  
que moram em minha alma,  
habitando-a aquela ilusão:  
teu amor!  
Mesmo assim, sinto-me em teus braços,  
como um barco que acha  
um lugar seguro  
no meio da tormenta.  
Como um sonho o porto se distancia  
mais e mais...  
Triste como uma saudade,  
vai teu amor também  
e eu, barco teimoso, quero encalhar em ti  
mas... é impossível...  
o mar te reclama... tu o preferiste... vai...

.....

Serei então um barco afundando em pleno  
porto!

\*\*\*

DESEJO  
*CRovedo*  
*S.Luis 28/2/1961*

Desejaria estar agora aconchegada a ti,  
sentindo o palpitar do teu coração, que,  
nesses momentos o sinto  
todo meu!

Desejaria estar contigo,  
vendo o luar banhar o mundo  
que dorme,  
exceto nós dois...

Quando juntos, mesmo que  
durmam nossos corpos  
nossos pensamentos e nossas almas  
ficam acordados  
trocando juras de amor!

Queria estar contigo, e eis-me aqui,  
neste leito frio,  
tão frio,  
como era meu coração, antes  
de ter teu amor!...

\*\*\*

ILUSÃO  
*CRovedo*  
*S.Luis 28/2/1961*

Na rua escura da minha vida  
apareceste quando  
eu dobrada a esquina  
das ilusões.

.....

eis o que foi nosso amor.

\*\*\*

DESABAFO  
*CRovedo*  
*S.Luis 3/3/1961*

Partiste como ave de arribação  
deixando um ninho  
cheio somente de penas  
sem consolação.

Fingiste não notar minhas mudas súplicas,  
às vezes tão eloquentes que,  
meus olhares falavam  
dizendo o que meus lábios  
calavam.

Fingiste não ver meus olhos embaciados  
pela dor da perda...  
Minha alma também,  
ficará assim daqui por diante.  
E não voltaste...

\*\*\*

DESEJO ESTRANHO  
*CRovedo*  
*S.Luis 3/3/1961*

Sinto um desejo estranho  
de estar junto a ti  
é um desejo tamanho  
que quase morro ao sentir.

Como se tudo parasse –  
só meu coração a pulsar...  
se tu o escutasses  
talvez viesses matar  
o meu estranho desejo  
tão doce como um beijo,  
mas, ao mesmo tempo,  
tão amargo, como só  
eu mesma sei...

Aos poucos foi-se indo,

e quando vens aqui  
já não sinto o desejo estranho  
que tanto desejava sentir,  
para veres como é  
o meu grande amor  
por ti!

\*\*\*

TEUS OLHOS  
*CRovedo*  
*S.Luis 5/3/1961*

Céu de inverno – teus olhos!  
Cinzentos, como nesse dia o espaço;  
duros, frios e cortantes como o aço!  
misto de ternura, bondade...  
mas, com laivos de loucura, maldade...  
Teus olhos, se me olhassem com amor,  
eu só seria felicidade;  
mas, como me olham com rancor,  
eu sou só tristeza e saudade!

\*\*\*

DISTRAÇÃO  
*CRovedo*  
*S.Luis 5/3/1961*

Será que não notas?  
Por trás daquelas pedras  
há um regato puro e cristalino...  
No meio daqueles espinhos  
desabrochou, esplêndida, uma flor...  
Por trás daquelas nuvens cinzentas  
o eterno azul se faz presente...  
Será que não notas?  
Por trás desta indiferença,  
fria, mesquinha,  
está vibrante  
O meu amor!

\*\*\*

Se Colombo viesse ao mundo  
E visse o preço de um ovo  
Dava um suspiro profundo  
E caía morto de novo...  
Sem fumaças

\*\*\*

Quando um homem não cumprimenta outro, é porque não o conhece ou  
então o conhece  
demais...

\*\*\*

O homem pensa, a mulher adivinha.

\*\*\*

Não deixes para amanhã o que podes fazer depois de amanhã.

\*\*\*

Fazei o bem sem nenhum motivo de interesse pessoal. Confúcio

\*\*\*

A alma tem ilusões, da mesma maneira que uma ave tem asas; é isto mesmo  
que a sustenta. Victor Hugo

\*\*\*

Nunca vos ocorra fazer alarde da vossa desdita em presença de nenhum  
homem esmagado pela desgraça. Pitágoras

\*\*\*

Escrevi sobre uma cruz  
Nunca mais para ti olhar  
E cumpri o juramento  
Porque ceguei a chorar.

\*\*\*

Vi-te uma vez, deslumbrei-me,



Soube logo o que era amar...  
O que ocultas, feiticeira,  
No fundo do teu olhar?

\*\*\*

Adultério, minha gente,  
Como é fácil de se ver,  
É o que liga três pessoas  
Sem uma delas saber...

\*\*\*

Nasci. Foi sem contratempo.  
Cresci. Namorei às tontas.  
Casei. Passo agora o tempo  
Tentando pagar as contas...

\*\*\*

Beijo – substantivo comum.  
Próprio também, conforme a ocasião.  
Concorda com algum sexo  
e serve de conjunção.

\*\*\*

Muito pior que achar um bicho  
se retorcendo no seio  
de uma fruta que se come,  
é achar apenas meio.

\*\*\*

Desconfiança... pois eu digo:  
fica-se mais desonrado  
em desconfiar de um amigo  
que ser por ele enganado...

\*\*\*

Um dia me deu vontade  
De fazer não sei o que  
Então peguei a pena

E me pus a escrever.

\*\*\*

Só os fatos sabem ser indulgentes. Victor Hugo

\*\*\*

Não ergas jamais a espada sobre a cabeça daquele que pede perdão.  
Provérbio árabe

\*\*\*

Quem anda em paz com a consciência nada tem a temer. Justus

\*\*\*

Quem o inimigo poupa, nas mãos lhe morre.

\*\*\*

Nosso inimigo é geralmente aquele a quem devemos ou que nos deve gratidão.

\*\*\*

Nenhum elogio deve parecer mais merecido do que aquele que sai da boca de um inimigo.  
Provérbio árabe

\*\*\*

### À ESPERA

*J.G. de Araújo Jorge*

Ela tarda ... e eu me sinto inquieto quando  
julgo vê-la surgir, num vulto, adiante,  
- os lábios frios, trêmula e ofegante,  
os seus olhos nos meus, linda, fitando...

O céu desfaz-se em luar... um vento brando  
nas folhagens cicia, acariciante,  
enquanto com o olhar terno de amante  
fico à sombra da noite perscrutando...

E ela não vem... Aumenta a ansiedade:  
- o segundo que passa e me tortura,  
é o segredo sem da eternidade.

Mas, eis que ela aparece de repente!...  
- e eu feliz, chego a crer que igual ventura  
bem valia esperar eternamente!

\*\*\*

POESIA SEM POESIA  
*CRovedo 6/3/1961*

O mar profundo e verde  
Bate nas pedras frias e pretas  
Daquela praia de areias brancas e finas...  
Ó mar, pergunto eu,  
Quando deixarás esse teu incansável trabalho?  
E ele responde: quando os homens  
forem fiéis e as mulheres constantes.  
Então mar, tenho pena de ti  
pois os homens e as mulheres são tão fiéis  
e constantes...  
O vento úmido e cortante  
bate nas encostas altas e barrentas  
e vai até aquela floresta verde e majestosa.

\*\*\*

Meu querido caderno, só a ti posso dizer como sinto que termina o meu  
querido ginásio hoje 14 de novembro foi para mim um dia cheio de tristeza e  
de saudade que espero não esquecer. *CRovedo 14/11/1960*

\*\*\*

Não há novidades.

*CRovedo S.Luis 3/12/1960*

\*\*\*

Como já tenho meu diário, não vou mais escrever aqui.  
*Claroça S.Luis, 26/5/1961*

\*\*\*

*Se acaso alguém achar este caderno, fazer o favor de entregar a: Clara Maria Boabeyd Rovedo, Rua Nina Rodrigues, 489, Tel: 19-06, São Luis – Maranhão – Brasil.*

*CRovedo S.Luis 30/5/1961*

## DADOS BIOGRÁFICOS



Nascido no ano de 1942, o escritor e poeta Salomão Rovedo tem sua formação cultural em São Luis (MA). Reside atualmente no Rio de Janeiro.

Participou de movimentos poéticos e políticos nas décadas 60 a 80, tempos do mimeógrafo, das bancas na Cinelândia, das manifestações em teatros, bares, praias e espaços públicos.

**Textos publicados:** *Abertura Poética* (Antologia), Walmir Ayala/César de Araújo (1975); *Tributo* (Poesia), edição do Autor (1980); *12 Poetas Alternativos* (Antologia), Leila Mícolis/Tanussi Cardoso (1981); *Chuva Fina* (Antologia), Leila Mícolis/Tanussi Cardoso-Trotte (1982); *Folguedos*, com Xilogravuras de Marcelo Soares (1983); *Erótica*, com Xilogravuras de Marcelo Soares (1984); *7 Canções* (1987).

**E-books do escritor:** *A Ilha, Chiara, Gardênia* (Novelas); *A apaixonada de Beethoven, A estrela ambulante, Arte de criar periquitos, O breve reinado das donzelas, O sonhador, Sonja Sonrisal* (Contos); *3 x Gullar, Leituras & escrituras, O cometa e os cantadores / Orígenes Lessa personagem de cordel, Poesia de cordel: o poeta é sua essência, Quilombo, um auto de sangue, Viagem em torno de Cervantes* (Ensaios); *20 Poemas pornos, 4 Quartetos para a amada cidade de São Luis, 6 Rocks matutos, 7 Canções, Amaricanto, Amor a São Luís e Ódio, Anjo pornô, Bluesia, Caderno elementar, Erótica* (com xilogravuras de Marcelo Soares), *Espelho de Vênus, Glosas Escabrosas* (com xilogravuras de Marcelo Soares), *Mel, Pobres cantares, Porca elegia, Sentimental, Suíte Picasso* (Poesia); *Cervantes, Quixote e outras e-crônicas do nosso tempo, Diários do Facebook, Escritos mofados* (Crônicas); *Cancioneiro de Upsala* (Tradução e notas), *Meu caderno de Sylvia Plath* (Cortes e recortes), *Os sonetos de Abgar Renault* (Antologia e ensaios), *Stefan Zweig - Pensamentos e perfis* (Seleção e ensaios); **Inéditos:** *Geleia de rosas para Hitler* (Novela), *Stefan Zweig - A vida repartida* (Ensaio).

**E-books de "Sá de João Pessoa"** (Pseudônimo): *Antologia de Cordel 1, Antologia de Cordel 2, Antologia de Cordel 3, Antologia de Cordel 4, Macunaíma em cordel, Por onde andou o cordel? Folhetos de cordel; jornalzinho de poesia Poe/r/ta.*

**Colaboração esparsa:** *Poema Convidado* (USA), *La Bicicleta* (Chile), *Poética* (Uruguai), *Alén* (Espanha), *Jaque* (Espanha), *Ajedrez 2000* (Espanha), *O Imparcial*

(MA), *Jornal do Dia* (MA), *Jornal do Povo* (MA), *Jornal Pequeno* (MA), *A Toca do (Meu) Poeta* (PB), *Jornal de Debates* (RJ), *Opinião* (RJ), *O Galo* (RN), *Jornal do País* (RJ), *Leitura* (SP), *Diário de Corumbá* (MS) – e outras ovelhas desgarradas.

---

**E-books disponíveis em:** [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br) - [www.projetolivrolivre.com](http://www.projetolivrolivre.com)

**Endereço:** Rua Basílio de Brito, 28/605 - Cachambi - CEP 20785-000 - Rio de Janeiro, Brasil - Telefone: (21) 2201-2604.

**Contato:** [rovedod10@hotmail.com](mailto:rovedod10@hotmail.com), [rovedod10@yahoo.com.br](mailto:rovedod10@yahoo.com.br), [rovedod10@gmail.com](mailto:rovedod10@gmail.com)

**Blog:** <http://salomaorovedo.blogspot.com.br/>

---

**Direitos autorais:**

Este trabalho está licenciado sob Licença Creative Commons - Atribuição-Compartilhamento pela mesma licença 2.5 Brazil: <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.5/br/> - Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA. **Observação:** Após a morte do autor, os direitos autorais retornam para seus herdeiros naturais.